



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lúcia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente



COORDENADORA DA COLEÇÃO:

Tania Mara Galli Fonseca

CONSELHO EDITORIAL:

Andréa Vieira Zanella, Cecília Bouças

Coimbra, Daniel Lins, Denise Bernuzzi

Sant'Anna, Eugenia Vilela, José Nuno Gil,

Jusamara Souza, Luis Gomes, Luiz B. L.

Orlandi, Maria Elizabeth Barros,

Marisa Lopes da Rocha, Peter Pál Pelbart,

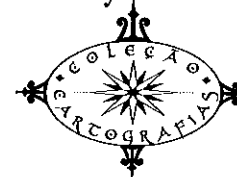
Sandra Mara Corazza e Suely Rolnik

CARTOGRAFIA SENTIMENTAL

Transformações contemporâneas do desejo

2ª reimpressão

Suely Rolnik




UFRGS
EDITORA



Editora Sulina

© Suely Rolnik, 2006

Capa:
Carla Luzzatto

Coordenadora da Coleção:
Tania Mara Galli Fonseca

Projeto gráfico:
Carla Luzzatto

Editoração:
Niura Fernanda Souza

Revisão:
Mariane Farias

Revisão Técnica:
Iara Rolnik Xavier e Paula Freire Santoro

Impressão e acabamento:
Gráfica Pallotti

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

R773c Rolnik, Suely
Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo / Suely Rolnik. – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.
247 p.

ISBN: 978-85-205-0424-6
978-85-7025-852-6

1. Psicologia social. 2. Interação social. 3. Sociologia do conhecimento. I. Título

CDD: 302

306.4

CDU: 316.6

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editora MERIDIONAL
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 2364.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Editora da UFRGS
Ramiro Barcelos, 2500
Santa Cecília – Porto Alegre, RS
Cep: 90035-003
Fone/fax (51) 3308.5645 –
www.editora.ufrgs.br
www.livraria.ufrgs.br

Janeiro/2011

Para Lygia Clark

Índice

Prefácio à nova edição	11
Notas de abertura	23
I. Cartografia: uma definição provisória	23
II. Instruções de uso	24
Livro Um	
Desejo: perfil de um cartógrafo da atualidade	27
Capítulo I	
Desejo em três movimentos	31
1 Claquete: movimento um	31
2 Claquete: movimento dois	32
3 Claquete: movimento três	33
4 Claquete: variações do terceiro movimento	34
Intervalo	35
Capítulo II	
Desejo em três latitudes	39
1 Platô de latitude um	40
2 Platô de latitude dois	40
3 Platô de latitude três	41
Pausa	42
4 Platô de variações da latitude três	44
Pausa	45
Capítulo II	
Comparando as noivinhas	47

	Capítulo IV	
	Linhas de vida	49
1	Um	49
2	Dois	50
3	Três	51
4	A cartografia das linhas: uma, duas ou três?	52
	Capítulo V	
	Intimidade com o finito ilimitado	55
	Capítulo VI	
	Só há real social	57
1	Macropolítica	60
2	Micropolítica	60
3	Afinal, que espécie de vida pulsa no pensamento que reduz o desejo à individualidade?	62
	Capítulo VII	
	O cartógrafo	65
1	Manual do cartógrafo	67
2	O cartógrafo político	69
3	A ética do cartógrafo	70
	Capítulo VIII	
	O psicanalista cartógrafo	73
	Capítulo IX	
	Chegou a hora do cartógrafo sair a campo	77
	Livro Dois	
	A produção do desejo na era da mídia: anotações de um cartógrafo	79
	Capítulo I	
	A expedição do cartógrafo.....	85

	Capítulo II	
	Esplendor da produção do desejo na era da mídia: a esperança	87
	Capítulo III	
	A face oculta dos anos dourados	91
	Capítulo IV	
	A crise na subjetividade	95
1	Miséria da produção de desejo na era da mídia	95
2	O cartógrafo vai ao cinema e descobre a "América"	97
3	Síndrome de carência-e-captura	100
4	Viva a "América"! Viva a crise!	110
	Capítulo V	
	Roteiro de cartografias das noivinhas	111
1	O cartógrafo vai ao cinema e descobre o melodrama do "complexo de marido-e- amante"	111
2	Paranoia antirreal: a que-gora-e-resiste	125
3	A revanche da que-gora-e-gruda: o "coronel-em-nós"	154
4	O trauma da que-gora-e-resiste	159
5	"Síndrome do esquecimento": "a que-se-descola-no-exílio"	164
6	Correspondência entre o cartógrafo e a noivinha brasileira	169
7	A noivinha vai ao museu e descobre a "América" no Sul: a força do carnavalismo	177
	Capítulo VI	
	Últimas anotações no diário do cartógrafo: ele, agora, quer redescobrir a "América" no Sul	211

	Capítulo VII	
	Relatório final.....	217
1	Metamorfoses da noivinha	217
2	Síndromes.....	218
3	Complexos	218
4	Traumas.....	219
5	Impérios, continentes e países	219
6	Cidades.....	219
7	Estrangeiros devorados	220
8	Equipamentos e seus usos	224
	Notas de encerramento	229
I	Panorâmica ou mapa	229
	Livro um	229
	Livro dois	230
II	Declaração de intenções	231
1	O que quer o cartógrafo?	231
2	Como faz o cartógrafo?	232
3	Por que "noivinhas"?	232
	Referências bibliográficas dos estrangeiros	235

Prefácio à nova edição

Quando Tania Mara Galli Fonseca, diretora desta coleção, propôs reeditar *Cartografia sentimental*, confesso ter ficado um tanto reticente. Me perguntei para que fazer circular, a esta altura, o primeiro livro que publiquei após meu trabalho conjunto com Guattari¹, há mais de duas décadas. Qualquer que fosse a razão de minha dúvida, **um constrangimento diante de ideias elaboradas em outros tempos, ou a suposição de que as mesmas teriam perdido atualidade**, a insistência da editora me fez voltar ao livro. Para minha surpresa, descobri ali um registro do início do trabalho de investigação que venho empreendendo, desde os anos 1970, em torno da *micropolítica*, ou seja, das questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva. Este tipo de indagação se impôs a mim desde sempre, pela necessidade de enfrentar a difícil elaboração conceitual e existencial da dimensão micropolítica, bem como sua articulação com a macropolítica, nos embates entre as forças que permeiam a produção da realidade. Uma dificuldade que marca o modo de subjetivação, que herdamos da modernidade, portadora da tradição utópica que tantos estragos já causou. O empreendimento tornava-se indispensável pelo desejo de superar os resquícios dessa herança que ainda hoje nos estrutura e que nos faz alucinar paraísos e perder o pé nos processos reais. Superar, mais especificamente, uma característica própria deste modo de subjetivação, que consiste no constrangimento de nossa vulnerabilidade às forças do mundo em sua irredutível alteridade, condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens

se até Suely é insegura...

micropolítica

¹ Félix Guattari e Suely Rolnik, *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986 (7ª edição revista, 2005). Publicado na Espanha (Traficantes de Sueños, 2006) e com publicação prevista nos Estados Unidos (Semiotext/MIT, 2006), Argentina (Tinta Limón, Situaciones, 2006), França (Seuil, 2007), Venezuela e Áustria.

preestabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência.

Essa vulnerabilidade ao outro depende, para sua sustentação, de uma potência específica do sensível, cujo exercício encontra-se recalcado na mencionada política de subjetivação, mas tem se mantido ativo em uma certa tradição filosófica e poética que, hoje, encontra plena comprovação na neurociência. Segundo pesquisas recentes, cada um de nossos órgãos dos sentidos é portador de uma dupla capacidade, uma cortical e outra subcortical². A primeira corresponde à percepção, a qual nos permite apreender o mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos, de modo a lhes atribuir sentido. Essa capacidade, que nos é mais familiar, é, pois, associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem. Com ela, erguem-se as figuras de sujeito e objeto, as quais estabelecem entre si uma relação de exterioridade, o que cria as condições para que nos situemos no mapa de representações vigentes e nele possamos nos mover. Já a segunda, que por conta de sua repressão nos é mais desconhecida, nos permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo. É também neste livro que pela primeira vez chamei de “corpo vibrátil” precisamente essa segunda capacidade de nossos órgãos dos sentidos em seu conjunto.

² Ver Hubert Godard, *Regard aveugle*. In: *Lygia Clark, de l'oeuvre à l'événement*. Nous sommes le moule. A vous de donner le souffle. Rohnik, Suely & Discrens Corinne (org). Nantes: Musée de Beaux-Arts de Nantes, 2005. Tradução brasileira: *Olhar cego*. In: *Lygia Clark, da obra ao acontecimento. Somos o molde, a você cabe o sopro*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006. O texto é transcrição de uma entrevista que filmei com Godard no contexto de um projeto que venho desenvolvendo desde 2002, visando à construção de uma memória viva sobre as práticas experimentais propostas por Lygia Clark e sobre o contexto cultural brasileiro e francês onde tiveram sua origem. Os 56 filmes realizados até o momento foram objeto de uma exposição na França e no Brasil, da qual a publicação acima mencionada constitui o catálogo.

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Assim, movidos por esse paradoxo, somos continuamente forçados a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva.

O livro é escrito no âmago desse paradoxo, acompanhando uma sequência de cenas, da perspectiva dos dois tipos de olhar: primeiro por meio da percepção, ângulo mais habitualmente frequentado por textos ensaísticos, depois por meio do olho vibrátil, mais raramente convocado neste tipo de investigação. É na dinâmica entre esses dois olhares que nos é dado entrever o traçado de cartografias nos movimentos de criação da realidade de um determinado contexto histórico. Esta constitui a dimensão propriamente micropolítica do texto, sua natureza cartográfica.

Contudo, de que contexto se trata aqui? De fato, o livro não foi escrito num momento qualquer, mas nos anos 1980, quando o neoliberalismo se instalava por toda parte, promovendo uma mudança brutal da política de subjetivação. Desde então, tal processo tornou-se um dos principais focos de meu trabalho de cartógrafa, já que sua elaboração se impõe com a urgência de uma problemática a ser enfrentada no presente. Sabe-se que políticas de subjetivação mudam em função da instalação de qualquer regime, pois estes dependem de formas específicas de subjetividade para sua viabilização no cotidiano de todos e de cada um, onde ganham consistência existencial e se concretizam. Mas no caso específico do neoliberalismo, esta mudança adquire uma importância essencial, pois se situa no próprio princípio que rege o capitalismo em sua versão contemporânea. É que é fundamentalmente das forças subjetivas, especialmente as de conhecimento e criação, que este regime se alimenta, a ponto de ser qualificado como “capitalismo cognitivo” ou

“cultural”³, o que só hoje, passadas quase três décadas, podemos circunscrever com mais nitidez.

Escrito no calor dessa transição e de dentro de sua química na subjetividade, principalmente das mulheres, o livro é um testemunho da vivência das duas décadas de movimentos de resistência à sociedade disciplinar própria ao capitalismo industrial, os quais antecedem a instalação do novo regime e que resultam em um momento marcante do final do século vinte. Através de uma sequência de 24 figuras-tipo do feminino que funcionam como personagens conceituais, vamos seguindo cada passo deste processo. O ponto de partida é uma figura do feminino própria do regime fordista e disciplinar, em seu ápice nos anos 1950. O que vemos é uma mulher se movendo em sua identidade de “noivinha”, que a faz girar como um pião, se ondulando em torno da figura masculina, de onde extrai sua dignidade e toda sua possibilidade de estruturar-se psíquica e socialmente. A cena seguinte é a da violenta dissolução dessa figura em plenos anos 1960, arrastando junto com sua crise toda a estrutura da família burguesa, esteio do regime que naquele momento começa a perder sua hegemonia. Diante dessa crise, terá início a longa aventura de transformação da subjetividade da ex-noivinha, a qual se intensificará a partir dos 1960 e atravessará a segunda metade do século vinte. As figuras da subjetividade que então se delineiam seguem, uma após a outra, a sequência de transformações da estratégia do desejo produzidas naquele período.

Vislumbramos a gestação da “subjetividade flexível”⁴ e a radical experimentação de modos de existência que caracteriza

³ As noções de “capitalismo cognitivo” ou “cultural” situam-se no âmbito da pesquisa desenvolvida, a partir dos anos 1990, pelo grupo de pensadores ligados a Toni Negri e à revista *Multitude*. Ver especialmente Maurizio Lazzarato, *Les révolutions du capitalisme*. Paris: Seuil, 2004. Proponho um desdobramento destas noções no âmbito da política de subjetivação própria ao neoliberalismo, em alguns de meus ensaios recentes, entre os quais: Politics of Flexible Subjectivity. The Event-Work of Lygia Clark. In: Terry Smith, Nancy Condee & Okwui Enwezor. *Antinomies of art and culture: modernity, postmodernity and contemporaneity*. Durham: Duke University Press, 2006. Life for Sale. In: Adriano Pedrosa (org), *Farsites: urban crisis and domestic symptoms*. San Diego/Tijuana: InSite, 2005.

⁴ Desenvolvi a noção de “subjetividade flexível” em alguns de meus ensaios recentes (ver notas 3 e 9). Ver, igualmente, Brian Holmes, The Flexible Personality. In: *Hieroglyphs of the future* (Zagreb: WHW/Arkzin, 2002), online at: www.u-tangente.org (arquivo Brian Holmes).

essas figuras, inventadas naquelas décadas para implodir, no coração do desejo, o modo de vida burguês e sua política identitária. É dos movimentos de resistência a esse regime que o livro é feito, percorrendo as mutações micropolíticas da paisagem fordista ao longo de duas décadas. Como prospecção cartográfica desse momento histórico, o livro traz esses movimentos à tona, não em sua face visível – aquela dos fatos e dos modos de vida vistos desde sua exterioridade sociológica –, mas sim tal como foram vividos em seus efeitos na subjetividade das mulheres nos anos 1960 e início dos 70, especialmente no Brasil. O olhar não é do tipo que se debruça *sobre* as mutações vividas nesse processo, mas daquele que se constrói junto *com* elas e como *parte* delas. Um olhar vibrátil impregnado das forças que se agitam naquele período, cuja expressão, aqui sob a forma de livro, participa da construção dos territórios que então se fazem, pelo viés específico de sua cartografia conceitual.

Um dos momentos cruciais da vivência da noivinha é o embate entre contracultura e militância: duas vertentes de resistência da geração que moveu aquelas décadas, vividas tanto uma como a outra, com uma entrega e uma ousadia de ruptura num grau de intensidade que só se vê nesses felizes momentos históricos em que as forças da criação encontram uma possibilidade de sustentação coletiva para sua expressão. Um abismo instalou-se no Brasil entre essas duas vertentes, micro e macropolítica, num conflito inegociável que causou muito sofrimento àqueles que traziam em sua subjetividade a necessidade da luta em ambas as frentes, por uma questão vital. A memória desse conflito, como acontece diante de qualquer experiência traumática, foi encapsulada no esquecimento, dada a barreira psíquica erguida contra sua elaboração, situação que ainda hoje perdura nesta geração⁵, mas que vem sendo superada pelas gerações que passam a se expressar publicamente a partir da segunda metade dos anos 1990.

⁵ O abismo intransponível entre militância e contracultura e a dificuldade que se tinha no Brasil de reconhecer a potência política da arte e, portanto, o caráter político da experimentação cultural e existencial constitui um dos principais focos do projeto acima mencionado (ver nota 2).

Outro momento crucial é quando no Brasil, como na maioria dos países da América Latina, esses movimentos sofreram o violento impacto de ditaduras militares. De um ponto de vista micropolítico, o que caracteriza a política de subjetivação de tais regimes, sejam eles de direita ou de esquerda, é o enrijecimento patológico do princípio identitário. A fim de se manterem no poder, não se contentam em não levar em conta as expressões do corpo vibrátil, ou seja, as formas culturais e existenciais engendradas numa relação viva com o outro e que desestabilizam a cartografia vigente. Destrutivamente conservadores, eles vão mais longe do que a simples desconsideração de tais expressões: empenham-se obstinadamente em desqualificá-las e humilhá-las até que a força de criação, da qual essas expressões são o produto, esteja a tal ponto marcada pelo trauma desse terrorismo vital que ela acabe por ser bloqueada, assim reduzida ao silêncio. Metamorfoses da subjetividade então se operam, primeiro sob os efeitos tóxicos da ditadura que adoecem o corpo vibrátil e, em seguida, com as estratégias de sobrevivência desejante que se inventam para neutralizar o veneno. O exílio é uma dentre as inúmeras estratégias de proteção: tão ou mais importante do que permitir o afastamento concreto da situação nefasta, sua face visível, o que aí se opera micropoliticamente é um exílio numa língua adotiva que acolhe o corpo vibrátil e a expressão daquilo que o atravessa. A adoção por uma língua cuja materialidade sonora está isenta da memória afetiva do trauma cria as condições para uma cura progressiva das feridas que debilitam a força de criação até permitir a volta à língua materna sem maiores perigos de infecção que ainda pode paralisar aquela força.

A última metamorfose da ex-noivinha será a da volta ao Brasil já minimamente refeita do trauma num período em que o país aquecia-se com os movimentos de luta pela redemocratização. A veremos mobilizada em sua herança antropofágica, que havia marcado o início de sua desterritorialização nos anos 1960. É que na singularidade da contracultura tal como se dera no Brasil, o Movimento Antropofágico havia sido reativado, principalmente pelo Tropicalismo. Mas, na verdade, o que fará a protagonista desse enredo retomar essa

herança em sua volta ao Brasil, é o fato de encontrar nas marcas dessa tradição inscritas em seu corpo, um respaldo para sustentar a subjetividade flexível que foi criando através de seu longo processo de mutação, que se iniciara naqueles anos. Nas páginas finais do livro, como comenta o cartógrafo, narrador desta aventura, nossa personagem descobre na antropofagia um "programa de reeducação da sensibilidade" que pode funcionar como uma "terapêutica social para o mundo moderno", tal como o havia proposto Oswald de Andrade⁶. De fato, o espírito visionário dos modernistas brasileiros apontou criticamente, já nos anos 1920, os limites da política de subjetivação e de produção de cultura própria da modernidade. Um dos principais alvos de sua crítica foi o regime identitário, crítica que foi retomada pela geração dos anos 1960/70, a qual a levou à sua plena realização, rompendo com a sociedade fordista e disciplinar em sua existência cotidiana. Este era o objeto do combate naquele momento e o livro testemunha a tortuosa luta pela criação de outra política de produção de subjetividade e de cultura e sua consolidação nos final dos anos 1970. A ex-noivinha brasileira identificará na lógica antropofágica um modelo para a subjetividade flexível que então se instala por todo o planeta e, graças a esta tradição, ela verá no Brasil um know how excepcional para o contemporâneo. A promessa fica em aberto e com ela o livro se encerra.

Nossa personagem não estava equivocada. Mas o que ela ainda não tinha como saber na segunda metade dos anos 1980 era que aquilo que sua geração havia inventado estava exatamente naquele momento sendo instrumentalizado pelo novo regime capitalista que então se estabelecia por toda o planeta. Se os anos 1960 foram um tempo em que a força de criação operava principalmente esgueirando-se pelas margens, e no qual ainda reinava na subjetividade o regime identitário e sua recusa do corpo vibrátil, esse tempo encerrou-se de fato com os anos 1970 e com os movimentos que reivindicaram "a imaginação no poder", dos quais participaram ativamente, com suas metamorfoses, as noivinhas desmanchadas do Brasil.

⁶ Oswald de Andrade. A marcha das utopias [1953]. In: *A utopia antropofágica*. Obras completas de Oswald de Andrade. São Paulo: Globo, 1990.

Antropofagia
modelo para
subjetividade
flexível

O cenário de nossos tempos é outro: não estamos mais sob o regime identitário, a política de subjetivação já não é a mesma. Dispomos todos de uma subjetividade flexível, experimental e processual e nossa força de criação em sua liberdade de experimentação não só é bem percebida e recebida, mas ela é inclusive insuflada, celebrada e freqüentemente glamurizada. Mas há um porém, e que não é dos mais negligenciáveis: o principal destino desta força hoje não é a invenção de formas de expressividade para as emanções do corpo vibrátil – estas formas que veiculam a incorporação das forças do mundo em nossa subjetividade e que são indissociáveis de um devir-outro de nós mesmos. O capitalismo cognitivo, inventado justamente como saída para a crise provocada pelos movimentos daqueles anos, apropriou-se da potência de criação que então se emancipava na vida social, para colocá-la, de fato, no poder. Entretanto, sabemos todos que se trata aí de uma operação perversa, cujo objetivo é o de fazer desta potência o principal combustível de sua insaciável hiper máquina de produção e acumulação de capital. É esta força, assim *cafetinada*, que com uma velocidade exponencial vem transformando o planeta num gigantesco mercado e, seus habitantes, em zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos: dois polos entre os quais se perfilam os destinos que lhes são acenados. Tal é o mundo que a imaginação cria em nossa contemporaneidade.

No início da implantação do capitalismo cognitivo, a experimentação que vinha se fazendo coletivamente há duas décadas, para emancipar-se do padrão de subjetividade dominante, torna-se indistinguível de sua incorporação pelo novo regime. Muitos dos protagonistas dos movimentos das décadas anteriores caíram na armadilha: deslumbrados com a celebração de sua força de criação e de sua postura transgressora e experimental, até então estigmatizadas e confinadas na marginalidade, e fascinados com o prestígio de sua imagem na mídia e seus altos salários, eles se entregaram voluntariamente à sua *cafetinagem*, tornando-se, em sua maioria, os próprios criadores dos mundos fabricados para e pelo capitalismo nesta sua nova roupagem.

No Brasil, como em muitos países da América Latina e da Europa do Leste, essa situação teve suas peculiaridades.

Não esqueçamos que a *abertura democrática* de países sob ditadura, que se deu ao longo dos anos 1980, se deve em parte à instalação do novo regime capitalista para cuja flexibilidade a rigidez dos regimes totalitários constituía um estorvo. Se considerarmos o capitalismo financeiro globalizado do ponto de vista da política de subjetivação que o acompanha e o sustenta, podemos dizer que a instrumentalização da força de criação que ele opera foi mais perversa ainda em países sob totalitarismo, na medida em que tirou vantagem de suas feridas causadas por tais regimes. O neoliberalismo se apresenta aí não só como o regime que acolhe o princípio de produção de subjetividade e cultura dos movimentos dos anos 1960/70 – como nos EUA e nos países da Europa Ocidental –, mas neste contexto ele é vivido igualmente como o salvador que vem libertar a energia de criação de seu jugo, curá-la de seu estado debilitado, permitindo-lhe reativar-se e voltar a se manifestar.

Diante dessa situação, de fato, o *know how* antropofágico pode ser interessante. Não para ficarmos embevecidos por sermos tão contemporâneos, tão à vontade na cena internacional das novas subjetividades pós-identitárias, de tão bem aparelhados que somos para viver essa flexibilidade pós-fordista. Essa é apenas a forma que tomou a voluptuosa e alienada entrega a este regime em sua aclimatação em terras brasileiras. Características previsíveis num país de passado colonial? Seja qual for a resposta, um sinal evidente dessa identificação pateticamente acrítica com o neoliberalismo de uma parcela da própria elite cultural brasileira é o fato de que a liderança do grupo que trabalhou o Estado para a instauração do novo regime no país, após a redemocratização, compôs-se, em grande parte, de intelectuais de esquerda, tendo muitos deles vivido no exílio durante a ditadura.

É que a antropofagia em si mesma é apenas uma forma de subjetivação, em tudo distinta da política identitária. Ela se caracteriza pela ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar novos territórios e suas respectivas cartografias. Ora, essa forma pode ser investida

segundo diferentes políticas, das mais críticas às mais reativas, o que Oswald de Andrade já apontava, designando estas últimas de “baixa antropofagia”⁷. O que distingue tais políticas é o mesmo “porém” que assinali anteriormente ao referir-me à diferença entre a subjetividade flexível inventada nos anos 1960/70 e seu clone fabricado pelo capitalismo pós-fordista. Essa diferença está na estratégia de criação de territórios: para que este processo se oriente na direção dos movimentos de afirmação da vida é necessário construí-los com base nas urgências indicadas pelas sensações, ou seja, os sinais da presença do outro em nosso corpo vibrátil.

Ora, não é absolutamente esta a política de criação de territórios que predomina hoje: o que nos guia nesta empreitada, em nossa subjetividade pós-fordista, é a identificação com as imagens de mundo veiculadas pela publicidade e pela cultura de massa. Independentemente de seu estilo ou público-alvo, tais imagens são invariavelmente portadoras da mensagem de que existem paraísos, que agora eles estão neste mundo e não num mundo além deste, que alguns privilegiados têm acesso a eles e, sobretudo, que podemos ser um destes VIP, bastando, para isso, investirmos toda nossa energia vital – de desejo, de afeto, de conhecimento, de intelecto, de erotismo, de imaginação, de ação etc. – para atualizar em nossas existências esses mundos virtuais de signos, através do consumo de objetos e serviços que os mesmos nos propõem. Um novo élan para a ideia de paraíso das religiões monoteístas, a qual pressupõe, de um lado, recusar as turbulências da vida em sua natureza imanente de impulso de criação contínua e, de outro, menosprezar a fragilidade que resulta necessariamente destas turbulências. Na versão terrestre do paraíso prometido, o capital substituiu Deus na função de fiador da promessa e a virtude que nos faz merecê-lo passou a ser o consumo: este constitui o mito fundamental do capitalismo avançado. É através de nossa crença nesse mito que as imagens desse regime, inventadas pelo assim chamado “cognitariado”, se tornam realidade concreta em nossas próprias existências.

Se nosso *know how* antropofágico pode ser útil hoje é para nos ajudar a problematizar essa infeliz confusão entre as

⁷ Oswald de Andrade. Manifesto Antropófago [1928]. In: op.cit.

duas políticas da subjetividade flexível, separando o joio do trigo. São cinco séculos de experiência antropofágica e quase um de reflexão sobre a mesma, a partir do momento em que, ao circunscrevê-la criticamente, os modernistas a tornaram consciente. Esse legado nos permite participar de modo fecundo do debate que se trava internacionalmente em torno da compreensão do regime que hoje se tornou hegemônico e, indissociavelmente, da invenção de estratégias de êxodo do campo imaginário que tem origem em seu mito nefasto⁸.

Vale assinalar, por fim, que este livro se baseou em minha tese de doutorado⁹, escrita em minha volta ao Brasil depois de dez anos de exílio em Paris. Ele constitui uma espécie de balanço inicial dos anos 1960, 70 e início dos 80, no sentido de uma imersão na memória das sensações vividas naquele período e, portanto, do que ainda não se sabia naquele momento, e não das representações estabelecidas no imaginário da época e que ainda hoje perdura. Sabemos que esse tipo de empreendimento só pode ser feito *a posteriori*, o que se verifica com mais ênfase quando se trata da memória de uma experiência coletiva intensa que tenha sido objeto de violência do Estado com efeitos traumáticos para toda uma geração. No entanto, um século de psicanálise nos terá mostrado que a cura de feridas desse porte tende a estender-se por trinta anos. Se consideramos que a instrumentalização das mutações que resultaram dos movimentos dos anos 1960 e 70 provocou um novo trauma que, no final deste período, se somou ao já

⁸ A questão da antropofagia, no sentido em que a estou problematizando neste prefácio, foi objeto de três textos que publiquei desde então. O primeiro é Schizoanalyse et anthropophagie. In: Eric Alliez (Org). *Gilles Deleuze. Une vie philosophique*. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 1998, p. 463-476. Edição brasileira: *Esquizoanálise e antropofagia*. In: *Gilles Deleuze. Uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 451-462. O segundo é Subjetividade antropofágica/Anthropophagic subjectivity. In: Paulo Herkenhoff & Adriano Pedrosa (edit). *Arte contemporânea brasileira: um e/entre outros*. XXIVª Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998, p. 128-147. Edição bilingue (português/inglês). Republicado In: Daniel Lins (org), *Razão nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. O terceiro é “Zombie Anthropophagy”. In: Ivet Curlin e Natasa Ilic (org). *Collective creativity dedicated to anonymous worker*. Kunsthalle Fridericianum: Kassel, 2005. Edição bilingue (alemão/inglês). Publicado em francês como *Anthropophagie zombie*. In: *Mouvement. l'indiscipline des arts visuels*, n. 36-37, p. 56-68. Paris: Artishoc, sept-décembre, 2005.

⁹ *Cartografia Sentimental da América. A produção do desejo na era da cultura industrial*. Tese de Doutorado de Psicologia Social. PUC-SP. São Paulo, abril de 1988.

existente por conta da ditadura, agravando ainda mais as feridas da subjetividade – um trauma sem dúvida mais *light* e sedutor do que a mão pesada do Estado militar, mas nem por isso menos nefasto em seus efeitos –, seremos levados a reconhecer que um balanço mais completo só se faz possível agora.

Pode-se dizer que o texto é autobiográfico, desde que entendamos por “auto”, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico. Neste sentido, a republicação do presente livro só terá valido a pena se servir para o trabalho de cartografia que se empreende na atualidade por toda parte. É que são outras as forças que atravessam nossos corpos e, portanto, outras igualmente as perguntas que inquietam o cartógrafo neste início de século. De um lado: como e onde se opera o estrangulamento vital que nos aprisiona no intolerável e nos asfixia? Como nossa subjetividade é capturada pela fé na religião capitalista? Como nossa força de criação é drenada pelo mercado? E nosso desejo, nossos afetos, nosso erotismo, nosso tempo? De outro lado: como liberar a vida desses seus novos impasses? Como e onde se está escapando de uma ideia de resistência ainda marcada pelas lógicas identitária e dialética que regiam tanto o regime fordista quanto seu contraponto comunista? Que modos de resistência estão sendo experimentados neste mundo flexível do pós-fordismo e sua lógica rizomática? Que políticas de subjetivação estão sendo inventadas pelos movimentos de criação individuais e coletivos através das quais a vida se liberta de sua cafetinagem? O que terá levado, em cada caso, ao rompimento da crença no paraíso? Que outros possíveis se anunciam? Como concretizá-los?

Respostas a estas e outras tantas perguntas estão sendo certamente construídas junto com os territórios que se reinventam a cada dia e que mudam aqui e acolá o triste relevo da paisagem neoliberal. É a esses novos cartógrafos que dedico a reedição do presente livro.

Suely Rolnik
São Paulo, abril de 2006.

Notas de abertura

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre”.

Gilles Deleuze e
Claire Parnet,
Dialogue

I CARTOGRAFIA: UMA DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais, também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropólogo.

1. As cartografias que se seguem trazem marcas dos encontros que as foram constituindo: sinais dos estrangeiros que, devorados, desencadearam direções em sua evolução. Tais marcas *formam um relevo* – feito de *vozes reminiscentes* das mais variadas origens, sintonias e estilos, misturando-se e compondo-se – de algumas paisagens contemporâneas.

A presença dos estrangeiros (“outros” devorados) é palpável através do recurso do itálico e, se você quiser, poderá identificá-los pelas iniciais colocadas à margem externa do texto, na primeira vez que suas palavras, frases, ideias, noções ou conceitos aparecem. Frequentemente não é a presença do próprio estrangeiro que você terá acesso, e sim à sua presença já metabolizada: as citações nem sempre são literais; muitas vezes consistem numa evocação de ideias alheias que sofreram transformações ao se incorporarem à elaboração e ao estilo do presente texto. Por exemplo, a ideia de Michel Foucault de que “as técnicas de subjetivação são uma dimensão da definição do poder que não pode ser captada através dos modelos jurídico ou institucional”, aparece em itálico no texto, acompanhada, à margem externa, das iniciais *mf*. Em alguns casos, os estrangeiros se transformaram tanto no processo de elaboração da cartografia, misturaram-se e diluíram-se a tal ponto, que sequer são detectáveis. Quando é assim não há vestígio de sua presença, nem através do itálico, nem de iniciais.

Casos especiais:

a) Às vezes coincidem, em uma mesma linha, pedaços de dois estrangeiros diferentes. Neste caso, suas iniciais à margem externa são separadas por um ponto e vírgula (;). Por exemplo, uma ideia de Oswald de Andrade seguida de uma outra de Alfred Hitchcock, na mesma linha, aparecem acompanhadas das iniciais *oa;ah*.

b) Há casos em que a palavra, frase ou ideia incorporada e citada foi produzida em parceria. Quando isso acontece, as iniciais dos parceiros são separadas por uma barra (/). Por exemplo, a ideia do “desejo como produção

de real social”, de Deleuze e Guattari, vem acompanhada das iniciais *d/g*.

c) Há outros casos onde o estrangeiro em questão não foi encontrado pelo próprio cartógrafo e sim já deglutido e metabolizado no interior do corpo de um outro estrangeiro que ele devorou. E assim sucessivamente: um outro, dentro de um outro, dentro de um outro... Por exemplo, muito de Spinoza que você encontrará aqui foi incorporado indiretamente, através de pedaços desse pensador presentes no corpo de Deleuze, no momento em que o cartógrafo o devorou. Quando isso acontece, as iniciais vêm separadas por um hífen (-): primeiro as iniciais do estrangeiro diretamente devorado pelo próprio cartógrafo. E assim por diante (no exemplo acima, teríamos *d-s*, correspondendo a Spinoza dentro de Deleuze).

Você dispõe de uma lista, organizada por ordem alfabética, de todas as iniciais que aparecem no texto, acompanhadas dos nomes que elas designam, no “Relatório final”, no item “Estrangeiros devorados” (p. 220). Dispõe ainda, ao final do livro (p. 235), das referências bibliográficas, filmográficas, discográficas etc. dos pedaços de estrangeiros que aparecem no corpo do texto.

2. Além da lista dos estrangeiros devorados, você encontra no “Relatório final”, acima citado, um levantamento exaustivo de personagens, complexos, síndromes e traumas, países e cidades descobertos/inventados nesta cartografia; e ainda a listagem dos equipamentos usados, entre os quais o “Manual do cartógrafo”.

3. Por último, nas “Notas de encerramento” (p. 229), você encontra algo como um mapa dos itinerários aqui percorridos; encontra também uma declaração de intenções de meus temas, de meu estilo. Fica a seu critério a escolha do momento oportuno para recorrer a tais notas. Você pode optar entre usá-las como leitura introdutória, uma espécie de mapa (como se a elaboração de um plano tivesse precedido a aventura do ato de cartografar), ou como leitura final, espécie de síntese só concebível *a priori*. Preferi apresentá-las como notas de encerramento e não de abertura para ser

fiel ao processo de elaboração desta cartografia sentimental: como toda cartografia, ela foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles. O próprio livro é uma cartografia e tais notas nada mais são do que a ressignificação – a mais atual – daqueles afetos (daí seu ar de síntese). Na verdade, esta ressignificação é apenas provisoriamente a última: se funciona é somente até que se imponha a necessidade de descobrir/inventar novas cartografias, novos mundos.

LIVRO UM

Desejo: perfil de um cartógrafo da atualidade

A cartografia vai se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos são revisitados, ou visitados pela 1ª vez.

Um território vai se compondo para eles.

O desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente no campo social. Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos.

Gilles Deleuze e Claire Parnet,
Dialogue

Desejo em três movimentos

O que procuro aqui: desejo. O desejo – processo de produção de universos psicossociais; o próprio movimento de produção desses universos. Procuro esse movimento, que se desdobra em três, simultâneos. Nessa procura você me acompanha. d/g-s

1 CLAQUETE: MOVIMENTO UM

Uma câmera o conduz. Você vê um homem e uma mulher se encontrando num lugar qualquer. Trocam olhares furtivos, se espreitam. Com o olho da câmera (extensão de seu olho nu) é só o que você vê, por enquanto. Mas atrás da câmera e deste seu olho, você – seu corpo vibrátil – é tocado pelo invisível, e sabe: aciona-se, já, um primeiro movimento do desejo. No encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem. Dos movimentos de atração e repulsa geram-se efeitos: os corpos são tomados por uma mistura de afetos. Eróticos, sentimentais, estéticos, perceptivos, cognitivos... E seu corpo vibrátil vai mais longe: tais intensidades, no próprio momento em que surgem, já traçam um segundo movimento do desejo, tão imperceptível quanto o primeiro. Ficam ensaiando, mesmo que desajeitadamente, jeitos e trejeitos, gestos, expressões de rosto, palavras... É que, você sabe, intensidades buscam formar máscaras para se apresentarem, se “simularem”; sua exteriorização depende de elas tomarem corpo em matérias de expressão. Afetos só ganham espessura de real quando se efetuam. s d-s

Esses dois primeiros movimentos – toda uma sub conversa – só são apreensíveis por seu olho vibrátil, ou melhor, por todo aquele seu corpo que alcança o invisível. Corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matérias de expressão.

De tudo isso, o seu olho-do-invisível percebe apenas a máscara, resultante do movimento de simulação; e só.

2 CLAQUETE: MOVIMENTO DOIS

Nossa personagem feminina desdobra-se em duas.

Primeira figura: você vê uma cidade que tanto pode ser uma metrópole qualquer do mundo, antes dos anos 50, quanto uma cidadezinha do interior – de Minas, por exemplo – nos dias de hoje. Você percebe que nossa personagem, ao encontrar o tal homem que a atrai, sente “algo”. Algo que titubeia, mas logo encontra uma forma de se apresentar: surge diante de você uma “aspirante-a-noivinha”, com contornos bem definidos, para descanso de seu olhar e alívio de seu coração. O homem, por sua vez, responde com uma série de procedimentos reconhecíveis, extraídos do mesmo repertório.

Você deduz: são percursos costumeiros que esse tipo de intensidade descreve nessas duas existências. Eles se entendem. Você tem a impressão de que, no invisível da atração, cada um acaricia a “alma” do outro e lhe diz: “Tua vida faz sentido, tem charme”. Eles vão se aproximando. Diante de você está uma “aspirante-a-noivinha-que-vinga”.

Você → seu corpo vibrátil – entende que o que permitiu a formação dessa cena foi o fato de que as intensidades experimentadas pelos dois em seu encontro compuseram um plano de consistência. Um plano em que seus afetos tomaram corpo, literalmente, delineando um território no qual, como você, o homem e a aspirante-a-noivinha puderam se situar. De tudo isso, seu olho, aquele acoplado à câmera, só percebeu uma composição de máscaras. Mas aquele seu outro olho, o do respiradouro para o invisível, sabe que tal composição é efeito de uma série de imperceptíveis processos de simulação que se puseram a funcionar, ao mesmo tempo e sucessivamente. Esse aglomerado de processos – do qual gerou-se o território existencial captável a olho nu – é o terceiro movimento do desejo.

d/g
g

g

3 CLAQUETE: MOVIMENTO TRÊS

Uma série de agenciamentos de matérias de expressão g
forma, diante de você, uma espécie de cristalização existencial, g
uma configuração mais ou menos estável, repertório de
jeitos, gestos, procedimentos, figuras que se repetem, como
num ritual. Perplexo, você descobre o óbvio: é isso o que faz
com que essas personagens se sintam “em casa”. Você as
acompanhou de perto e pôde entender: o que lhes dá essa
impressão de familiaridade é que, através desse terceiro
movimento, as imperceptíveis dinâmicas de atração e repulsa
que experimentavam conquistaram um espaço para se
exercer, um território. Conquistaram direções para sua apre-
sentação: uma cartografia de território, uma inteligibilidade. g
**E um desenho pôde se configurar no espírito das perso-
nagens e no seu próprio.**

formação
de
território

Você conclui: a feminilidade da mocinha dessa primeira versão, ao que tudo indica, habita com certa tranquilidade esse tipo de espaço, próprio do território matrimonial doméstico. Você se dá conta: não se deve generalizar o fato de que a máscara de noivinha (e, em seguida, a de esposa inteiramente consagrada ao lar) seja vivida como prisão ou como sinal de uma suposta condição de escrava. No caso dessa personagem, tais máscaras, pelo contrário, constituem matérias de expressão através das quais seus afetos atuais podem ser plenamente vividos. Matérias como quaisquer outras.

Segunda figura: a câmera o transporta agora a uma superfície qualquer, a partir dos anos 50. O começo da sequência é igual: a personagem encontra o tal homem, sente algo. Sua primeira reação, quase automática, é tentar esboçar a exteriorização desse algo na máscara de aspirante-a-noivinha. Só que aqui não funciona. O que você vê é uma moça muito atrapalhada. O que você e ela não veem – nem poderiam “ver” – é que as intensidades que ela experimenta no encontro são como **partículas soltas de afeto, lascas que escaparam às máscaras do território matrimonial** que, nos últimos tempos, têm sofrido um

processo galopante de desabamento. Você pondera: a “noivinha” é inadequada para dar andamento a essa cena. E por não se prestar à orientação dos afetos nascidos do encontro que ela está vivendo, esse tipo de máscara não mais se beneficia de oxigenação afetiva: tornou-se obsoleto. É uma “aspirante-a-noivinha-que-gora”, você conclui.

Na verdade, cá entre nós, mais cedo ou mais tarde isso também aconteceria com a personagem da primeira versão (a aspirante-a-noivinha-que-vinga). Não porque essa máscara em si mesma não preste, mas porque, como qualquer outra, ela tem seu *deadline*, ainda mais nos tempos que correm, quando a vida dos territórios e de suas respectivas máscaras anda cada vez mais curta.

4 CLAQUETE: VARIAÇÕES DO TERCEIRO MOVIMENTO

Agora nossa segunda figura, a aspirante-a-noivinha-que-gora, se desdobra em duas: dois destinos possíveis, sempre no mesmo contexto, superurbano, superatual.

Primeira: perplexo, você nota que a personagem, embora constrangida, insiste. Gruda na máscara de noivinha, como se ela fosse sua essência. De medo de despedaçar, você percebe; de medo de fracassar, pensa ela, certamente. A máscara nupcial, para se manter, já que não está mais sendo irrigada afetivamente, se enrijece a olhos vistos. E a rigidez parece ser tão forte quanto aquilo que ela tem por missão negar: o movimento de partículas soltas, partículas loucas. Uma “noivinha-que-gora-e-gruda”, você nomeia, continuando suas observações.

Segunda é uma personagem totalmente outra. Mais corajosa, talvez, ela aguenta ir se equilibrando na corda-bamba sobre o abismo que a ausência de rosto – sua máscara desterritorializada – cava em sua alma. É palpável para você em seu próprio corpo vibrátil: nossa personagem sabe, sem saber, que estão se operando silenciosos movimentos de simulação em novas matérias de expressão. Ela deixa que, pouco a pouco, uma nova máscara, uma série de novas

máscaras, possam ir se delineando em seu corpo, de modo a compor um plano de consistência para seus afetos. Talvez isso nem chegue a acontecer. Mas de qualquer maneira não tem outro jeito, você pensa (e ela, provavelmente, também): só assim será possível criar um território para aquele encontro. Parece que ela sabe disso sem saber, pois no seu caso a máscara de noivinha tornou-se, de fato, uma prisão – e ela quer se libertar.

O que aconteceu foi que, no silêncio do invisível, nossa personagem pôde dispor-se a acolher os movimentos-de desterritorialização e territorialização de seus afetos. Movimentos que só o corpo vibrátil, nosso e dela, pode captar. É uma “noivinha-que-gora-e-descola”, concluímos,

Agora, desliguemos a câmera. Aqui se encerra nossa filmagem.

INTERVALO

O que acabamos de assistir nos faz pensar que as intensidades em si mesmas não têm forma nem substância, a não ser através de sua afetuação em certas matérias cujo resultado é uma máscara, ou seja, intensidades em si mesmas não existem: estão sempre efetuadas em máscaras – compostas, em composição ou em decomposição. Da mesma maneira, você e eu vimos que não há máscaras que não sejam, imediatamente, operadoras de intensidade. Disso podemos extrair algumas consequências.

Primeira: a palavra “simulação”, que associamos ao segundo movimento do desejo, não tem, nesse caso, nada a ver com falsidade, fingimento ou irrealdade. Vimos que, enquanto a máscara funciona como condutor de afeto (a noivinha-que-vinga), ela ganha espessura de real, ela é viva e, por isso, tem credibilidade: é “verdadeira”. E, à medida que deixa de ser esse condutor – ou seja, à medida que os afetos gerados no encontro, ao tentarem efetuar-se nessa máscara, não conseguem fazer sentido (a-noivinha-que-gora) –, ela simplesmente torna-se irreal, sem sentido, e por isso perde sua credibilidade, torna-se “falsa”. É verdade

Apreensão pelo
verdadeiro pelo
o sentido

rc-hb
u

que, a olho nu, é só ela que aparece. Mas descobrimos com a que-gora-e-descola que por trás da máscara não há rosto algum, um suposto rosto verdadeiro, autêntico, originário – em suma, um rosto real que estaria oculto, seja por trauma ou recalque (versão psicologizante), seja por ideologia ou falsa consciência (versão sociologizante) ou, simplesmente, por ignorância (versão pedagogizante). Nada disso: o que descobrimos com ela – só que neste caso não mais através de olho-do-visível – são movimentos permanentes e imperceptíveis de criação de outras máscaras. Por isso, podemos dizer que a máscara (o artifício) é a realidade nela mesma: não há nada que seja “o verdadeiro”, no sentido de autêntico, originário – nem em cima, nem embaixo, nem atrás, nem no fundo da máscara. Nem em lugar algum. A procura pelo verdadeiro, aqui, perde até o sentido: revela-se como falso problema. A única pergunta que caberia é se os afetos estão ou não podendo passar; e como.

Segunda consequência, diretamente decorrente da primeira: nada da posição de leitura do desejo que você viu se esboçar aqui o coloca aquém ou além da produção desse mundo. O desejo, nesta concepção, consiste no movimento de afetos e de simulação desses afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos. Nesse percurso, as matérias de expressão que constituem a máscara ficam como que enfeitiçadas; sob encantamento. É o caso da aspirante-a-noivinha-que-vinga. O desejo, aqui, consiste também num movimento contínuo de desencantamento, no qual, ao surgirem novos afetos, efeito de novos encontros, certas máscaras tornam-se obsoletas; movimentos de quebra de feitiço; afetos que já não existem e máscaras que já perderam o sentido. É o caso da aspirante-a-noivinha-que-gora.

Descobrimos que é no artifício, e só nele, que as intensidades ganham e perdem sentido, produzindo-se mundos e desmanchando-se outros, tudo ao mesmo tempo. Movimentos de territorialização: intensidades se definindo através de certas matérias de expressão; nascimento de mundos. Movimentos de desterritorialização: territórios perdendo a força de encantamento; mundos que se acabam;

partículas de afeto expatriadas, sem forma e sem rumo. São os movimentos de orientação e desorientação de nossas personagens. Vingar/gorar.

Podemos então dizer que o movimento de simulação é feito de intensidade-e-língua, necessariamente e ao mesmo tempo, ou seja, no artifício encontramos, absolutamente indissociáveis, os afetos e as suas línguas, formando constelações singulares. E os mundos nada mais são do que tais constelações: atrás delas, como vimos, só há intensidades se dispersando e, ao mesmo tempo, línguas se desmanchando; outros movimentos de intensidade-e-língua se esboçando, germinação de outros mundos. O artifício seria, então, a própria “natureza humana”, se é que dá para se falar em algo assim; apenas não se trataria aqui de uma natureza pura que varia, mas de uma pura variação. E daria para concluir: não há natureza pura, só pura diferença. O artifício é a diferença nela mesma.

Ora, o desejo então seria, exatamente, essa produção de artifício. E o movimento do desejo – ao mesmo tempo e indissociavelmente energético (produção de intensidades) e semiótico (produção de sentidos) – surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento.

Em outras palavras, o processo de produção do desejo é o de uma energética semiótica. Agenciamento dos corpos, movimento de criação de sentido para efetuar essa passagem – tudo isso acontecendo ao mesmo tempo.

Desejo em três latitudes

Na filmagem das várias cenas das noivinhas, você só tinha mobilizado, através da câmera, seu olho-do-visível. E o tempo todo, para além desse seu olhar e, consequentemente, dos planos propriamente ditos, você tinha mobilizado apenas a sua capacidade de captar a “longitude” das partículas de afeto que percorriam os corpos: *suas relações cinéticas de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, suas paradas e suas precipitações. Ficou faltando uma dimensão muito importante: a dinâmica das ondas e vibrações desses mesmos afetos, o estado intensivo da potência de afetar e ser afetado desses corpos, o conjunto de afetos que os preenche a cada momento* – em suma, sua “latitude”.

Para isso, é necessário começar tudo de novo, mergulhar em cada cena, de modo que você (seu corpo vibrátil) possa captar não mais os planos e sim os platôs, as regiões de intensidade contínua, feitas da latitude dos corpos que você for encontrando: corpos humanos, animais, sonoros... Corpo de uma ideia, de uma língua, de uma coletividade... Só que, nesse caso, a câmera não lhe serve mais, nem um projetor – aliás, nenhuma espécie de “aparelho” com seu movimento mecânico. Você próprio é que terá de encontrar algo que desperte seu corpo vibrátil, algo que funcione como uma espécie de *fator de a(fe)tivação* em sua existência. Pode ser um passeio solitário, um poema, uma música, um filme, um cheiro ou um gosto... Pode ser a escrita, a dança, um alucinógeno, um encontro amoroso – ou, ao contrário, um desencontro... Enfim, você é quem sabe o que lhe permite *habitar o ilocalizável*, aguçando sua sensibilidade à latitude ambiente. De qualquer maneira, para que possamos

d-pd

d/g-s-l

d/g-gt

d

d;d-pd

d/g-gb

d

l/s

lg

prosseguir e juntos revisitar todas aquelas cenas em seus invisíveis platôs, é imprescindível que você encontre o seu próprio fator de a(fe)tivação.

1 PLATÔ DE LATITUDE UM

No começo, você se lembra, havia uma só personagem feminina: a aspirante-a-noivinha. Você recapitula rapidamente o que seu olho nu tinha revelado: ela encontrava um homem, num lugar qualquer. Seus corpos deixavam-se afetar naturalmente; atraíam-se; a atração gerava afetos; os afetos tentavam simular-se; apresentavam-se. Este é um bom momento para você estrear o fator de a(fe)tivação que escolheu.

Você é tocado por uma espécie de revigoramento do corpo da personagem feminina em seu poder de afetar e ser afetado; ela parece reagir a tudo o que encontra. Há também um revigoramento palpável de sua coragem de exteriorizar os afetos que experimenta na cena. Disso, aquele teu olho restrito ao visível, só percebe o efeito: a expressão da personagem parece tornar-se mais complexa, mais discriminada, mais nítida, mais focada – em suma, mais presente. Habitado ao testemunho ocular, você agora não tem dúvida: é um estado de graça que se esboça. Você fica curioso.

2 PLATÔ DE LATITUDE DOIS

Já no segundo movimento havia duas figuras. De novo, você recapitula: o encontro da primeira figura se dava numa metrópole, antes dos anos 50, ou numa cidadezinha qualquer, depois deles. Após ligeira vacilação, ganhava corpo a aspirante-a-noivinha. Aqui, de novo você usufrui de seu fator de a(fe)tivação.

É indiscutível: o revigoramento da coragem de exteriorizar os afetos, que vinha acontecendo na sequência anterior, está encontrando eco, e suas simulações, credibilidade. Com isso vai crescendo, mais e mais, a coragem de falar por afeto, por experimentação, falar em nome próprio, falar no singular. Disso, o que seu olho-câmera vê é que há

um brilho na expressão da personagem: mas a *luz não excita apenas a retina*. O que sua retina não alcança é que esse brilho é o da propagação de intensidades se expandindo: a personagem – suas intensidades – **está habitando o espaço**. O estado de graça está se firmando: ele envolve você e o faz deduzir que ele corresponde, certamente, ao encantamento da máscara de noiva que a torna real e a faz funcionar. A aspirante-a-noivinha vinga. Isso é palpável, chega quase a ser óbvio – aos olhos vibráteis, é claro. É como se o encontro amoroso fosse criando *entre os corpos* um campo magnético, feito de suas forças se atraindo. Um campo que vai se instalando, pouco a pouco; fonte geradora de estado de graça, expandindo-se por todos os recantos de ambas as existências; campo de renovação de seu viço; ritmo dessa renovação. Fonte de *duplo devir (que não é paralelo)*. Você fica fascinado.

Segunda figura: mais uma vez, você consulta a memória do visível e reconstitui a cena. Era uma supercidade qualquer, após os anos 50. O homem e a mulher se encontravam. Ela titubeava, mas logo se configurava a noivinha. A moça também apelava para os rituais que já conhecia – só que, aqui, eles não faziam sentido. Era a aspirante-a-noivinha-que-gora. Você se vale de teu fator de a(fe)tivação e descobre: a noivinha, ao tornar-se obsoleta, não funciona mais como condutor de intensidades: esfriou, perdeu a graça. Consequências dessa tentativa malograda: curto-circuito no movimento de exteriorização dos afetos; ligeira contração do corpo em sua capacidade de afetar e ser afetado; diminuição de alguns graus de graça, tomando conta de tudo. Há um desconforto no ambiente. Você fica intrigado.

3 PLATÔ DE LATITUDE TRÊS

Você refaz, na memória, a cena do terceiro movimento: nossa personagem desdobrava-se em dois destinos possíveis.

Primeiro: em pânico, grudada na máscara de noivinha, nossa personagem insistia. Seguia tentando orientar-se pelas velhas cartografias, mas sem sucesso. Você se entrega de

novo ao teu fator de a(fe)tivação: a intensificação da perda de potência é incontestável. O corpo se contrai e se enrijece cada vez mais; o movimento de simulação de nossa personagem fica cada vez mais tímido, e a luz que dela emana é cada vez menos vibrante. O exercício do seu fator lhe auxilia a perceber que o território que está se criando não corresponde a nenhum plano de consistência de seus afetos; plano de consistência dos afetos da personagem. Você não está sendo tocado pela presença de nenhum campo magnético. A existência da personagem como um todo nesse momento vai empalidecendo: o estado de graça, ainda incipiente, minguava. E você sente: é como se ela não habitasse o espaço. Seu olho-retina confirma: o contorno dela está ficando cada vez menos nítido e, cada vez mais pálida, a sua luz. Você fica abismado.

O que aconteceu, concluímos, é que, para evitar a terrível sensação de desorientação, essa personagem não conseguiu achar nada melhor do que anestesiá-la em seu corpo e sua capacidade de afetar e ser afetada, pois ela pensa que é o desejo, em sua atividade, o que a caotiza desse jeito. Por isso ela transforma, instantaneamente, todo e qualquer movimento de atração e repulsa em contramovimento, e toda e qualquer manifestação de *força ativa* em *força reativa*, usando para isso as mais variadas estratégias.

Antes de rever o segundo destino da personagem, peço que você abandone por instantes seu fator de a(fe)tivação para me acompanhar em alguns comentários.

PAUSA

Essa personagem (a que-gora-e-gruda) vive os movimentos do desejo como caos. É assim que ela os concebe. Ora, se nos bascarmos na historinha que acabamos de acompanhar, constatamos que não foi o desejo, em seus movimentos, o que caotizou sua existência, mas, ao contrário, a impossibilitação de suas conexões. Usando um fator de a(fe)tivação, pudemos descobrir: o fato de nossa protagonista não ter se deixado tocar pelas intensidades

que estava vivendo e, a partir daí, buscar linguagem que as efetuasse foi o que a fez experimentar uma perda de sentido. Sob o enfoque da câmera, essa perda de sentido (esse caos) aparecia como perda de brilho. Enquanto que na primeira figura (a aspirante-a-noivinha-que-vinga), se você lembrar bem, o que víamos era, ao contrário, um aumento de viço, que – segundo indicava seu próprio olho vibrátil – correspondia à energia gerada no atrito de matérias de expressão heterogêneas forjando territórios para os afetos desterritorializados. Agora, no contraste das duas, o que nosso corpo vibrátil nos faz descobrir é que **o pleno funcionamento do desejo é uma verdadeira fabricação incansável de mundo**, ou seja, o *contrário de um caos*.

E tem mais: essa personagem vive o desejo como interno a um sujeito. Embora o pouco que acompanhamos não nos permita saber como ela concebe a tal interioridade, nem suas relações com o que lhe é supostamente exterior, isso não vem ao caso aqui. O interessante foi vislumbrar que, seja qual for a concepção de interioridade que se tenha, só se pensa nesses termos quando se boicota a maior parte das conexões de desejo possíveis e quando se restringe seus agenciamentos ao máximo. É só assim que, como essa que-gora-e-gruda, temos a impressão de nos caracterizarmos por um conjunto de representações e sensações fixas, um “dentro” – a impressão de ter um “dentro” e até de ser esse “dentro”. Um suposto dentro que morre de medo de se perder.

Parece óbvio que nosso próximo passo é investigar, cada um exercendo seu fator de a(fe)tivação, em que consiste esse tal “dentro”. Voltemos à cena. É impressionante: se aquilo que costuma ser identificado como “interioridade”, em qualquer uma das suas versões, for como o que você está captando no ar, ela é uma espécie de lugar onde tudo o que vibra, vivido como caos, é neutralizado e acaba se apagando. Por isso é que o olho-do-visível pode ter a impressão de estar vendo um “dentro” e apenas “isso”: é que se trata de **um buraco negro, efeito do corpo vibrátil amortecido de uma subjetividade que ficou reduzida ao**

d/g

ego. Era certamente isso o que acontecia com a-que-gorae-gruda e que se manifesta como perda de graça. Era certamente isso o que chegava a nos afligir.

Você agora pode deixar momentaneamente de lado o seu fator de a(fe)tivação: vamos nos encaminhar para outra possibilidade de desenlace para o movimento três.

4 PLATÔ DE VARIAÇÕES DA LATITUDE TRÊS

Recapitulando: após o fracasso da noivinha no encontro superurbano, mais atual, nossa personagem, apesar de tão angustiada quanto a anterior, se reaprumava; voltava a expor seu corpo aos encontros e com isso se reavivava; voltavam suas tentativas de simulação de seus afetos.

Recorra uma vez mais ao seu próprio fator: do desespero dela se propaga um brilho. E mais: é justamente de seu desespero que ela extrai força para sair em busca de novas matérias de expressão. Você suspeita que ela sabe sem saber que desejo não é necessariamente caos e que, se exercendo, o corpo vibrátil indicará as direções a tomar, os agenciamentos a fazer. Você nota que apesar de seu mal-estar, é palpável o seu viço. E, novamente, você conjectura: sabe-se lá se ela vai conseguir desta vez. Isso nem ela sabe. Só o que sabe é que esta é sua única chance de criar, para os afetos daquele encontro, um plano de consistência que lhe permita expandir e irrigar sua existência - não só amorosa. Sabe também que, mesmo que consiga criar esse plano, isso não significa que finalmente terá encontrado sossego. Seu corpo sempre estará fazendo novos encontros, novos afetos estarão sempre surgindo e, mais cedo ou mais tarde, o plano, feito dos afetos do encontro atual, não funcionará mais como campo magnético, gerador de força para a vida. E quando isso acontecer, o plano, simplesmente, terá perdido a razão de ser. Ele terá gorado e ela de novo estará sendo arrastada para outro lugar. **Desensimesmada, dessubjetivada, desterritorizada.** À procura, mais uma vez, de matéria de expressão por meio da qual existir. Você fica admirado. Você fica satisfeito. Você já

lx

pode dispensar definitivamente seu próprio fator de a(fe)tivação.

PAUSA

Algumas considerações a partir desta última personagem.

Primeira: se sua antecessora (a-que-gruda) considerava o desejo como interno a um sujeito; para esta (a-que-descola), ao que tudo indica, o desejo não é interno a um sujeito, nem tende a um objeto. Ela vive o desejo como imanente a um plano de consistência, sendo que sujeitos e objetos se criam ao mesmo tempo que o plano. Para ela, o plano não é interior ao ego, nem vem de um ego exterior, nem de um não-ego. Em sua concepção, ela própria não é senão o efeito singular do que acontece em seu corpo (vibrátil) nos aleatórios encontros que tem. Por isso, ela nunca se vive como um "dentro", por oposição a um "fora", mas sim como uma sucessão de "entres" cheios de luz. Daí seu encanto. d/g

Segunda: se sua antecessora (a-que-gruda) nos fazia pensar que desejo nada tem a ver com caos, esta (a-que-descola) nos faz pensar que ele nada tem a ver com imaginação no sentido de uma dimensão separada, espécie de vôo sobre o real. Como vimos, e fomos tocados, foi o desejo que a salvou da curva descendente, para a qual ela oscilava na segunda seqüência, quando a noivinha gorou. E isso não porque ela tenha se refugiado no sonho; ao contrário, foi porque se deixou sonhar, a partir das intensidades vividas naquele encontro, que ela se abriu: assim puderam se produzir em sua existência objetos e modos de subjetivação correspondentes. É isso que lhe permitiu viver o encontro, torná-lo real. Em outras palavras, o que captamos é que, através de movimentos do desejo visíveis e invisíveis, houve produção de real social; e que o desejo é, fundamentalmente, essa produção. d/g

Terceira: pensando dessa maneira parece difícil e até inconcebível separar um campo material de um campo da representação.

As cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro. Concluindo: a produção do desejo, produção de realidade, é ao mesmo tempo (e indissociavelmente) material, semiótica e social.

g

Comparando as noivinhas

Você e eu fomos conhecendo as noivinhas aos poucos. Exercendo o fator de a(fe)tivação ficou mais fácil apreendermos em que elas se diferenciam: é, principalmente, pelo tanto que cada uma consegue aproveitar, cuidar da força gerada no encontro, sustentar essa força.

Primeiro: o quanto cada uma se deixa roçar pelo mundo; o quanto se abre para os encontros, afetando e se deixando afetar. Pode-se até afirmar que a própria natureza do corpo de cada uma é dada pelos agenciamentos que faz: *suas práticas afetivas, suas aventuras, seus riscos. Seus amores e suas mortes.*

u

Isso se considerarmos o corpo em seu potencial expressivo, sua invisível vibração, suas singularidades afetivas. Em suma, se considerarmos o *corpo sem órgãos* e não o corpo orgânico, com seus significados *a priori*: corpo que vê e é visto pelo olho nu.

dg-aa

Segundo: o quanto cada uma se permite falar por afeto, ou seja, habitar o espaço, buscando matéria de expressão para afetar e expandir suas intensidades (porque pode se ter grande abertura para afetar e ser afetado e, no entanto, estar prisioneiro de certas máscaras, já obsoletas). E pouco importam as máscaras usadas nessa exteriorização: pouco importam os universos culturais, sociais de que se originam. Aliás, o corpo vibrátil não é sensível a esse tipo de dado. O que importa é que esteja sendo possível fazer passar os afetos. E, para isso, cada um só pode usar, é óbvio, aquilo que estiver ao seu alcance, misturando tudo a que tiver direito. **Fazer passar os afetos: é isso que parece gerar brilho.**

Terceiro: nossas personagens diferenciam-se, também, pelo tanto que cada uma consegue ampliar o alcance da força gerada no encontro, fazendo da atração um campo magnético que se expande em sua vida. Campo que, por isso, ela irá cultivar e sustentar, enquanto durar seu poder magnético.

Diferenças na maneira como cada personagem vive cada um dos três movimentos do desejo; diferentes potências de sua capacidade de afetar e ser afetada – é claro que na vida cotidiana nos reconhecemos, você e eu, em todas essas personagens.

Vamos, porém, deixar os perfis figurativos de nossas personagens de lado e nos transportar para um desenho mais abstrato: as linhas que foram delineando seus movimentos de desejo. *Linhas de vida*, como certa vez as chamou Deleuze.

d

Linhas de vida

Três são as linhas abstratas que o desejo foi traçando nos movimentos que compuseram os destinos de nossas várias noivinhas.

1 UM

A primeira linha, linha dos afetos, é, como pudemos nos dar conta, **invisível e inconsciente**. Ela faz um traçado contínuo e ilimitado, que emerge da atração e repulsa dos corpos, em seu poder de afetar e serem afetados. Mais do que linha, ela é um fluxo que nasce “entre” os corpos: ora veloz, apressada, elétrica, ora lenta e lânguida (sua longitude); ora exuberante, viçosa, brilhante, ora cansada e esmaecida; ora desenvolta, enérgica, ora tímida e vacilante; ora fogaosa, incandescente, ora apagada e fria; ora revolta, trepidante, turbulenta, convulsiva, acidentada, ora estável, compassada, homogênea, lisa, mansa e até monótona... (sua latitude). Ela é incontrolável; estancá-la, só fingindo (como o fez nossa noivinha deslocada, aquela que-gora-e-gruda, de medo de se despedaçar). É que enquanto se está vivo não se para de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos. Afetos que escapam, traçando *linhas de fuga* – o que nada tem a ver com fugir do mundo. Ao contrário, é o mundo que foge de

d/g

u-rt si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir – devir do campo social: processos que se desencadeiam; *variações infinitesimais*; rupturas que se operam imperceptivelmente; mutações irremediáveis. *De repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou.*

d-f O plano que essa linha cria em seu movimento é feito de

d/g um estado de fuga.

2 DOIS

A segunda linha, a da simulação, faz um vaivém, um duplo traçado **inconsciente e ilimitado**. Um primeiro, que vai da invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente composição de territórios. É o percurso do movimento de territorialização. E um outro traçado, inverso: ele vem do visível, consciente, dos territórios, para o invisível, inconsciente, dos afetos escapando. É o percurso do movimento de desterritorialização. Essa segunda linha, portanto, é *double-face*: uma face na intensidade (invisível, inconsciente e ilimitada) e outra na expressão (visível, consciente e finita). É nela que se opera a negociação entre o plano constituído pela primeira linha (a dos afetos que nascem entre os corpos, em sua atração e repulsa) e o plano traçado pela terceira linha (a dos territórios).

O caráter de *double-face* dessa segunda linha, em seus diferentes aspectos, faz com que ela tenha uma espécie de **ambiguidade congênita**. Ela está sempre prestes a oscilar na direção do fluxo puro e desencantar a matéria, provocando desabamento de território (o que era o caso da aspirante-a-noivinha-que-gora). E, isso, em termos subjetivos, traduz-se como sensação de irreconhecível, de estranhamento, de perda de sentido – em suma, de crise. Mas ela está sempre prestes, também, a oscilar na direção do encantamento, da imediatez do movimento de simulação. É quando um território “pega”, ganha credibilidade, “faz sentido”, o que em termos subjetivos se traduz com sensação de familiaridade; e dá alívio.

De qualquer maneira, pelo fato de a ambigüidade ser inerente a essa linha, e por isso mesmo insuperável, **há sempre uma angústia pairando no ar**. Angústia que tem uma **face ontológica** (medo de a vida se desagregar, de ela não conseguir perseverar; **medo de morrer**); uma **face existencial** (medo de a forma de exteriorização das intensidades perder credibilidade, ou seja, de certos mundos perderem legitimidade, desabarem; **medo de fracassar**); uma **face psicológica** (medo de perder a forma tal como vivida pelo ego; **medo de enlouquecer**).

Essa angústia gera uma tentativa, sempre recomeçada, de abolição da ambigüidade. É isso que vai definir as diferentes estratégias do desejo. É em torno disso que se fazem todos os dramas, todas as narrativas, todas as personagens, todos os destinos. Dá para dizer que essa angústia é a energia da nascente de mundos.

Essa segunda linha, então, é relativamente maleável. Ela vai traçando processos de segmentação flexível: lascas que se desprendem das máscaras vigentes, causando nelas pequenas fissuras, microrrachaduras pessoais ou coletivas. Lascas de mundos desmanchados e, ao mesmo tempo, passíveis de se comporem com outras lascas, investidas e agenciadas por partículas soltas de afeto, gerando novas máscaras, mundos novos; mutações secretas. O plano que essa segunda linha cria em seu traçado é feito de um *estado instável*.

d/g

3 TRÊS

E, por fim – ou para começar – a terceira linha, linha **finita, visível e consciente** da organização dos territórios. Ela cria roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afetos. Ela é finita, porque finita é a duração dos territórios e a funcionalidade de suas cartografias. Sempre escaparão afetos aos territórios e isso, mais cedo ou mais tarde, decreta o seu fim. *Estado mais ou menos estável* de um plano concluído por uma linha enrijecida que, em seu traçado, vai formando *constelações funcionais* de máscaras, territórios bem discrí-

d/g

g

d/g minados, toda uma *segmentação dura*. Essa linha evolui
d/g por *grandes cortes perfeitamente designáveis*. Por isso, nela
d/g as *rupturas são negociáveis*. Os sujeitos (com sua classe, seu
d/g sexo, sua idade, sua profissão, sua raça, sua identidade...),
assim como os objetos, são recortados do *plano de organi-*
zação desenhado por essa linha: sequência de uma biografia,
constituição de uma memória.

Na verdade, é apenas desse terceiro movimento que dá para dizer que se trata propriamente de uma linha, cuja evolução vai riscando um desenho: é que só ele constitui o campo da visão, plano da representação que nossa câmera nos ajudava a analisar, *uma espécie de desenho no espírito do*
d *homem ou de um deus*.

4 A CARTOGRAFIA DAS LINHAS: UMA, DUAS OU TRÊS?

d/g Toda e qualquer formação do desejo no campo social se dá através do exercício ativo dessas três linhas – sempre emaranhadas, sempre *imanescentes uma às outras*. Podemos estar numa linha – territorializados, por exemplo – e, de repente, perdê-la: sem perceber, já estamos numa outra, totalmente desterritorializados. De qualquer maneira, seja qual for o movimento pelo qual nos introduzimos na abordagem do desejo, sempre encontramos, ao mesmo tempo, os outros dois movimentos. Não há simulação (2º movimento) que não implique, simultaneamente, por um lado, atração ou repulsa de corpos gerando afetos (1º movimento) e, por outro, formação de territórios (3º movimento). Assim como não há território (3º movimento) que não seja trabalhado por desterritorializações, operadas por afetos que lhe escapam, nascidos do encontro com outros corpos ou com os mesmos corpos, que se tornaram outros: linhas de fuga (1º movimento). Como tampouco há linhas de fuga de afetos (1º movimento) que não tentem simular (2º movimento) e agenciar matérias para constituição de território (3º movimento), a ponto de nem dar para dizer quem vem primeiro.

Às vezes pode-se dizer que as linhas são apenas duas ou, mais precisamente, que temos de um lado o fluxo, só apreensível pelo corpo vibrátil e, do outro, a linha, só apreensível pelo *olho-retina*, e isso de duas maneiras. Numa primeira, se considera, de um lado (o do fluxo), uma linha *molecular*, inconsciente, invisível, ilimitada, desestabilizadora, nômade, traçada pelas partículas soltas de afeto e, de outro lado (o da linha propriamente dita), uma linha *molar*, consciente, visível, limitada, feita da estabilidade relativa da segmentação flexível que a simulação vai riscando em sua migração e da segmentação dura dos territórios em seu sedentarismo. Numa segunda maneira se considera, de um lado (o do fluxo), uma linha *molecular*, inconsciente, das partículas soltas de afeto no seu nomadismo e dos movimentos migratórios de simulação e, de outro lado (o da linha propriamente dita), uma *linha dura*, sedentária,
d/g *molar*, consciente dos territórios.

E, por fim, pode-se até dizer que *se trata de uma só linha*, a linha-fluxo de simulação, pois ela é a própria passagem, a própria oscilação entre as outras duas. Em outras palavras, o movimento de simulação da segunda linha é a própria formação do território da terceira, com seu desenho visível; e seu movimento de perda de sentido de certas matérias (movimento de desterritorialização) é a própria linha de fuga, o fluxo que desmancha seu desenho. Assim, é nesta linha que se realiza a indissociabilidade das outras duas. Nela, as três são uma só.

Os homens estão expostos a viver essas três linhas, em todas as suas dimensões. É através delas que eles se expressam, se orientam. É em seu exercício que se compõem e decompõem seus territórios, com seus modos de subjetivação, seus objetos e saberes.

Um lembrete: o inconsciente, aqui, tal como fomos acompanhando em seus movimentos, não é um território recortável no espaço subjetivo. Nem um *território-depósito* (de energia ou de representações, ou de ambos), nem um “território padrão” (matriz estrutural). Ao contrário, ao que tudo indica, ele é o próprio movimento de desterrito-

d/g rIALIZAÇÃO, produzindo devires inéditos, múltiplos e imprevisíveis; ele é a própria busca de matéria de expressão, substância a ser fabricada, maneiras de inventar o mundo. Ele só funciona agenciado. Em suma: do que vimos, podemos afirmar que **o inconsciente não é nem só energético, nem representativo, nem estrutural. Ele é produtivo.**

d/g

Intimidade com o finito ilimitado

Vimos, em nossas personagens, como as diferentes estratégias de entrelaçamento das linhas (*micropolíticas* de seu exercício ativo) geram diferentes modos de produção da subjetividade. Vimos também que a diferença dessas estratégias se define pela relação com a angústia gerada pela ambiguidade congênita da segunda linha, sua oscilação permanente entre a terceira e a primeira, entre fazer sentido e perder sentido. Agora, poderíamos dizer que o critério que distingue as micropolíticas é, em última instância, **o grau de intimidade que cada personagem se permite, a cada momento, com o caráter *finito ilimitado* da condição humana desejan- te e seus três medos** – ontológico de morrer, existencial de fracassar e psicológico de enlouquecer.

É claro que nenhuma existência se limita a uma ou outra dessas estratégias. Cada um de nós passamos pelas mais variadas micropolíticas e, em cada uma delas, muda nossa maneira de pensar, sentir, perceber, agir – muda tudo. Além disso, cada momento de nossas vidas é feito, simultaneamente, de várias micropolíticas. Por exemplo, você pode ser como a noivinha decadente – aquela que- gora-e-gruda – no amor e, no entanto, no trabalho ter a coragem de criar território, de modo a habitar esse espaço e “vingar”. Ou você pode ter essa coragem em tudo, e no trabalho ficar totalmente paralisado. E por aí vai.

É claro também que nenhuma estratégia gera um só modo de existência: universos singulares criam-se com cada estratégia, quando adotada por uma existência ou outra

(sejam essas as existências de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade). Diferentes destinos, dramas, cenários, estilos... Aqui reside toda a riqueza do desejo. Toda a sua generosa fartura. **O desejo é criação de mundo.**

Só há real social

Acompanhando as personagens, fomos percebendo que os mundos que se criam e se desmancham, nessa incessante atividade do desejo, englobam sua existência em todas as dimensões: pré-individual, individual, grupal e/ou de massa. Fomos entendendo que o desejo não corresponde a um suposto campo individual ou interindividual, o qual estaria numa relação de exterioridade ao campo social. Para esclarecer isso, basta recapitular como os três movimentos do desejo trabalhavam a existência de nossas personagens.

No primeiro movimento, o dos afetos, estes não surgiam de nenhuma espécie de individualidade dos corpos. A própria palavra "afetar" designa o efeito da ação de um corpo sobre outro, em seu encontro. Os afetos, portanto, não só surgiam entre os corpos – vibráteis, é claro – como, exatamente por isso, eram fluxos que arrastavam cada um desses corpos para outros lugares, inéditos: um devir, ou seja, o que as linhas de fuga faziam na vida de nossas personagens era, exatamente, desindividualizá-las. **Intensidades dessubjetivizam:** quando surgem, inesperadas, são verdadeiras correntes de desterritorialização atravessando de ponta a ponta a vida de uma sociedade, desmapeando tudo. Como a corrente que, num certo momento, atravessava – e atravessa – os corpos de moças do mundo inteiro, dissolvendo seus perfis de noivinha e imprimindo-lhes, por exemplo, um devir de "mulher independente", outra máscara.

O segundo movimento, o da simulação, era mobilizado pela perda de sentimento de uma certa figura de mulher, bem como de suas relações amorosas com o homem. Tratava-

pv-mf

se de um movimento de semiotização dos afetos desterritorializados: um impulso de atualização de uma nova figura de mulher e suas relações amorosas. As máscaras resultantes desse movimento, operadores que eram dos afetos atuais, constituíam – e constituem –, literalmente, as máscaras do tempo. Elas são transubjetivas.

g

No terceiro movimento, por último e para recomençar, formava-se um aglomerado de máscaras, constituindo novos territórios. E território, no caso, não tinha nada a ver nem com terra – circunscrição geográfica –, nem com grupo – circunscrição de pertencimento. Território, ali, designava máscaras, rituais, balizas de cartografia. As máscaras, os rituais, as balizas de cartografia – os territórios –, configurações mais ou menos estáveis, atravessam terras e grupos os mais variados: são transversais, transculturais. Temos um exemplo próximo: o próprio território da noivinha constituía a forma social visível da mulher em sua relação com o homem, espalhada pelos quatro cantos do globo, indiscriminadamente.

pv-mf

Essa rápida recapitulação da relação entre o desejo em seus três movimentos e as configurações sociais, no caso de nossas noivinhas, nos permite arriscar uma generalização: não existe sociedade que não seja feita de investimentos de desejo nesta ou naquela direção, com esta ou aquela estratégia e, reciprocamente, não existem investimentos de desejo que não sejam os próprios movimentos de atualização de um certo tipo de prática e discurso, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade.

g

Mais um passo na generalização: o desejo em seus movimentos corresponde às estratégias de formação de cristalizações existenciais que vêm a ser, exatamente, o desenho de novas configurações no campo social. Produzem-se assim as formas da história em sua mutação descontínua.

d/g

Ainda um outro passo: o desejo é a própria produção do real social.

d/g

E um último: só há real social.

À luz de tais considerações, a questão da distinção entre o social e o desejo, entendido como individual ou

interindividual, revela-se como falso problema ou, mais precisamente, conceber assim o desejo, como vimos, é próprio de uma vida que, investida numa certa configuração social, gora e ainda assim insiste: gruda de medo de mudar.

A questão se desloca: o tipo de distinção que se pode – e se deve – fazer é entre macro e micropolítica. Tal distinção já foi evocada aqui por outras razões. Quando dizíamos que as três linhas do desejo podem ser agrupadas e reduzidas a duas: de um lado, uma linha flexível, molecular, inconsciente, das atrações e repulsas, dos afetos e de suas simulações; e, de outro, uma linha dura, sedentária, molar, consciente, dos territórios. Da mesma forma, dependendo da conveniência do uso que a cada momento fazemos dos conceitos, podemos, estrategicamente, tanto chamar de *micropolítica* a política das três linhas (como temos feito até aqui), quanto reservar esse termo para a política das duas primeiras (o fluxo) e usar o termo *macropolítica* para a da terceira (a linha propriamente dita). O importante aqui é descartar que estamos diante de dois tipos de sistema de referência, de natureza absolutamente distinta: um que depende do olho-do-visível (o da retina: campo molar da representação), e outro, que depende do olho vibrátil (e não só, mas da vibratibilidade de todo o corpo, aquele sem órgãos: campo molecular das intensidades). *Eles correspondem a duas formas de individuação, duas espécies de multiplicidade, duas espécies de evolução* – em suma, duas políticas...

d/g

Por tudo o que já dissemos, é até desnecessário frisar que macro e micro, aqui, não têm absolutamente nada a ver com “grande” (a sociedade, o Estado... o todo) e “pequeno” (o individual, o intraindividual, o grupal... a parte, a unidade). *Não se trata de uma diferença de grau, mas de natureza. Não se trata de uma diferença de tamanho, escala ou dimensão, mas de duas espécies radicalmente diferente de lógica.*

rc-hb

d/g

1 MACROPOLÍTICA

“Macro” é a política do plano concluído pela terceira linha, plano dos territórios: **mapa**. No mapa delineia-se um encontro dos territórios: imagem da paisagem reconhecível *a priori*. **O mapa só cobre o visível**. Aliás, de todo o processo de produção do desejo, **só nesse plano há visibilidade: é o único captável a olho nu**. Também **só nesse plano é que a individuação forma unidades e a multiplicidade, totalizações**. Como havíamos dito, a segmentação operada por essa linha dura vai recortando sujeitos, definidos por oposições binárias do tipo homem/mulher, burguês/proletário, jovem/velho, branco/negro, etc.; ela vai recortando ao mesmo tempo objetos, unidades de tempo... Como numa *árvore*, seu traçado evolui segundo um plano de organização previsível e controlável, um *programa*: raiz, eixo central e fixo; em torno do eixo as partes, por sua vez, tornam-se eixos secundários – e assim, sucessivamente, formando um todo. Sujeitos, objetos, unidades de tempo: por exemplo, “aquela” noivinha, com “seu” enxoval de jeitos e trejeitos, gestos, expressões de rosto, palavras..., “num certo” contexto e “num certo” momento perfeitamente designáveis de sua biografia, gorou e grudou.

d/g

d/g

2 MICROPOLÍTICA

“Micro” é a política do plano gerado na primeira linha: cartografia. O princípio de individuação, neste caso, é inteiramente outro: não há unidades. Há apenas intensidades, com sua longitude e sua latitude; *lista de afetos* não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz, e, portanto, inseparáveis de suas relações com o mundo. Por exemplo: “uma-noivinha-gorar-grudar”. O que temos aqui são: *artigos indefinidos* não atribuíveis a qualquer espécie de unidade individual (a noivinha, **aquela...**), *mas que nem por isso são indeterminados* – eles correspondem a singularidades (**uma** noivinha...); *verbos no infinitivo, mas nem por isso indiferenciados* – eles marcam processos, devires;

d/g

d

d

d

nomes próprios não de sujeitos, pessoas ou eus, mas de operações estratégicas do desejo na matéria não formada das intensidades.

d/g

d

O tempo de uma operação estratégica tampouco pode ser medido em unidades. Ele pode ser maior ou menor do que o tempo de formação de um sujeito: *quando algo acontece nesse plano, o eu que o esperava pode já estar morto, ou aquele que teria que surgir pode não ter chegado ainda*. Por exemplo: uma moça, muito moderna, pode ter abandonado a família bem cedo e, junto com ela, formalmente, seu eu de noivinha, sem que, no entanto, tenha ocorrido, **de fato**, um processo de desterritorialização desse eu. E quando isso ocorrer – se ocorrer – pode ser tarde demais. Ou pode acontecer, ainda, como exemplo do segundo caso, de uma noivinha gorar, de fato, mas, por não dispor de outro eu que a acolha em sua nova lista de afetos, ela acabar por grudar em seu velho eu desencantado.

ms-vw

A multiplicidade, aqui, também obedece a outra lógica: ela não forma um todo. Ela é como um *rizoma*, subterrâneo ou aéreo (o das samambaias, por exemplo), cuja evolução é efeito do que se passa entre a planta e o que ela vai encontrando no meio em que se desenvolve – clareza, umidade, obstáculos, vãos, desvios... Nesse percurso nada mais é fixo; **nada mais é origem, nada mais é centro, nada mais é periferia**, nada mais é, definitivamente, coisa alguma. Pode acontecer, por exemplo, de uma raiz ou uma haste principal tornar-se secundária e até desagregar-se; ou o inverso: uma secundária tornar-se principal. **Uma multiplicidade substantivada, devires imprevisíveis e incontrolláveis** é o que vai constituindo o plano imanente ao *diagrama* que o rizoma, em seu nomadismo, corporifica. Plano sempre variável, *sempre remanejado e recomposto pelos indivíduos e pelas coletividades*. A rigor, nesse caso, não se poderia falar em “plano”. Nem no sentido cinematográfico de uma sucessão de imagens filmadas numa só tomada (definida pela posição da câmera e a distância da objetiva), pois a palavra “plano”, aqui, se restringe ao campo visual, aquele apreendido a olho nu; e, além disso, implica uma

d/g

d/g-mf

d

relação de exterioridade ao campo em questão. Nem no sentido geométrico de espaço bidimensional ou de representação em projeto horizontal, como é o caso do mapa (a cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra – aqui, movimentos do desejo –, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente). Mas, sobretudo, não caberia usar, aqui, a palavra “plano” no sentido de um projeto, composto de uma sequência ordenada de operações, visando a determinado fim. É que plano, nesse sentido, é o da lei. *Da lei, enquanto organiza e desenvolve formas, gêneros, temas, motivos; enquanto designa e faz evoluir* d *sujeitos, personagens, caracteres e sentimentos, ou seja, plano,* d *nesse sentido da harmonia das formas e da educação dos sujeitos,* d *implica uma dimensão suplementar, preexistente ao que se passa – em suma, uma transcendência, segundo a qual tudo organiza. Ora, o plano, na lógica da micropolítica, nada tem a ver com a transcendência: ele se faz ao mesmo tempo que seu processo de composição. Ele é mais como os sons do* d *que como as cores. Por isso é que, quando retomamos as cenas desde o início, preferi chamá-las de “platôs de intensidades”.* **Esse plano, então, não é bem um plano: ele é, antes, algo** d/g **como um pedaço de imanência...**

3 AFINAL, QUE ESPÉCIE DE VIDA PULSA NO PENSAMENTO QUE REDUZ O DESEJO À INDIVIDUALIDADE?

Agora temos, você e eu, mais condições de concluir algumas coisas a respeito do caso da noivinha que confunde o desejo com a individualidade e o descola do social, mesmo quando se trata de uma noivinha marxista – que, portanto, não só reconhece o social, mas a ele atribui o papel determinante.

Nossa questão não será a de avaliar o grau de verdade contida nessa concepção, mas sim o tipo de vida que nela vibra. Nossa pergunta é: que espécie de vida promove essa concepção de desejo? A resposta agora parece mais fácil: uma vida que reduz sua sensibilidade ao olho-retina, já

que apenas dessa perspectiva é pertinente separar o individual e o social, como dois departamentos de uma organização burocrática (visível) da existência humana, a parte e o todo. É só no campo molar das representações, sejam elas individuais ou coletivas (único campo apreensível pelo olho-do-visível), que se pode designar conjuntos e discriminar segmentos numa linha: sociedades, grupos (grandes ou pequenos), indivíduos.

Quando o pensamento funciona exclusivamente no registro dessa lógica, a macro, isso acontece porque, provavelmente, a vida que nele vigora morre de medo do finito ilimitado, medo com o qual ela se veria confrontada, necessariamente, caso se expusesse aos dois primeiros movimentos do desejo, aqueles que, por conveniência estratégica, agrupamos sob o nome de “micropolítica”. Esse tipo de pensamento guia-se, exclusivamente, pelo mapa do mundo social vigente e visível – oficial ou não –, considerando-o natural e universal. É um pensamento obediente, incapaz de embarcar no devir e criar cartografias. Em outras palavras, é uma estratégia de pensamento a serviço da conservação. Faz parte dessa mesma estratégia conceber o desejo como caos e a subjetividade como interioridade: pulsa, nesse pensamento, uma vida-que-gora-e-gruda. E é, provavelmente, essa mesma espécie de vida que tal estratégia de pensamento tende a promover.

Diferentes espécies de vida, diferentes espécies de pensamento, diferentes estratégias que se adotam para lidar com os medos ontológico, existencial e psicológico: diferentes concepções de desejo; psicologias diferentes, diferentes tipos de psicólogo. Um tipo de psicólogo é este que entende o desejo como produção de real social. Podemos chamá-lo de “cartógrafo”, já que define seu trabalho como sendo o de acompanhar os meandros de tal produção.

O cartógrafo

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das *formações do desejo no campo social*. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... Até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não.

Do mesmo modo, pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, **teoria é sempre cartografia** – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, evidentemente). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas*. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quando de uma conversa ou de um tratado de filosofia. **O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado**. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir

g

d/g

oa

fn

que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, **“entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar.** Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.

Vê-se que a linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagens-e-salvação. Ela é, em si mesma, criação de mundos. **Tapete voador...** Veículo que promove a transição para novos mundos; novas formas de História. Podemos até dizer que **na prática do cartógrafo integram-se História e Geografia.**

Isso nos permite fazer mais duas observações: o problema, para o cartógrafo, não é o do falso-ou-verdadeiro, nem o do teórico-ou-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo. **O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade.** Implicitamente, é óbvio que, pelo menos em seus momentos mais felizes, ele não teme o movimento. Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a *existencialização*. **Ele aceita a vida e se entrega. De corpo-e-língua.**

Restaria saber quais são os procedimentos do cartógrafo. Ora, estes tampouco importam, pois ele sabe que deve “inventá-los” em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso **ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado.**

O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe a fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. Ele sempre procura ser uma noivinha-que-quando-gora-descola. O que ele quer é se colocar, sempre que possível,

na *adjacência das mutações* das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito ilimitado do processo de produção de realidade, que é o desejo. Para que isso seja possível, ele utiliza um “composto híbrido”, feito do seu olho molar, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu olho molecular, ou melhor, de todo aquele seu corpo (o vibrátil), pois o que quer é apreender o movimento que surge da **tensão fecunda** entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estancando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido. É que o cartógrafo sabe que não tem jeito: **esse desafio permanente é o próprio motor de criação de sentido.** Desafio necessário – e, de qualquer modo, insuperável – da **coexistência vigilante entre macro e micropolítica, díspares, mas complementares e indissociáveis** na produção de realidade psicossocial. Ele sabe que inúmeras são as estratégias dessa coexistência – pacífica apenas em momentos breves e fugazes de criação de sentido; assim como inúmeros são os mundos que cada uma engendra. É basicamente isso o que lhe interessa.

Já que não é possível definir seu método (nem no sentido de referência teórica, nem no de procedimento técnico), mas apenas sua sensibilidade, podemos nos indagar: que espécie de equipamento leva o cartógrafo, quando sai a campo?

1 MANUAL DO CARTÓGRAFO

É muito simples o que o cartógrafo leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este, cada cartógrafo vai definindo para si, constantemente (um exemplo de roteiro de preocupações, o que norteou a expedição do cartógrafo no Livro Dois, encontra-se nas páginas 224 a 227, item 8: Equipamentos e seus usos).

O critério de avaliação do cartógrafo você já conhece: é o do grau de intimidade que cada um se permite, a cada

momento, com o caráter de finito ilimitado que o desejo imprime na condição humana desejante e seus medos. É o do valor que se dá para cada um dos três movimentos do desejo. Em outras palavras, **o critério do cartógrafo é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento.** Seu critério tem como pressuposto seu princípio.

fn **O princípio do cartógrafo é extramoral:** a expansão da vida é seu parâmetro básico e exclusivo, e nunca uma cartografia qualquer, tomada como mapa. O que lhe interessa nas situações com as quais lida é o quanto a vida está encontrando canais de efetuação. Pode-se até dizer que **seu princípio é um antiprincípio:** um princípio que obriga a estar sempre mudando de princípios. É que **tanto seu critério quanto seu princípio são vitais e não morais.**

g E sua regra? Ele só tem uma: é uma espécie de *regra de ouro*. Ela dá elasticidade a seu critério e a seu princípio: o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias que sejam. Ele nunca esquece que há um limite do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade com o finito ilimitado, base de seu critério: um limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos, um “limiar de desterritorialização”. **Ele sempre avalia o quanto as defesas que estão sendo usadas servem ou não para proteger a vida.** Poderíamos chamar esse seu instrumento de avaliação de “limiar de desencantamento possível”, na medida em que, afinal, **trata-se, aqui, de avaliar o quanto se suporta, em cada situação, o desencantamento das máscaras que estão nos constituindo,** sua perda de sentido, nossa desilusão. O quanto se suporta o desencantamento, de modo a liberar os afetos recém-surgidos para investirem outras matérias de expressão, permitindo, com isso, que se criem novas máscaras, novos sentidos. Ou, ao contrário, o quanto esse processo – por não se suportá-lo – está sendo impedido. É evidente que esse tipo de avaliação nada tem a ver com cálculos matemáticos, padrões ou medidas, mas com aquilo que o corpo vibrátil capta no ar: uma espécie

de *feeling* que varia inteiramente em função da singularidade de cada situação, inclusive do limite de tolerância do próprio corpo vibrátil que está avaliando, em relação à situação que ele avalia. **A regra do cartógrafo, então, é muito simples: é só nunca esquecer de considerar esse “limiar”.** *Regra de prudência.* Regra que agiliza mas não atenua seu princípio: essa sua regra permite discriminar os graus de perigo e de potência, funcionando como alerta nos momentos necessários. É que, a partir de um certo limite – que o corpo vibrátil reconhece muito bem – a reatividade das forças deixa de ser reconversível em atividade e começa a agir no sentido da pura destruição de si mesmo e/ou do outro: quanto isso acontece, **o cartógrafo, em nome da vida, pode e deve ser absolutamente impiedoso.**

De posse dessas informações, podemos tentar definir melhor a prática do cartógrafo. Afirmávamos que ela diz respeito, fundamentalmente, às **estratégias das formações do desejo no campo social.** Agora, podemos dizer que ela é, em si mesma, um espaço de exercício ativo de tais estratégias. Espaço de emergência de intensidades sem nome; espaço de incubação de novas sensibilidades e de novas línguas ao longo do tempo. **A análise do desejo, desta perspectiva, diz respeito, em última instância, à escolha de como viver, à escolha dos critérios com os quais o social se inventa, ao real social.** Em outras palavras, ela diz respeito à escolha de novos mundos, sociedades novas. **A prática do cartógrafo é, aqui, imediatamente política.**

2 O CARTÓGRAFO POLÍTICO

Se é verdade que a prática do cartógrafo é política, **esse seu caráter nada tem a ver com o poder, no sentido de relações de soberania ou de dominação.** Estas, mesmo em se tratando de relações interindividuais (como homem/mulher) ou de relações com as minorias (como heterossexual/homossexual, branco/negro), são sempre da alçada da macropolítica, com sua lógica específica de totalidade, identidade, oposição, contradição etc. Já o caráter político

mf da prática do cartógrafo é da alçada da micropolítica e tem a ver com *poder em sua dimensão de técnicas de subjetivação – estratégias de produção de subjetividade –*, **dimensão fundamental da produção e reprodução do regime em curso.**

Por outro lado, **o caráter político da prática do cartógrafo tampouco tem a ver com uma suposta “liberação do desejo”**, projeto que sustentou, por exemplo, os mundos criados na contracultura. Para aquele tipo de projeto, alimentado por um *imaginário de libertação*, desejo é natureza, energia em estado bruto, a qual, uma vez liberada, nos levaria ao paraíso. Aqui, como vimos, trata-se exatamente do contrário: desejo é artifício; são aglomerados de afeto-e-língua, indissociáveis, formando constelações existenciais singulares. É esta a sua natureza. Portanto, **dizer aqui que a prática de análise é política tem a ver com o fato de que ela participa da ampliação do alcance do desejo, precisamente em seu caráter de produtor de artifício, ou seja, de produtor de sociedade.** Ela participa da potencialização do desejo, nesse seu *caráter processual* de criador de mundos, tantos quantos necessários, desde que sejam facilitadores de passagem para as intensidades vividas de forma aleatória nos encontros que vamos tendo em nossas existências.

3 A ÉTICA DO CARTÓGRAFO

O princípio/antiprincípio do cartógrafo o protege da captura pela moral. **A análise do desejo assim concebida é, fundamentalmente, uma ética.**

Explico: se o cartógrafo nada tem a ver com os mundos que se criam (que conteúdos, que valores, que línguas) – questão moral –, ele tem, e muito, a ver com o quanto a vida que se expõe à sua escuta se permite passagem; com o quanto os mundos que essa vida cria têm como critério sua passagem. Aqui, há uma questão de ética. Em outras palavras: se não cabe ao analista do desejo sustentar valores, não é por isso que não lhe cabe sustentar coisa alguma.

Sustentar a vida em seu movimento de expansão, ser suporte disso – não é o que, fundamentalmente, caberia a

um psicólogo-cartógrafo? Não será isso que define sua sensibilidade, independentemente do grupo a que pertence, de suas referências teóricas, de suas preferências metodológicas e até de seus nomes? Sim, porque, além de “cartógrafo”, ele também pode ser chamado de “psicólogo social”, “micropolítico”, “*esquizoanalista*”, “analista das formações do desejo no campo social” ou, simplesmente, “analista do desejo”. E se variam seus nomes é porque variam igualmente as necessidades estratégicas a cada vez que nomeamos. São as **várias máscaras do cartógrafo**. “Cartógrafo”, quando queremos enfatizar que ele não “revela” sentidos (o mapa da mina), mas os “cria”, já que não está dissociado de seu corpo vibrátil: pelo contrário, é através desse corpo, associado ao uso molar de seus olhos, que procura captar o estado das coisas, seu clima, e para eles criar sentido. “Psicólogo social”, quando queremos lembrar a indissociabilidade entre o psíquico e o social em sua concepção. “Micropolítico”, quando queremos chamar a atenção para o caráter imediatamente político de sua prática, entendida como análise da produção de subjetividade. “Analista das formações do desejo no campo social” ou, simplesmente, “analista do desejo”, quando se trata de associar esse tipo de prática à da psicanálise e, com isso, contaminar o cartógrafo e o micropolítico com o *know-how* da escuta psicanalítica do invisível e, inversamente, contaminar o psicanalista com a sensibilidade do cartógrafo micropolítico à relação entre o desejo e o social. Sensibilidade que, na verdade, foi e continua sendo propagada basicamente através da prática da psicanálise. Mas como às vezes tal sensibilidade encontra-se embotada nesta mesma prática, nunca é demais evocá-la.

Por fim, “*esquizoanalista*” – evidentemente, não para fazer qualquer espécie de apologia à esquizofrenia, mas para evocar a idéia de que **a análise do desejo é, necessariamente, análise de suas linhas de fuga, linhas esquizo por onde se desmancham os territórios:** esquizoanálise. A intenção, aqui, é a de marcar uma posição na psicanálise, evocando essa sua sensibilidade à desterritorialização: depurar a problemática da análise do desejo de toda e qualquer

d/g

possibilidade de redução à representação de um ego ou de uma unidade de pessoa. Depurá-la de toda e qualquer possibilidade de redução da escuta ao molar e àquilo que aí se alcança, ou seja, de redução do desejo ao seu terceiro movimento, o dos territórios constituídos. Em outras palavras, através do termo “esquizoanálise”, com certo humor e certa ironia, o que se quer é refundar ou, simplesmente, *g* frisar e reforçar a *fundação do inconsciente sobre a desterritorialização*. Isso para evitar a conotação de individualização da subjetividade que o termo “psicanálise” pôde, por vezes, adquirir nesse seu século de existência, em função do tipo de vida que o escutava e praticava. Dependendo da necessidade estratégica, pode-se ainda dizer que “esquizoanalista” é a máscara do psicanalista com esse tipo de visão ou, então, a máscara do cartógrafo quando sua especialidade é a clínica e sua prática é a psicanálise. Nesse sentido, vale a pena tentar situar a posição que ocupam, na psicanálise, aqueles que pretendem entender o inconsciente como fundado na desterritorialização; tentar situar o “psicanalista cartógrafo”.

O psicanalista cartógrafo

Seria de se esperar que encontrássemos psicanalistas com uma sensibilidade de cartógrafo: pode-se até dizer que o **cartógrafo nasce com a psicanálise**. É que a prática de análise do desejo fundada por Freud, e tal como a fomos entendendo aqui, **é um espaço de iniciação ao exercício do pensamento como produção de cartografia** e, indissociavelmente, um espaço de ruptura com o exercício tradicional do pensamento no Ocidente como busca da verdade, pensamento marcado pelo monopólio do macroolho, olho-do-visível, da representação e da razão totalizadora. Freud franqueia ao pensamento o acesso ao corpo vibrátil e à micropolítica das desterritorializações e das simulações que só esse corpo capta. Mas nem é essa a sua contribuição mais importante, já que outros pensadores, antes e ao mesmo tempo que ele, como Spinoza e Nietzsche, também criaram tal acesso.

O que faz, isso sim, a força e a originalidade de Freud é não só ter afirmado e desenvolvido, conceitualmente, a possibilidade de um pensamento produzido na tensão fecunda da coexistência vigilante entre a potência retínica do olho e sua potência vibrátil, assim como a de todo o corpo; mas, sobretudo, ter introduzido no Ocidente moderno **uma prática de iniciação ao pensamento assim exercido**. “Iniciação” porque um pensamento que emerge do movimento invisível dos afetos, e que tem por função dar língua a esses mesmos afetos, não pode ser transmitido, a não ser através do exercício do próprio pensar assim concebido; exercício que requer disciplina, e tempo e, fre-

quentemente, a orientação de alguém já iniciado: por exemplo, um analista. Com a prática da psicanálise, Freud conquista um espaço para o exercício desse pensar no cotidiano do homem ocidental. Isso nos dá chance de despertar do sono imemorial do corpo vibrátil. A partir dessa conquista, o “mal-estar da desterritorialização” passa a poder ser vivido também no Ocidente como lugar de invenção e, não necessariamente, de carência e, por isso, da depressão e da culpa que por tanto tempo – e por vício – nos intoxicaram porque *faltavam alguns grãos de Zen em nossos desertos*. A partir dessa conquista, abre-se para o pensamento a possibilidade de ultrapassar os limites do visível e de participar da *processualidade de elaboração de cartografias* e de constituição de territórios, embarcando nas linhas de fuga, enfrentando os impasses de sentido e para eles inventando saídas, a cada vez que se apresentam. **O psicanalista, assim configurado, define-se, fundamentalmente, como um cartógrafo da atualidade.** O que o psicanalista cartógrafo toma de Freud não é necessariamente seu repertório de cartografias: isto ele sabe que é datado. O que ele toma tampouco são, necessariamente, seus procedimentos: ele sabe que, abstraídos de determinado contexto, podem se tornar meros rituais esvaziados de sentido. Não é em nada disso que o psicanalista, assim configurado, considera-se herdeiro de Freud: o que toma de Freud é sua **escuta de cartógrafo**. Por isso, diante de seus “quadros clínicos”, seja qual for o contexto em que estiver trabalhando, ele conserva o mesmo princípio, a mesma regra e o mesmo roteiro de indagações de qualquer outro cartógrafo (é claro que, também como qualquer outro cartógrafo, ele está sempre redefinindo seu roteiro de indagações).

É verdade que Freud não era apenas cartógrafo: ele tinha uma ambigüidade em relação à ruptura que ele próprio criou, presente em cada obra, cada página, cada frase. Ele oscilava o tempo todo. Essa mesma ambigüidade atravessa toda a história da psicanálise, propiciando *escolhas micropolíticas fundamentalmente diferentes*. Aliás, a pertinência a um grupo, formal ou não, em nada garante a presença de uma

sensibilidade de cartógrafo. Ela desponta aqui e ali, em qualquer grupo, e, pode-se dizer, independentemente das referências técnicas ou teóricas. Isso gera uma espécie de cumplicidade implícita, uma subconversa que se dá através dos mais variados grupos, corrente subterrânea que atravessa a todos, buscando – encontrando às vezes e, em outras, desencontrando – diferentes formas de inteligibilidade, diferentes cartografias e diferentes mundos. E, para isso, qualquer língua que se invente é sempre bem-vinda. E quantas mais vierem, melhor.

É nesse contexto que propus que você fosse descobrindo comigo um modo de acompanhar as noivinhas em seus obscuros movimentos de desejo, ou seja, um modo de inventar uma cartografia de inteligibilidade a partir de tais movimentos, e para eles.

Agora que já fizemos juntos esse percurso, talvez possamos imaginar o que seria, desta perspectiva, a prática da análise do desejo; e talvez possamos até arriscar uma definição: **a análise do desejo, aqui, é o exercício de aproximação do finito ilimitado.** O exercício de criação de um campo onde se possa conquistar intimidade com o finito ilimitado, o que, muitas vezes, só é possível fazer acompanhado. Um campo onde se possa vivenciar e reconhecer as formas de resistência a essa intimidade que se costuma acionar no dia a dia, as estratégias que o desejo monta para sabotá-la. Vivenciar e reconhecer o desperdício de vida que há nessas estratégias. E aí afrontar as rupturas de sentido, os vácuos de território, sem recorrer a esses velhos vícios. Vivenciar os vácuos e, de dentro deles, buscar matéria de expressão para administrar as partículas de afeto enlouquecidas, dando-lhes sentido. Fazer, com tais partículas, um plano de consistência; suportar criar esse plano. Fazer a passagem e descobrir que *atrás da máscara não há rosto, só necessidade de criar novas máscaras*. Descobrir que *atrás da máscara só há um tipo de força e de vontade: a de criar máscaras*. E que se não há essa força e essa vontade, não há nada ou, mais precisamente, há *vontade de nada* ou de morte. Ou, pior ainda, um *nada de vontade*. Repetir isso muitas vezes,

rij

fn

fn

fn

descobrimo e redescobrimo que não se afugenta o outro com esse vazio de sentido. Descobrir, principalmente, que não se morre nem se enlouquece *d'isso* – pelo contrário, a morte e a loucura entram pela porta da impossibilidade de enfrentar o vazio. Vivenciar a repetição de tudo isso **até saber/sentir que dá para conviver com o finito ilimitado.**

Assim, a **análise é ilimitada, porque ilimitado é o movimento de simulação:** nunca se chega a um porto de embarque, porto de origem, terra natal. Nem a um porto de desembarque, porto final, terra prometida.

Sempre se está criando língua, novos portos, novas terras. Sempre estão se atualizando novos mundos. Mas nem por isso deixa de ser finita a relação analista/analizando: seu limite é a aceitação do caráter ilimitado da análise, decorrência da ilimitada produção de universos, sempre finitos, que é o desejo. Seu limite é a incorporação do processo ilimitado da análise. E os caminhos, os graus, os estilos desta aceitação/incorporação, variam tão infinitamente quantas são as estratégias de desejo e os universos que, através delas, se criam.

Ainda uma observação a respeito do psicanalista cartógrafo: ele sabe que seu campo é atravessado por correntes coletivas de sensibilidade, mundos em transformação. Isso o faz perguntar-se, por exemplo, em que modo de produção da subjetividade que se oferece à sua escuta difere de outros modos que se ofereciam à escuta em outros tempos da história da psicanálise. Por exemplo, se não é mais a histórica a “mulher-predominante-em-nós”, que novas figuras de mulher, que novos dramas, que novos amores estariam soando em seus ouvidos? É claro que esse tipo de preocupação não é o objetivo central do trabalho clínico, mas pode **auxiliar o psicanalista a preservar seu princípio extramoral de cartógrafo** e não grudar em mundo algum como parâmetro para a sua escuta.

Se esse não é o tipo de preocupação central no trabalho clínico, ele pode, no entanto, ser um ponto de partida para o trabalho de um cartógrafo pesquisador. Daí, aliás, nosso interesse em acompanhar as noivinhas em seu complicado destino.

Chegou a hora do cartógrafo sair a campo

Enquanto acompanhávamos as noivinhas, foi se compondo a personagem “cartógrafo”. Agora ele está formado e não vê a hora de sair a campo. Como durante toda a sua composição ele conviveu com as aventuras e desventuras das noivinhas, ele quer conhecer melhor o que está se passando com elas. E não só; quer investigar o processo que as levou a desandarem, a gorarem desse jeito. Para isso, ele sabe que terá de se aventurar pelos meandros do modo de produção da subjetividade vigente na sociedade em que se deu tal processo.

O cartógrafo decide fazer uma expedição “científica” para alguma cidade onde essa corrente coletiva de desterritorialização esteja em plena efervescência. E nós vamos acompanhá-lo nessa aventura.

LIVRO DOIS
A produção do desejo na era da
mídia: anotações de um
cartógrafo

É isso o que me parece interessante nas vidas: os buracos que comportam, as lacunas – às vezes dramáticos, às vezes nem tanto. Catalepsias ou uma espécie de sonambulismo por vários anos: muitas vidas comportam esse tipo de coisa. É talvez nesses buracos que se faz o movimento. Pois a questão é bem a de como fazer o movimento, como furar o muro, de modo a não dar mais cabeçada.

Gilles Deleuze,
Magazine Littéraire

A produção do desejo na era da mídia: anotações de um cartógrafo

No Livro Um, você e eu fomos acompanhando as cartografias da noivinha de perto: primeiro só com os olhos nus, depois com o corpo vibrátil inteiro. Já estávamos junto dela quando esboçava seu perfil de aspirante-a-noivinha; continuávamos ainda por perto quando ela se desdobrava em duas: uma que vingou e outra que gorou. Naquela ocasião, optamos por ficar com a que tinha gorado e acompanhá-la em suas tentativas de lidar com a difícil situação em que se encontrava. Só lhe restavam duas saídas: grudar ou não grudar. Foi nesse momento que a deixamos. A essa altura, as noivinhas já eram três: a “que-vingava”, a “que-gorava-e-grudava” e a “que-gorava-e-descolava”.

Agora vamos acompanhar o cartógrafo na retomada dessa investigação. Enquanto prepara sua nave, o cartógrafo busca definir os critérios que lhe permitirão escolher sua cidade-piloto, uma cidade onde a corrente coletiva de desterritorialização esteja em plena efervescência. Ele acaba por definir três critérios nessa cidade-piloto:

1º) que a revolução industrial seja um fato consumado;
2º) que ela já tenha englobado a cultura e que, sendo assim, os meios de comunicação de massa estejam em plena efervescência;

3º) que a tecnologia e a ciência tenham atingido uma velocidade de mutação vertiginosa (e não importa se são produzidas localmente ou importadas).

Agora, sabendo o que procura, o cartógrafo está pronto para decolar, dando início à sua expedição.

A expedição do cartógrafo

Partindo destas páginas, o cartógrafo começa sua viagem. Atravessa o planeta e, sem a menor dificuldade, encontra inúmeras cidades com aquelas características. Resolve escolher uma que fica mais ao Sul.

Do lugar onde desembarca até a cidade, o cartógrafo percorre uma longa reta. *As paisagens parecem cartazes fixados na beira da estrada.* Fábricas e mais fábricas, motéis, galpões, lanchonetes; *outdoors*; *anúncios luminosos visíveis antes dos próprios lugares* e produtos que anunciam. O cartógrafo vai sendo tomado de perplexidade. **Ele sente no ar uma mistura nebulosa de potência e fragilidade.** Fica intrigado e quer entender o que provoca sensações tão paradoxais. Respira fundo, toma coragem, apela para seu olho nu e também para a potência vibrátil, não só do olho, mas de todo seu corpo. E começa sua aventura. nb

Antes de tudo, ele sai à procura das noivinhas, com as quais conviveu no tempo em que estava se formando. Quer que sejam suas guias na expedição, pois, além de serem suas únicas conhecidas, este, afinal, é o mundo delas. Ele logo as encontra. Estão num alvoroço total: sem vacilar, elas não só aceitam o convite como propõem começar imediatamente. O cartógrafo parte com uma ideia na cabeça: tentar entender, antes de mais nada, a tal potência que sente no ar.. nb

Esplendor da produção do desejo na era da mídia: a esperança

Ao longo da primeira incursão, o cartógrafo vai logo se dando conta de que naquele lugar está havendo uma verdadeira revolução no modo de produção do desejo. Só se fala em mudança. A impressão que ele tem é que está tudo de pernas pro ar. E parece que a inteligência, a sensibilidade, a percepção, os sonhos, os costumes, a sociabilidade etc. se encontram em plena mutação.

Primeiro: a população está sendo tomada por um **processo galopante de desterritorialização**. Parece que, de repente, todos, sem exceção, estão sendo convertidos em força de trabalho: tornaram-se “livres”. A mobilidade dessa força é quase que total, o que implica uma capacidade de desterritorialização considerável, pois **cada vez que se muda de “emprego” da força de trabalho, se muda também de emprego de todas as forças**: é o conjunto do território existencial que se reorganiza. Para que isso seja possível, é indispensável que se tenha muita flexibilidade de linguagem e a possibilidade de uma rápida desaderência das intensidades de qualquer espécie de máscaras em que elas estejam investidas. As máscaras – gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rosto, palavras... – tornam-se obsoletas com uma rapidez incrível. A consequência disso é, por um lado, as pessoas se darem conta de que sua subjetividade é mutável, além de que é efeito de um processo que as ultrapassa: elas deixam de se conceber como unidades autônomas. Por outro lado, passam a ter que dedicar muito de seu tempo e de seu dinheiro a tentar administrar esse processo: **mal conseguem**

se arrumar de um lado e, de outro, já se desarrumam inteiramente.

Esse ritmo frenético de mudanças na vida das noivas fica bem evidente. O cartógrafo testemunha o quanto elas estão se desterritorializando do lar, do ninho, da família. O primeiro sinal que ele nota é que as noivas estão mais na rua do que em casa. Mas logo ele percebe que a coisa vai bem mais longe: sua sexualidade está se desterritorializando da procriação. Suas amigas lhe falam de seus divórcios e de seus abortos (embora o aborto ainda seja ilegal). Ele se dá conta de que tudo isso está destituindo o território materno de seu reinado exclusivo na "natutreza" feminina e convulsionando inteiramente seus territórios amorosos. Um verdadeiro terremoto incubado, mas cujos sinais já se fazem sentir: as noivas perderam qualquer parâmetro.

Suas intensidades afetivo-eróticas não estão mais se efetuando através de uma sequência fixa de segmentos que vão da paquera ao casamento e depois, eventualmente, à viuvez, passando pelo namoro e pelo noivado; ou da paquera ao "caso", quando elas se tornam amantes; ou então da condição de solteira à de solteirona, quando nenhuma das possibilidades anteriores se realiza. Essas três linhas de sucessão cronológica e lógica da instalação de suas alianças amorosas com os homens, essas três opções pelas quais suas intensidades tinham que passar necessariamente para ganhar sentido estão deixando de fazer sentido; desencantaram. Agora tudo é possível. Abismado, o cartógrafo pergunta às noivas o que estão achando disso tudo. Elas, com a maior segurança, afirmam sentir uma promessa de liberdade de experimentação incrível. **Estão cheias de esperança.**

Segundo: com a industrialização da cultura, a paisagem está se modificando totalmente. Há uma **fatura de matéria de expressão como nunca se conheceu**: ofertas e mais ofertas ao alcance de todas as mãos que querem dar língua para as intensidades cada vez mais desterritorializadas. O cartógrafo nota que isso está despertando a consciência de que os territórios nada têm a ver com "minha família", "minha terra", "minha...", mas que eles "estão no ar", literalmente: a

lg

eletrônica movimenta todos os solos da informação; a mídia está se tornando a terra natal de toda a humanidade. **Do mundinho partiu-se, de supetão, para o planeta.** A cidade está se convertendo numa espécie de complexo industrial gigantesco e multinacional: trabalha dia e noite na fabricação em massa dessas matérias. E as pessoas estão se convertendo numa espécie de complexo computador, que armazena, incansavelmente, milhões de informações. O cartógrafo observa que as noivas vivem a situação como se estivessem assistindo a um *non-stop show*, a uma sessão corrida de matéria de expressão se avolumando cada vez mais, proliferando e se irradiando de todos os lados e para todos os lados. Elas estão totalmente fascinadas. E o cartógrafo se contagia.

Ele percebe que uma consequência dessa situação é que as noivas estão participando do processo cultural e se sentem radiantes com isso. Quando lhes pergunta qual a razão de tamanho entusiasmo, respondem que esse sempre foi um campo exclusivo dos homens e, mais especificamente, dos homens da elite. Cultura sempre foi cacife, pelo menos desde que elas se entendem por gente.

O cartógrafo fica sabendo que a industrialização da cultura se deu progressivamente, durante todo o século XX (o cinema, na virada do século, o cinema falado e o rádio nos anos 30, e a televisão nos anos 50), e que, à medida que a mídia e a cultura de massa foram ganhando poder, foram conquistando o espaço que antes era ocupado exclusivamente pela universidade e pela cultura erudita. O cartógrafo descobre, aí, que a cultura está sofrendo um processo de dessacralização – e que, com isso, se liberou a possibilidade de se fazerem todas as misturas, por mais híbridas que sejam.

O cartógrafo se dá conta de que tal situação de intensificação da desterritorialização e da industrialização da cultura implica **um aquecimento do desejo em seus três movimentos**. As pessoas estão, como nunca, expostas a encontros aleatórios, a afetar e serem afetadas de todos os lados e de todas as maneiras: a se desterritorializarem. E as intensidades que surgem desses movimentos dispõem de

lg

uma variedade incrível da matéria de expressão para simular-se. É de se ficar tonto, ele pensa: **há aqui uma imensa potencialidade processual.**

De repente, o cartógrafo mata a charada: era isso o que lhe dava a sensação de potência pairando no ar! Era essa intensificação do desejo em sua força produtiva: uma sede insaciável de criar mundo. O que tinha sentido, desde o início (agora ele sabe), era aquele **fogo do artifício ardendo em seu desejo**: ele acabava de encontrar nada mais nada menos do que **o ouro dos anos dourados**. Aqui, cartógrafo e noivinhas se despedem. Encerra-se seu primeiro dia de sondagem.

A face oculta dos anos dourados

À noite, sozinho em seu quarto de hotel, o cartógrafo reflete: "Algo me diz que não só dourados devem ser esses anos...". Dito e feito: no dia seguinte, retomando seu roteiro, ele percebe que não é gratuito o fato de a força de trabalho estar assim tão "livre", tão disponível. Começa a entender que essa mobilidade total está sendo incrementada para que a força possa ser convertida em suporte de valor a partir de *equivalentes gerais* e, com isso, circular livremente no mercado seguindo o ritmo acelerado de investimentos e desinvestimentos de capital. Alguém lhe explica que aqueles "trabalhadores livres" que lhe pareceram tão interessantes são, por outro lado, *um requisito básico desse sistema, tão básico quanto o capital*: os indivíduos têm que ser *despersonalizados e anônimos* para poderem se mover, sozinhos ou em grupo, como "remessas de mercadoria".

g

lg

lg

Com toda a convicção do mundo, lhe explicam que **esta é a condição para formar uma sólida força de trabalho e de controle social**. O cartógrafo compreende que é por isso que está se instalando um poderoso complexo de equipamentos coletivos que centralizam a distribuição de sentidos e valores. **É para produzir uma homogeneização dos territórios**: as matérias de expressão, embora fartas e variadas, têm, todas elas, suas etiquetas de valor diariamente reajustadas segundo as oscilações do mercado cultural. A cada lugar do todo, diariamente reciclado, um lugar de linguagem, diariamente reajustado. **É também para produzir uma homogeneização do tempo**. Imprime-se uma velocidade externa na administração do tempo, uma

jw

velocidade totalmente alheia às singularidades de ritmo: o corpo é submetido a *um ritmo reticulado, em que os acentos métricos convergem sobre os tempos fortes do compasso de maneira inequívoca, como golpes de martelo que disciplinam seu movimento regular de subida e descida, de modo que dele possa ser extraído o maior rendimento possível.*

O cartógrafo fica achando aquilo tudo muito estranho. De novo, alguém, convictamente, lhe explica que só assim pessoas e coisas podem se deslocar e render sem prejudicar a boa funcionalidade do todo.

Se a flexibilidade de linguagem pareceu ao curioso cartógrafo um dos aspectos mais criativos do mundo com o qual está travando contato, agora ele reconhece que, com igual ou maior intensidade, ocorre também **uma automatização da linguagem.** Da mesma forma, aquela abertura multicultural, que lhe parecera tão interessante, é acompanhada de seu contrário: **um fechamento segregativo, sutil e implacável.**

Mas as surpresas de nosso cartógrafo com os bastidores dos anos dourados não param por aí. Se a intensa mobilização do desejo o tinha feito sonhar com a potência inventiva desse sistema, agora ele percebe que a estratégia predominante dessa mobilização é a do aquecimento do primeiro movimento, mas para ser imediatamente capturado e capitalizado por um *a priori* no terceiro.

Perplexo, ele se dá conta de que **toda a força ativa do desejo que sentia no ar é, predominantemente, convertida em força reativa contra sua própria expansão.** O que acaba de perceber, na verdade, é que a desterritorialização exacerbada em nada garante que na composição de territórios se tenha a intenção de fazer passar as intensidades. Ao contrário, a intenção que predomina é a de **se fazer reconhecer no sistema de hierarquização de sentidos e valores** e, com isso, realimentá-lo. Nesse modo de produção de desejo há uma nítida supervalorização do primeiro movimento, o da desterritorialização, e do terceiro, o da representação e dos investimentos de interesse. E há uma desvalorização do segundo movimento, o das intensidades buscando simular-

se, e dos investimentos de desejo. Nesse momento, muito preocupado, o cartógrafo percebe que nisso tudo o corpo vibrátil deve andar meio esquecido, jogado às traças. Ele tenta conversar sobre isso com as noivinhas e percebe que elas **confundem o invisível com o oculto:** elas sequer desconfiam que intensidades invisíveis nada têm a ver com representações ocultas. Aí ele pensa: é que elas – e não só elas – devem estar muito habituadas a considerar que tudo, absolutamente tudo, pode ser convertido em imagem. E quando algo escapa a esse seu macro-olho, certamente acham que é porque esse algo está escondido. Elas jamais pensaram que se trata de algo de uma outra natureza, e que funciona numa outra lógica.

Já é tarde, e eles se despedem. As últimas descobertas aguçam a curiosidade do cartógrafo em sondar aquele outro clima que sentia no ar, desde o início: a fragilidade. Ele se prepara para fazê-lo no dia seguinte.

A crise na subjetividade

1 MISÉRIA DA PRODUÇÃO DO DESEJO NA ERA DA MÍDIA

O cartógrafo já acorda pensando que, paralelamente ao fascínio que essa mudança toda exerce sobre as pessoas, ela certamente provoca também um imenso susto. As noivinhas, mesmo: se, por um lado, estão superentusiasmadas, por outro estão tremendo nas bases, literalmente. Aliás, a palavra “crise” é uma constante desde que ele aqui chegou.

A visita do terceiro dia começa. O que o cartógrafo constata é que o bombardeio incessante de matérias de expressão, a rapidez com que tais matérias caem em desuso e são substituídas por outras gera **uma saturação de sentido que funciona como num processo inflacionário**. Perdem-se as coordenadas de valor relativo: as coisas podem ter qualquer sentido, elas não têm sentido algum. **É uma verdadeira falência da credibilidade de todas as espécies de subjetividade: um curto-circuito generalizado.**

As máscaras não fazem mais sentido, as cartografias não cartografam mais nada e as pessoas, seja qual for o lugar em que se encontrem, se sentem inteiramente *estrangeiras*, inclusive e principalmente *em seu próprio país*. **Estrangeiras não só no espaço, mas também no tempo**: perderam as coordenadas de ritmo, coordenadas variáveis e próprias de cada movimento de seu desejo. Mais do que “livres”, pondera o cartógrafo, as pessoas estão é completamente perdidas; talvez fosse até mais adequado chamá-las de “trabalhadores soltos”. O cartógrafo chega a uma triste conclusão: está ocorrendo uma imensa, **uma seríssima crise de subjetividade.**

nb

Aqui o cartógrafo recorre à sua regra, a única que tem, e se pergunta se o que está ocorrendo não é devido ao fato de se ter ultrapassado o limiar tolerável de desterritorialização. Sua hipótese é a de que **a capacidade operatória de semiotização das intensidades a que se estava habituado não comporta tamanha rapidez de desterritorialização, tamanha antecipação do fim, tamanha exposição à finitude.** E se é assim, ele pensa, isso deve ter gerado **uma pane no equipamento sensível:** é como se as máscaras ficassem todas meio fora de foco, sem tempo nem condições para se recompor. Ele toma consciência do quanto essa situação deve estar sendo dramática. Essa defasagem, imagina, além de deixar as pessoas perdidas, abala profundamente os próprios alicerces que as constituíam: a identificação com um território existencial, vivido como a natureza das coisas. É que nesse modo de produção a vida dos territórios é muito mais curta do que a de uma existência. **Isso expõe as pessoas, repentina e violentamente, ao caráter finito ilimitado das maquinações do desejo, ao caráter de simulação das linguagens e à ambiguidade congênita dessa simulação.** “Isso é ótimo”, pensa o cartógrafo, embora reconheça que, no começo, deve assustar muito: deve intensificar barba-ramente a angústia ontológica, existencial e psicológica.

O cartógrafo associa o que acaba de perceber ao fato de que ouviu muito falar em “identidade” desde que chegou. Ele tem um *insight*: deve tratar-se de uma cartografia possível nesse processo de excessiva desterritorialização, a qual consistiria em considerar o território perdido – real ou imaginário – como essência; investir os afetos desterritorializados na construção ou reconstrução de tal território; legitimar tal investimento como busca de identidade.

O cartógrafo faz mais uma associação: desta vez é com o fato de ouvir falar tanto em “psicoterapia” (pelo menos metade das noivinhas estiveram ou estão em processo de). Aqui, um outro *insight*: no vazio de sentido que se criou no bojo dessa crise, dos afetos desterritorializados, se atualizou uma nova prática e um novo discurso, o do trabalho clínico com a subjetividade. Provavelmente, Freud, com sua

extraordinária sensibilidade, tenha captado o início desse processo, na virada do século, e tenha inventado, de dentro dele, uma forma de conhecê-lo e administrá-lo, que chamou de “psicanálise”.

Nesse momento o cartógrafo decide fazer uma pausa e ir ao cinema. Está havendo um festival Hitchcock na cidade. Ele convida as noivinhas, que gostam da ideia. Decidem ver *Um corpo que cai* e *Intriga internacional*.

2 O CARTÓGRAFO VAI AO CINEMA E DESCOBRE A “AMÉRICA”

Depois de ver os filmes, o grupo se despede. O cartógrafo vai para o hotel com uma forte sensação de que tudo o que acaba de assistir tem a ver, e muito, com o que está descobrindo em sua incursão por aquela cidade. Durante o caminho, intrigado, ele tenta em vão situar o que lhe dá essa sensação. Já em seu quarto de hotel, uma primeira ideia – bastante óbvia, aliás – lhe vem à mente: “suspense”, em todos os sentidos do termo, é o clima básico da trama tanto dos dois filmes, quanto da vida das pessoas que está conhecendo na cidade. Todas vivem em “suspense” permanente. A partir dessa ideia, desencadeia-se na mente do cartógrafo uma série de reflexões acerca dos filmes e daquela cidade.

Primeiro: num mundo inteiramente desterritorializado, beirando a “psicose” – como batizou Hitchcock um de seus filmes –, **todos os sinais são ambíguos e enganosos.** Tanto podem ser verdadeiros quanto falsos. Tanto podem significar atração quanto traição. Na dúvida gerada por essa permanente oscilação, a balança acaba sempre pendendo mais para a ameaça de traição do que para a promessa de atração e aliança. **A paranoia é a normopatía ambiente.** Estando todos os sentidos “suspensos”, a incerteza e a insegurança geram um estado de alerta permanente: ao converter-se tudo em sinal de perigo, dá-se um jeito, pelo menos provisoriamente, de ter um sistema que funcione como baliza neste mundo psicotizado da desterritorialização. O invisível explícito, vivido como vazio

jd

de sentido, é pelo menos habitado por fantasmas e monstros e articulado numa cena organizada. “Antes mal acompanhado do que só”, é o raciocínio predominante.

Segundo: o “outro” pode desertar de seu papel a qualquer momento, virar a casaca, literalmente. É que *seu corpo, como qualquer outro, não pára de se conectar a novos agenciamentos, o que faz com que ele mergulhe numa nova lista de afetos e sentidos*; e, dependendo do grau desse mergulho, ele pode virar ainda “outro”, um completo desconhecido. Quando isso acontece – e acontece muito – o território que se estava constituindo desaba de repente. Nada garante que o outro “se mantenha dentro do espírito”; quando deixa de fazê-lo, *“pode levar um sujeito à morte sem mexer um dedo”*, como diz Hitchcock, pela boca de alguma personagem do *Intriga internacional*. Ele certamente se refere à morte do encantamento da simulação desse sujeito, pensa o cartógrafo, à desagregação de sua máscara: **quando uma personagem deixa de se manter dentro do espírito, é o próprio espírito que deixa também de se manter**. É inevitável: quando uma personagem se revela “outra” do que fora até então, isso funciona como uma linha de fuga que esgarça toda a trama do enredo. A trama, nesse caso, perde toda a força de encantamento que, até aquele instante, a tornava real. Em outras palavras, a realidade pode entrar em colapso a qualquer instante: ela está sempre por um fio – o manter-se dentro do espírito –, sempre prestes a ser “suspensa”, interrompida. **Para um estado de coisas permanentemente nebuloso, trepidante e ameaçador, um estado de espírito permanentemente de plantão.**

O cartógrafo se dá conta de que nos filmes a que acaba de assistir, como na vida com a qual acaba de se envolver, toda vez que alguém confia em outrem e lhe dá credibilidade, corre o sério risco de cair na cilada das simulações desse desconhecido. Quando menos se espera, esse alguém no qual depositou confiança pode lhe dar o bote e dominá-lo. Já que o mundo está, temporariamente, com suas tramas afrouxadas, tem o cacife quem consegue impor sua trama: o dono da trama é dono de todos, ele é o cafetão que distribui

os papéis e as cenas, os valores e os sentidos. Quando uma personagem percebe que caiu na cilada, ela perde toda a segurança – ontológica, existencial e psicológica. Transformada em otária, ela se sente como que “suspensa” do mundo, sofrendo pena de exclusão por tempo indeterminado.

Descobre, então, o cartógrafo que esse jogo é tão forte que a plateia cai totalmente na cilada, junto com as personagens. Ele se lembra de que, durante os dois filmes, bastava começar a se sentir reasegurado da autenticidade da trama, para ela revelar-se falsa, vista de outra perspectiva, provisoriamente última. Desabava tudo e, aí, outro enredo ganhava a condição de verdadeiro; logo em seguida, este também perdia tal condição para outra perspectiva... Generaliza e reconhece: tudo para eles é – sem parar – rosto e máscara, ao mesmo tempo. Rosto que, a qualquer momento, pode se revelar como máscara e vice-versa. As personagens do filme, como as da cidade que está visitando, estão sempre à beira da queda num abismo de sentido (salto mortal), à beira de decolar rumo a um novo encantamento (salto vital). Elas estão sempre assim: **“suspensas” no ar, em estado de vertigem iminente, tentando administrar sua insegurança**. Desesperadas, personagens e pessoas ficam repetindo e repetindo o teste da verdade, a prova dos nove da autenticidade de todos aqueles que encontram pelo caminho. E sempre se frustram: quando a máscara do recém-conhecido cai por terra, acham que estão, finalmente, chegando à sua verdade; nesse momento, o recém-conhecido simplesmente se desloca, entra numa outra série de existência, com uma lista de afetos e novas máscaras e, mais uma vez, torna-se “outro”.

O cartógrafo nota que, mesmo sabendo que o teste não serve para nada, pessoas e personagens não desistem: nessa perseguição recíproca, onde cada um tenta desesperadamente desmascarar o outro e ninguém sabe mais quem é inimigo de quem, acaba-se chegando à morte. Só então percebem, como diz Hitchcock – sempre por meio de uma de suas personagens –, que *a única coisa de absolutamente real é a morte*. Mas aí é tarde demais: a morte,

ah

elas descobrem, não é um rosto que se revela, original e verdadeiro, mas sim um corpo que cai no vazio, inerte. Um corpo vibrátil que não vibra mais, um corpo físico cujo funcionamento foi interrompido. O cartógrafo se lembra de uma frase definitiva que lhe chamou a atenção em *Um corpo que cai*: “Não se pode saltar impunemente no vazio”. **Vazio de simulação, vazio de desejo – vida vazia**, agora ele entende.

Nesse momento, o cartógrafo percebe que Hitchcock está dando língua, brilhantemente, a uma experiência crucial de sua época: a descoberta de que **a simulação é a própria condição da vida. A abolição de uma é a abolição de outra.** O que o cineasta está mostrando aos seus contemporâneos e, portanto, a ele, pensa o cartógrafo, é que, por mais que a simulação recém-explicitada lhes pareça estranha, ela jamais será abolida. E que, no entanto, mesmo que se saiba disso, **o que move a vida é exatamente a busca infrutífera e sempre recomeçada dessa abolição.** É nessa busca que se tecem enredos, figuras e destinos. É essa busca que faz da vida uma sucessiva corrida de “suspense”, constituída de momentos de alta tensão: exatamente como nos filmes que acabou de ver, descobre, comovido, o cartógrafo. (E nós, o que descobrimos, graças ao seu olhar, é que talvez ninguém tenha deixado um testemunho melhor do que Hitchcock, com seus filmes dos anos 50, de como deve ter sido encarar, “na marra” e pela primeira vez, o caráter de simulação do desejo e sua angustiante ambiguidade. Descobrimos que o que nos tornava e torna tão cativos de seu cinema é que ele é feito, basicamente, de “cenas de ambiguidade explícita” e do pânico que provocam quando se é tomado de surpresa).

Satisfeito com os inesperados instrumentos que lhe forneceu a breve incursão pela obra do grande cineasta, o cartógrafo apaga a luz, preparando-se para retomar, no dia seguinte, sua expedição pela cidade dos anos dourados.

3 SÍNDROME DE CARÊNCIA-E-CAPTURA

Nesse seu quarto dia de exploração, graças ao que assistiu na véspera, fica ainda mais claro para o cartógrafo o

quanto a situação deve estar sendo traumatizante para a maioria das pessoas. O quanto grande parte delas vive em estado de fragilidade permanente: desparametradas, desorientadas, desconcertadas.

3.1 FRAGILIZAÇÃO EM ASPIRAL ASCENDENTE: A CARÊNCIA DAS NOIVINHAS

O cartógrafo percebe que está diante de **um processo de fragilização em espiral ascendente**: quanto maior a desorientação, maior a vulnerabilidade a se deixar capturar pelo amparo que as centrais de distribuição de sentido e valor oferecem, investindo-as de um *suposto saber*. E quanto mais isso acontece, mais se agrava, necessariamente, a perda de sensibilidade ao corpo vibrátil: ele vai sendo mais e mais desconsiderado. Por sua vez, mais enfraquecida fica a potência de criação do desejo, mais intimidado e amortecido o gesto criador. Mais se acentua a desorientação. E quanto maior a desorientação...

la

Aos poucos, nosso amigo se dá conta de que o afeto que o processo de desterritorialização intensificado mais mobiliza nas pessoas é o de “carência”. Muitas das noivinhas **vivem a angústia provocada pela desterritorialização como falta** de algo em si mesmas que lhes estaria permitindo vivenciar uma sensação de plenitude e estabilidade de território. Essa impressão de carência é ora atribuída à falta de informação (astúcias de código para compor bons territórios), ora atribuída à falta de um objeto de investimento – mais especialmente, à “falta de homem”. O cartógrafo entende agora por que ouve tanto falar em “carência” desde que aqui chegou: ou num tom choroso e reivindicativo de quem pede, ou num tom irritado e fugidio de quem é objeto desse pedido.

Em torno da ideia de carência, o cartógrafo começa a perceber um tipo de micropolítica amorosa que se repete com bastante frequência entre as noivinhas-que-goram e seus pretendentes. Resolve cartografá-la com atenção.

f/pb

Antes de fazê-lo, nosso investigador retoma e confirma sua impressão de que é só à primeira vista que suas amigas noivinhas estão contentes com a tal “liberdade de experiência amorosa” conquistada. É uma meia-verdade, pois o que o cartógrafo percebe aos poucos é que o amor se tornou para as noivinhas *uma bússola assustada que não aponta mais com uma agulha magnética em direção ao Norte da unidade*. Suas intensidades afetivo-eróticas estão disparando a agulha para todos os lados, enlouquecidamente: **elas estão sem eira nem beira em matéria de amor**. E é diante dessa deriva que, percebe o cartógrafo, constituiu-se aquele tipo de micropolítica amorosa que lhe pareceu tão frequente. Ele começa a anotar seus elementos.

3.2 NOIVINHA MELANCÓLICA & SEUS PRETENDENTES FÓBICOS OU A CAPTURA PELO “AMOR”

O cartógrafo nota que, desde que chegou, volta e meia encontra suas amigas noivinhas inteiramente melancólicas, arrastando-se pelos cantos. Começa a querer descobrir o que as tira da melancolia e logo percebe que é muito simples: basta que um homem, ao qual atribuem qualquer espécie de poder, lhes acene com algum sinal de sedução para que reajam imediatamente, ganhando brilho e reaprumando-se. Isso costuma desencadear nelas, como que automaticamente, a lamúria de uma reivindicação: que aquele prestigiado olhar masculino venha restituir-lhes uma imagem autorizada e valorizada de si mesma, espelhada em seu olhar desejanste, alimento narcísico para seu desalento. E, por princípio, esse desejo masculino deve estar sempre alhures, pois é dessa esperança infinita que se alimenta e se mobiliza o desejo daquelas mulheres. **Esperança de que, quando finalmente forem desejadas, poderão se apropriar do suposto poder de segurança ontológica do homem escolhido: são histéricas**, pelo menos nesse aspecto, conjectura o cartógrafo.

Depois ele volta sua atenção para os homens e também se surpreende bastante: percebe que eles aceitam de bom

grado desempenhar o papel do portador do olhar de desejo supervalorizado e, por princípio, inatingível. E logo compreende o porquê: é que desempenhar tal papel casa perfeitamente com uma necessidade atual dos homens. Nosso amigo percebe que também eles sentem seu território muito abalado, e o fato de serem investidos de toda essa importância por aquelas mulheres lhes traz, pelo menos por alguns momentos, o conforto narcísico perdido. Além disso, também lhes convém o fato de, para as mulheres, ser muitas vezes imprescindível que o desejo dos homens esteja sempre lhes escapando: é que, nota o cartógrafo, **eles têm um verdadeiro pânico em relação à territorialização excessiva e, portanto, à demanda voraz daquelas mulheres – e é fobicamente que reagem a isso**. Todo pretendente de “noivinha-que-gora-e-melancoliza” vive escapando e prometendo que, embora naquele momento não seja possível, mais adiante certamente voltará. E quanto mais ele demora para telefonar, mais ela se desespera, mais sente que lhe falta algo, mais supervaloriza aquele homem e mais espera o dia em que se completará através do olhar de seu desejo. Nessa estratégia, ambos incitam o desejo em função de uma imagem de plenitude: a do “amor romântico”. É essa imagem, superincentivada pela mídia que, no caso, captura seu desejo.

O cartógrafo pondera: daria até para dizer que, do ponto de vista do narcisismo, o homem é quem sai ganhando nessa história. Mas amplia seu raciocínio: do ponto de vista de seu princípio – a expansão da vida –, **ambos saem perdendo em sua triste neurose complementar**, conclui o cartógrafo.

Tendo mais clara tal micropolítica, nosso amigo começa a perceber que ela extrapola o campo amoroso e, provavelmente, constituiu a estratégia de produção do desejo predominante na sociedade que está investigando. Ela parece tão significativa e tão reativa que nosso amigo resolve considerá-la como uma verdadeira síndrome. Chega até a batizá-la: **síndrome de carência-e-captura**. Resolve deter-se particularmente no funcionamento dessa importante síndrome na relação entre as noivinhas e a mídia.

O cartógrafo intui que um certo tipo de relação que as noivinhas frequentemente estabelecem com a mídia obedece à mesma lógica daquela síndrome tão comum em sua relação com os homens. Trata-se de uma variação da síndrome de carência-e-captura. A diferença é que, nesse caso, a sensação de carência é atribuída à falta de informação, que lhes possibilitaria o acesso à plenitude estável e assegurada de uma terra prometida, a que só as elites – seja qual for sua espécie – teriam acesso. É que elas interpretam a necessidade de simulação – elaboração de cartografia para fazer passar os afetos desterritorializados – como necessidade de consumo e acumulação de informação valorizada.

Quando isso acontece, percebe o cartógrafo, as noivinhas buscam suprir a sensação de carência investindo nas linguagens que a mídia prestigia. E quanto mais se desterritorializam, mais se empenham em descobrir as matérias de expressão melhor cotadas no mercado, para reconstituírem seus territórios. **O critério dessa estratégia de investimento é absolutamente narcísico:** atribuindo valor de verdade àquilo que a mídia privilegia, as noivinhas esperam receber, através da identificação, os juro de um retorno espetacular, o acesso a uma autoimagem idealizada e segura onde estariam a salvo da desterritorialização. O que elas pretendem com isso é **se apropriar do poder de certas imagens para reassegurar-se em seu território narcísico abalado.** E o cartógrafo conclui que também em relação à mídia aquelas suas amigas são históricas, pelo menos nesse aspecto.

Nosso amigo prossegue, cartografando agora a mídia. Se dá conta de que essa demanda histórica de certas noivinhas se enquadra perfeitamente bem naquilo que a mídia muitas vezes se propõe, perversamente, a fornecer. É quando ela encarna o papel de **especuladora de sentidos e valores:** é ela quem sabe, com absoluta exclusividade, quais os sentidos mais rentáveis, a cada dia, na bolsa de valores culturais. Aliás, é a própria mídia que o determina, através

de seleção de imagens que opera. Cria-se, em sua prática e em seu discurso, a miragem de um oásis de felicidade e *glamour* no árido deserto da sociedade midiática.

O cartógrafo se dá conta de que isso intensifica nas noivinhas a sensação de carência. Ele se detém nesse aspecto: **é como se a cada dose de informação fosse passada uma dose, igual ou maior, de humilhação,** pois lhe é dado a entender que o tal oásis das linguagens que tocam a verdade das coisas não está nem nas proximidades do lugar em que se encontram perdidas nossas noivinhas. Nessa situação, além da dor da desorientação, as noivinhas sentem-se perseguidíssimas; sentem-se bregas, desqualificadas – em suma, sentem-se “por fora”, literalmente. É por isso, imagina o cartógrafo, que suas amigas são tão ansiosas: estão sempre correndo atrás de alguma coisa que, por princípio, nunca está onde elas chegam. **E quanto mais ansiosas ficam, mais intensamente investem o sonho de um dia chegar “lá”.**

O cartógrafo, de repente, começa a entender algo que o intriga desde o início (ou, no mínimo, desde que começou a pesquisar o lado nefasto desse modo de produção): como é que as pessoas aceitam investir seus afetos desterritorializados nessa direção tão contrária à expansão de sua vida. Como é que não percebem coisa alguma e se deixam atrair a esse ponto por aquela máquina infernal. Como é que engolem, assim tão inocentemente, **sem a menor problematização,** a hierarquia de valorização das linguagens. Como é que não se dão conta do **veneno da captura** quando, para o cartógrafo, os sinais de sua **intoxicação progressiva** são tão evidentes. O que ele começa a entender é que **são as próprias pessoas que, em seus investimentos de desejo, atualizam a mídia no papel de centralizadora de sentidos e valores, dando-lhe crédito e realidade.**

Espantado, o cartógrafo se dá conta de que está novamente diante daquela espiral ascendente de fragilização. É terrível, ele pondera: quanto mais históricas as noivinhas, mais perversa a mídia, e vice-versa, ou seja, quanto mais enfeitadas as noivinhas, mais elas se convertem em **vítimas**

mas, cúmplices de sua própria captura. A arrogância dos meios de comunicação de massa provoca nelas uma ansiedade que só faz alimentar o funcionamento perverso desses mesmos meios. Ao levar a sério essa arrogância, investindo-a seja de que modo for, até com seu mal-estar, as pessoas nutrem e mantêm viva a pretensão de sua vontade centralizadora. **Um não existe sem o outro, e essa realidade – com sua síndrome básica – não existe sem os dois: unidos pela e na perversão.**

O cartógrafo fica tão abismado que, para melhor captar o funcionamento dessa síndrome infernal, tenta refazer o circuito em espiral de suas operações, englobando todos os passos de elaboração que deu até aqui: desterritorialização vivida como carência → vulnerabilidade à captura pela centralização de sentidos e valores → investimento na própria captura → humilhação → perda de sensibilidade do corpo vibrátil → enfraquecimento da potência de criação → intimidação do desejo em seu caráter produtivo → fragilização ainda maior → desterritorialização vivida mais e mais como carência...

O cartógrafo fica perplexo: se as coisas são como está entendendo, a síndrome de carência tem como efeito o fato de o desejo investir a centralização dos valores e, conseqüentemente, a padronização subjetiva (é por isso, ele entende agora, que as pessoas em geral têm um ar tão estereotipado e embrutecido). Em outras palavras: **o desejo investe contra si mesmo** e a favor do fortalecimento do *status quo*. É espantoso descobrir que isso também faz parte do funcionamento do desejo – como, aliás, toda e qualquer de suas estratégias.

Chegando a esse ponto, nosso investigador sente um misto de alívio e dissabor: é que ele tem a impressão de estar se aproximando de um aspecto crucial desse modo de produção da subjetividade – daí o alívio –, mas este é, no mínimo, inquietante.

3.4 A POLÍTICA DE CAPTURA DO DESEJO

O que o cartógrafo acaba de perceber é que *esse sistema não funciona na base da repressão* – nem do desejo, nem de qualquer forma ou conteúdo que ele venha a produzir. Ao contrário, esse modo de produção *funciona na base da incitação* do desejo, mas sob a condição de interceptar o acesso ao invisível, entulhar tudo de imagem até que o próprio gesto criador fique soterrado e não possa mais se lançar. Portanto, se há aqui alguma espécie de repressão, seu objeto seria a própria fonte do gesto criador; este vai ficando, por si só, cada vez mais enfraquecido e, em alguns casos extremos (ao que parece, não tão raros), não chega sequer a se esboçar. O desejo, aqui, pensa o cartógrafo, perde muito de seu *sentido maquínico* (o dos agenciamentos se fabricando e o dos afetos passando nesses agenciamentos), em favor do sentido exclusivamente mecânico de uma existência feita de territórios psicossociais padronizados.

Nosso amigo está cada vez mais perplexo. Sendo assim, ele pondera, a estratégia desse modo de produção do desejo consiste, em primeiro lugar, **na combinação de duas táticas: incitação da força de desejo e esterilização de sua potência criadora**. Em seguida, algo que já havia começado a entender se amplia e se confirma: é através de tal combinação que se opera a **captura de uma mais-valia de força do desejo para o investimento na reprodução do sistema e no fortalecimento de seu poder**. Os dois primeiros movimentos do desejo são intensificados – porém, ao invés de impulsionarem a desterritorialização das formas vigentes, alimentam a reprodução dessas mesmas formas, produzindo **mais-valia de poder** para tal reprodução. O cartógrafo deduz: esta é a própria força motriz de toda a parafernália.

E continua: *esse modo de produção da subjetividade dissocia o poder do corpo, faz do corpo uma aptidão, uma capacidade que procura aumentar, invertendo a energia, a potência que poderia resultar disso, e tornando-a uma relação de sujeição estrita*. É força ativa tendendo a converter-se em força reativa de conservação.

Chocado, o cartógrafo volta-se para as noivinhas e toma consciência de que a insensibilidade ao corpo vibrátil, que muitas delas experimentam, faz com que sequer possam identificar a fonte de sua impotência e, menos ainda, as direções que seriam potencializadoras, os *bons encontros* que poderiam dar partida ao seu desejo. É como estar num mundo em que os deuses já partiram ou ainda não chegaram, ele imagina. Sem *know-how* para lidar com a situação e **sem uma política de subjetivação, deve estar sendo muito difícil sobreviver.** Ele até imagina que é aqui que se instala a prática das psicoterapias: constituem, provavelmente, uma tentativa de administrar a aquisição de *know-how* de análise do desejo para lidar com tudo isso.

Nesse ponto de sua investigação, o cartógrafo se dá conta de algo muito importante: se, por um lado, as noivinhas *conseguiram explicar-lhe o poder no sentido das relações de dominação e de exploração*, inclusive em todas as escalas – desde a relação entre o Estado e a sociedade ou entre as classes, até a relação intersubjetiva entre o homem e a mulher (na qual, aliás, tanto insistem) –, *por outro lado elas parecem não ter captado o poder no sentido micropolítico de estratégia de um certo modo de produção da subjetividade.* No entanto, supõe nosso investigador, suas amigas só poderão conquistar essa sensibilidade se conseguirem **deixar de interpretar/vivenciar a desterritorialização como carência** e se abrirem para o caráter finito ilimitado de sua condição desejante. Para isso terão que entender, algum dia, que o que está se passando com elas não é uma angústia por aquilo que lhes falta para serem desejadas, angústia pela carência de um homem ou de um objeto qualquer que se foi. **O móvel de sua angústia é um processo de desterritorialização coletiva que implica o desmanchamento tanto do próprio objeto “noivo”, quanto da subjetividade de noivinha que o esperava.** E terão que entender também que, enquanto continuarem a encarar essa espécie de subjetividade e a investir os homens como “pretendentes-a-noivos”, só haverá a monotonia de um lamento ressentido e de um gemido melancólico. Se, nessa história, alguém está carente de algo,

certamente esse algo não é um objeto que viria completá-lo, salvando-o da finitude. **Se alguém está carente de algo, não é de pessoa, mas de potência produtiva do desejo para investir em novas direções,** das quais surgiriam, por exemplo, novos territórios femininos, novos territórios masculinos, novas formas de amor. E não só.

O cartógrafo acha que finalmente entendeu o sentido da tão falada “crise”. É mais: desconfia que acaba de “descobrir a ‘América’”. “América”, essa palavra que tanto ouve desde que aqui chegou, é o nome do universo que está se apresentando a todos nós, nesta expedição. É que as primeiras visões dessa mitologia, com seu esplendor e sua miséria, foram fabricadas em Hollywood. Uma das noivinhas, que passou um ano nos Estados Unidos morando na casa de uma família norte-americana, através de um programa de intercâmbio, lhe conta que lá, quando se referem a seu país em termos de realidade política ou econômica, usam sempre o nome “States” ou “USA”. O cartógrafo descobre que “América” *é um nome mítico.* **“América” é o nome de qualquer lugar do planeta que tenha as características que lhe serviram de critério na escolha da cidade de sua expedição científica.** E são muitos esses lugares. Agora ele entende por que achou, tão fácil e rapidamente, essa cidade-piloto: é que a “América” está por toda a parte. Ela está em todos. **América-em-nós.** Ele apenas escolheu uma cidade da “América” no Sul. nb

E ele arrisca uma hipótese: a crise da subjetividade é provocada não só pela dificuldade de passagem e adaptação a essa sociedade de mídia, mas, o que é mais intrigante, **essa crise é inerente ao funcionamento do próprio modo de produção dominante nesse novo contexto – a América-em-nós – modo que funciona na base da síndrome da carência-e-captura.** E ele refaz o circuito de seus sintomas: fechamento narcísico à alteridade e seus efeitos no corpo vibrátil → desterritorialização vivida como carência → impossibilidades de criar cartografias → espelhamento narcísico em mapas → captura de mais-valia do desejo para o fortalecimento dos mesmos mapas e reprodução da mesma micropolítica.

Nosso investigador se dá conta de que a síndrome que acaba de cartografar é a máscara através da qual simulam-se, predominantemente, os afetos desterritorializados nessa sociedade. Mas, mesmo sabendo disso, ele se diz: devem estar inventando maneiras de romper o circuito fechado de mapas e criar cartografias...

4 VIVA A "AMÉRICA"! VIVA A CRISE!

Você certamente notou que, durante o período de sua expedição através dos efeitos explosivos da industrialização das matérias de expressão na produção do desejo, quase nunca o cartógrafo se deixou contagiar completamente, nem pela admiração, nem pelo horror. Sua suposição é que, passado o choque, aquilo que num primeiro momento parece tão absolutamente deslumbrante pode se tornar familiar. Ao contrário, o que parece tão absoluta e irreversivelmente desastroso – “a crise” – pode não desencadear uma síndrome de carência, pode ser vivido de mil outras maneiras e até revelar-se como altamente potencializador. De qualquer modo, é isto que ele pretende observar a partir de agora: como se lida com a América-em-nós. E vamos continuar a acompanhá-lo, é claro. Prosseguindo no tempo com as noivinhas, ele vai fazer um levantamento das estratégias do desejo que se foram inventando a partir da situação que ele, você e eu acabamos de conhecer. Para discriminá-las, usará seu critério básico: o tipo de intimidade que cada um se permite com o caráter finito ilimitado do desejo: o valor que se dá a cada um de seus três movimentos. Estará também verificando se ocorre ou não uma síndrome de carência-e-captura e que figuras idealizadas, em cada caso, são objeto do investimento através do qual se é capturado.

Roteiro de cartografias das noivinhas

O cartógrafo retoma sua expedição no ponto em que a deixou. Pelo que andaram lhe contando suas amigas-guias, apesar de o território doméstico-matrimonial estar indo à falência, muitas noivinhas ainda o escolhem para fazer seus investimentos – às vezes, até, com muito sucesso (você deve lembrar que, de fato, quando nosso cartógrafo ainda estava se formando, tínhamos, você e eu, conhecido uma noivinha-que-vinga – e, naquele caso, esse tipo de investimento ainda revelava altos índices de produtividade). Mas as noivinhas consideram mais importante o cartógrafo conhecer o que acontece com as pessoas que continuam insistindo nesse território, mesmo quando falido. É que elas fazem questão de que seu amigo saiba por que esse tipo de cartografia, a partir de certo momento, deixou de fazer sentido para elas. Querem fazê-lo entender que não foi à toa que acabaram por desinvesti-la completamente. Elas têm uma ideia: poderiam ir todos assistir *Melô*, de Alain Resnais, filme que aborda, exatamente, a situação que querem lhe mostrar. O cartógrafo se entusiasma e aceita na hora. E nós vamos junto.

1 O CARTÓGRAFO VAI AO CINEMA E DESCOBRE O MELO-DRAMA DO “COMPLEXO DE MARIDO-E-AMANTE”

O filme começa com uma cena em que vemos um casal tipicamente pequeno-burguês, numa típica casa de subúrbio, recebendo um amigo, ao que tudo indica tipicamente ilustre, para um também típico jantar francês, degustado, com toda a minúcia e requinte, do *hors d'oeuvre* ao

licor. A certa altura, o dono da casa, com um ar malicioso, pergunta ao convidado quem é a mulher deslumbrante com quem o viu num saguão de aeroporto, algum tempo atrás. Ele lembra que a mulher usava um lindo chapéu, era muito elegante e estava acompanhada por um verdadeiro séquito de carregadores de bagagens. A esposa, diante dessa imagem do convidado como sedutor de mulheres maravilhosas, arregala os olhos, fascinada. "Aquele turnê", ele responde com um ar melancólico, "acabou se tornando, infelizmente, um verdadeiro pesadelo, por causa de algo que aconteceu durante um concerto em Cuba". O convidado, que agora sabemos se tratar de um brilhante músico de fama internacional, começa a contar uma história que se prolongará até o final do jantar. Primeiro ele descreve, detalhe por detalhe, o concerto e o modo como aquela bela mulher o escutava, atenta e emocionada, na primeira fila da plateia. Seu relato prossegue num suspense que vai num crescendo até que, muito constrangido, ele conta o fato que lhe causou tamanha infelicidade. "Subitamente percebo que o olhar dela se desviou de mim. Intrigado, sigo-o e descubro, para minha surpresa, que um homem acaba de se instalar num dos camarotes. Me senti fulminado por uma dor indescritível. Sem saber como, fui entrando numa espécie de estado de transe que me levou a tocar como nunca: eu estava iluminado. Percebi o efeito daquela magia sonora tomando conta do corpo e do olhar dela: no final, lágrimas corriam pelo seu rosto. Naquela noite fui ovacionado. Terminado o concerto, fui correndo encontrá-la. Não via a hora de lhe perguntar quem era aquele homem. Ela jurou não saber de quem se tratava. A possibilidade de ela estar mentindo era, para mim, tão intolerável que rompi com aquele amor, naquele mesmo dia e para sempre".

À medida que prossegue seu relato, vamos notando que começa a acontecer, entre ele e esposa do amigo, a mesma coisa que está descrevendo: ele vai se tornando, pouco a pouco, o homem fino e misterioso que entra, inesperadamente, no camarote da vida daquele casal. Seu olhar vai abandonando o amigo, também músico — porém medíocre

— para se fixar, sedutoramente, no olhar da esposa; e ela, como numa dança, o acompanha: seu olhar vai esquecendo o marido e se concentrando, cada vez mais fascinado, naquele homem fino e misterioso que acaba de violar o teatro de sua vida doméstico-matrimonial.

Eles se tornam amantes.

O filme inteiro será uma intriga entre as três personagens. Intriga feita de seu desespero com a ambiguidade dos sinais e de suas tentativas malogradas de descobrir onde está "o amor", único e eterno, onde afinal aterrissou realmente "o desejo", em qual dos territórios ele se esconde. **Querem depurar a essência do desejo:** ficam tentando, em vão, encontrar provas da verdade ou flagrantes da mentira; os sinais são sempre duvidosos. Essa caça à verdade progride num crescendo de tensão: o amante escapando cada vez mais, um marido adoecendo cada vez mais, a esposa cada vez mais se descontrolando até que, desesperada, se mata. E no final vemos o marido, inconsolável, tentando de novo acabar com esse tormento: ele procura o amante, pois quer saber, de uma vez por todas, a quem de verdade ela amou. E de novo, mesmo com a esposa morta, sua ansiosa pergunta vai ficar em suspenso. O filme termina aí.

Antes de voltarem para casa, o cartógrafo convida as noivinhas para um drinque. Vão a um bar. Ele comenta que durante todo o filme sentiu uma tremenda asfixia. E acha que é porque a personagem se move exclusivamente em espaços fechados. Interiores sem janelas ou com janelas opacas: o casal em seu doce lar de subúrbio e os amantes no sofisticado apartamento da solitária vida do artista. Informam-lhe as noivinhas que, se fosse o marido que tivesse arrumado uma amante, certamente seria uma *garçonnière* — ou H.O. — o lugar de seus encontros (hoje em dia seria um quarto de motel, um apart-hotel ou um *flat*). E o cartógrafo continua suas observações: a rua no filme só aparece às personagens — e a nós, que estamos assistindo — para anunciar a morte. É quando vemos a mulher diante do Sena arquitetando o suicídio e, logo em seguida, num bar, escrevendo um bilhete de despedida para o marido. A rua,

enquanto lugar do nomadismo do desejo, está excluída nesta história, ele constata. É que a rua, ele supõe, é **perigo de morte para essas personagens que querem abolir o imprevisível das aventuras do desejo e seu caráter de artifício**. O cartógrafo continua: o mundo, para essas personagens, virou cena – cena de filme, de teatro, de concerto, cena de espetáculo. Sua vida é uma cena de teatro. Embarcando nas elocubrações do amigo, as noivinhas lembram que o próprio filme é uma peça de teatro filmada: aliás, a primeira e a última imagens são cortinas de palco, daquelas pesadas de veludo grená, abrindo e fechando, pintadas em papelão. Embora esteja animada a conversa, já é tarde; decidem todos ir descansar a fim de estarem bem dispostos para retomar suas andanças no dia seguinte.

A caminho do hotel, o cartógrafo prossegue com suas reflexões acerca da política de constituição de territórios de desejos que o filme lhe permitiu conhecer. Essas personagens, ele pensa, optaram por nadar nas turbulentas águas da desterritorialização, usando-se mutuamente como tábua de salvação para não sucumbir à ameaça de naufrágio. Por isso o que sentem uma pela outra é fome, gula até. Elas necessitam: **cada uma é parasita da outra**; cada uma concede à outra o monopólio de sua vida e de sua morte. A presença de uma é seguro de vida para outra, assim como a ausência é a certeza de sua morte. Na verdade, pondera o cartógrafo, **é a morte que vem primeiro nessa história toda**: a partir do instante em que as personagens decidem orientar todo o seu desejo – **por princípio (e não pelo movimento dos afetos)** – para um só objeto (marido ou amante), a partir do instante em que decidem grudar num território, estão optando por interromper seu fluxo, por se deixar capturar pela ilusão de um mapa, por se deixar morrer. E a morte que sentem, elas projetam na eventual independência de movimentos do parceiro. E ficam tomadas pelo medo. Tudo isso para manter-se na ilusão do absoluto: a finitude, assim, deixa de ser encarada como consequência inevitável do desejo em seus movimentos para ser vivida como mero fruto da má sorte de, eventualmente, ser abandonada pelo parceiro.

Vivem, casados ou amantes, uma fusão primitiva, uma simbiose: um “nós”. Os “nós” do marido/esposa são dados pela prova juramentada de eternidade, autenticada em cartório e abençoada por uma Igreja qualquer: a oficialização é a prova do nós. Oficialização que se deu, em alguns momentos, no passado. Já os “nós” dos amantes são dados pela esperança da plenitude que a relação certamente atingirá no dia em que se oficializar. A dor da ausência, dor dessa espera, é a prova do nós que se realizará em algum momento, no futuro.

Esses dois “nós” servem para mantê-los fechados e protegidos contra “eles”, todos eles: outros, atuais ou virtuais, portadores do vírus da desterritorialização. **Fizeram um pacto contra o desejo** – para eles, sinônimo de caos. Cada um se compromete a ser fiador da credibilidade ontológica, existencial e psicológica do outro. Cada um se compromete, também, a ser o traficante que fornece, para o outro, sua dose regular de *droga pesada*. Droga que, sem dúvida, traz a paz, mas uma paz obtida pela não efetuação de suas intensidades, às custas da esterilização de seu corpo vibrátil e da morte de seu desejo, que fica obrigado a restringir seus movimentos a um circuito de territórios conhecidos, um mapa. E o cartógrafo tem um estalo: esse tipo de estratégia que viu no filme só é possível se houver aquela mesma composição dos dois pares – o casal de esposos e o casal de amantes. Juntos, eles formam uma espécie de “complexo”, que funciona na base de suas premissas: a dissociação da invisível alteridade com sua carga de desterritorialização e a divisão do visível em público e privado (ou oficial e extra-oficial), também em matéria de amor; **dissociação e divisão que são a própria força motriz desse tipo de estratégia**. Sentindo curiosidade em investigar mais suas suspeitas, o cartógrafo começa a lembrar como funcionam, pelo menos no filme, os dois pares, separados e juntos.

O primeiro par, esposa/marido, habita o visível oficial. Pelo que o cartógrafo pode perceber, a prova por excelência desse “amor” (como eles dizem) – prova para o próprio casal, para os outros e para nós, que assistimos – é a visibilidade

pública de sua vida conjugalizada. É a união de seus corpos físicos que conta, seu casamento formal. De fato, você e eu sabemos que isso funciona assim mesmo – até hoje inclusive. Uma parte importante da vida de certo tipo de casal consiste em exibir-se publicamente. Às vezes, este constitui o aspecto mais investido de sua união, podendo até, conforme o caso, chegar a ser quase a única coisa que os une. Por isso eles recebem e fazem visitas com muita frequência. Em geral, o *hall* de entrada, a sala de estar e de jantar e o banheiro de visita são os lugares mais decorados e investidos da casa, seu *show-room*. Fora desses momentos de vida social e mundana nos quais *o que mais fazem é comer e beber – e muito* – a maior parte do tempo ficam, cada um, para o seu lado. Ele, na rua, compete com outros machos, batalhando pelo reconhecimento, a credibilidade, o prestígio – o poder – para ele e para os filhos. Aliás, é também na rua que ele encontra e convive com suas amantes. Ele tem que “vencer”, custe o que custar. Ela, por sua vez, fica em casa, administrando a vida daquele que tem que vencer. Ela cuida das coisas e dos sentimentos da família, mesmo quando trabalha fora. É responsável pela aparência de todos. Se ele tem que ficar ligado na cotação da bolsa de valores econômicos, para não dar bola fora em sua inabalável ânsia de ascensão, ela tem que ficar ligada na cotação da bolsa de valores de expressão, para não dar bola fora na maneira como deve se apresentar a família daquele que tem que vencer. É isso o que ambos exibem para si e para o mundo; nessa exibição, têm sua principal fonte de prazer. Para tanto, ela dedica boa parte de seu tempo a procurar, na mídia, figuras valorizadas para sua identificação, e a sair para a rua à cata dos apetrechos necessários a sua reprodução. Consumir, aliás, faz parte de suas obrigações, o que, diga-se de passagem, ela cumpre com maior prazer; ou seja, ela também vai à rua, só que a sua rua é feita de *shopping centers*, salões e academias de beleza de toda espécie, de beleza da cabeça aos pés. Enquanto a rua, para ele, é um lugar de produção, de guerra e de deriva, com seus “casos” esporádicos ou fixos, a rua, para ela, é lugar de consumo do *lay-out* da vitrine

doméstico-matrimonial, lugar também de exibição desse *lay-out*. O sucesso da performance de um depende do sucesso da performance do outro. **A empresa doméstico-matrimonial** é, para ambos, o eixo em torno do qual se organizam todos os seus investimentos.

O cartógrafo continua suas reflexões. Percebe que esse primeiro casal, praticamente, só consegue viver na terceira linha. É como se sua sensibilidade ao invisível estivesse embotada, recalçada. O campo que cria para si é feito apenas de investimentos de interesses e de conveniências: **assinaram, literalmente, um contrato.**

A relação deles, durante todo o filme, é completamente deserotizada: os dois primeiros movimentos do desejo, no caso, não têm vez. Nem chegam a saber de sua existência. Seu divertimento, além de comer e beber sozinhos ou com amigos, é ficar fazendo gracinhas um para o outro, sempre as mesmas, e usar um monte de diminutivos. Isso os faz morrer de rir. Várias vezes durante o filme (lembra-se o cartógrafo) esse estilo infantilizado chegava a irritá-lo. É que do desejo, pelo que constata nosso amigo, eles só suportam os territórios públicos que, por serem oficiais, lhes dão uma ilusão de segurança e garantia. Não encaram o ilimitado movimento de atração e repulsa dos corpos, com seus afetos buscando matérias de expressão. Com esse truque, vivem como se os territórios fossem ilimitados e se livram (pelo menos até onde alcança sua consciência) do medo de morrer, fracassar ou enlouquecer. São tão dissociados dessa sua angústia que, pelo jeito, ela se transformou numa *profunda ansiedade psicótica*, da qual eles se defendem vivendo sua subjetividade como uma interioridade fechada em si mesma, um *déjà-là* desde sempre e para sempre, uma identidade estancada. É por isso que são certinhos e nunca saem da linha, nunca se desviam do programa que traçam para o próprio destino. Medrosos, vão vivendo por inércia, insensíveis aos afetos. São uma espécie de *normopatas*.

O cartógrafo se dá conta de que essas pessoas, que optaram pelo mapa doméstico-matrimonial que acaba de conhecer e que saltaram direto de suas famílias de origem

para constituir novas famílias, grudaram em suas máscaras formadas no território familiar, como se tais figuras fossem a sua essência. Sua subjetividade é feita dessa aderência: de encantamento de territórios vividos como únicos e absolutos, mesmo que totalmente obsoletos; “mapa” a que atribuem valor de verdade – no caso, pelo peso de sua tradição. Mas o que à primeira vista parece responsabilidade e respeito à tradição nada mais é do que a dissimulação de uma vontade narcísica de garantia de reconhecimento, estabilidade e infinitude: por isso pulam de uma família para outra, sem se mover absolutamente do lugar, repetindo as mesmas simulações já esvaziadas de sentido. “Capturados” pelo território doméstico-matrimonial (aquela síndrome), nunca experimentaram abrir-se para o “outro”, *aquilo que passava por baixo* do repertório de gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rosto, palavras... *Dos territórios estabelecidos que lhes ensinava sua família*. Em outras palavras: *nunca experimentaram abrir-se para aquilo que passava por baixo da educação que sua família, no visível, transmitia*, por baixo e através da missão da palavra *“transmissão”*, por baixo e através do espelho; nunca experimentaram deixar vibrar, naquele seu corpo, uma força que os incentivasse e autorizasse a sair em busca da autonomia de seus movimentos de simulação; nunca experimentaram abrir-se para os afetos que pediam novas cartografias. Em suma, conclui nosso amigo, bastante espantado: eles nunca experimentaram usufruir do prazer *de fazer uso da língua para criar* novos mundos. É como se tivessem feito uma promessa para consigo mesmos e para com suas respectivas famílias, promessa de nunca, jamais, “entregar-se a estranhos”. **Seu território mais parece concebido para enterrar as forças do desejo do que para expandi-las.**

O cartógrafo, agora, está ansioso por saber logo como funciona o segundo par, o dos amantes, para depois tentar descobrir como funcionam juntos os dois pares. **O casal de amantes habita também o visível, mas restrito ao território privado, extraoficial e clandestino que chamam de “paixão”.** No entanto, diferentemente do oficial, esse

par, em alguns casos, habita igualmente o invisível, mas na condição de que seu território se mantenha clandestino. Tal condição lhes permite viver *na paixão como um lugar sem lugar* que promete ser o lugar do infinito. Eles também, à sua maneira, não enfrentam o finito ilimitado. São dois os seus truques para evitar tal confronto.

jw

Um primeiro truque, mais grosseiro – e usado no caso de amantes dissociados do invisível –, é compor seu território com clichês que funcionam como mapas, exatamente como acontecia com o casal casado: a única diferença é o tipo de clichê com o qual cada um se identifica. No caso dos amantes, seus encontros lembram ao cartógrafo imagens e sonoridades de momentos apoteóticos de amor, que se repetem em quase todos os filmes românticos a que assistiu; ressoam, para ele, como as palavras *those big moments...* Que se repetem em tantas canções românticas que ouviu. O estilo dos amantes é o do êxtase: eles se comunicam por palpitações, tremores, suspiros, choros convulsivos e gargalhadas (no filme, descabelam-se a cada vez que se encontram, principalmente ela).

O segundo truque, usado pelos amantes que habitam também o invisível, consiste em considerar que, se mantendo na clandestinidade, escapam da captura pela mesmice do mapa doméstico-familiar. Mas o cartógrafo sabe que é em seu desejo que estão capturados por aquele mapa – e a tal ponto que imaginam que o simples fato de oficializar sua relação traria imediatamente o perigo da captura. Nessa mesma linha de raciocínio, eles consideram que sua relação transcende a ordem vigente e suas regras e que, portanto, transcende o espaço e o tempo. Quando, na verdade, especula o cartógrafo, esta é uma história que eles se contam: a impressão de atemporalidade de sua relação se deve ao fato de nunca tornarem público o território que fazem para seus afetos. E a razão disso, ele supõe, é que morrem de medo do finito ilimitado, com o qual os confrontaria a saída da clandestinidade e a entrada de sua relação na vida social oficial. Nota que os amantes ignoram por completo esse seu medo: consideram-se vítimas de um destino funesto que

na verdade – se dá conta o cartógrafo – são eles próprios que criam e alimentam. A justificativa que inventam para esse seu destino infeliz é que seu amor é transgressão e, por isso, fadado a ser rejeitado pelo meio social. Acham que se o assumissem “mais integralmente” seriam acusados de egoístas e/ou irresponsáveis. Todavia o cartógrafo sabe que, no fundo, é o contrário o que se passa: **por serem totalmente leais aos territórios vigentes, por terem necessidade dessa ordem supostamente estável e igual a si mesma, os amantes se sentem culpados e amedrontados pelo amor, desterritorializante por natureza.** Por isso nunca se juntam oficialmente. E o cartógrafo é obrigado a reconhecer que, **com esse seu amor divino, eles não abrem caminho para o amor humano, finito e ilimitado.**

O cartógrafo notou que, no filme, essa mesma ambiguidade de critérios na avaliação da lealdade pode ser aplicada ao modo como o meio social reage a esse drama. Por exemplo, a prima da esposa: ela acompanha o “caso” e o considera escandaloso. Em suas atitudes, são evidentes a inveja e a perfídia. Entretanto, se seu comportamento é sinal de deslealdade à paixão, aos amantes e à sua própria prima, é também sinal, por outro lado, de sua lealdade às regras do casamento e ao marido traído. O cartógrafo fica imaginando que esse tipo de reação deve ser bastante comum no meio social de qualquer casal que vive uma situação como a do filme. Aliás, ele desconfia seriamente de que a intriga não seja um mero detalhe dessa situação, detalhe que apenas a torna mais difícil ou mais empolgante, dependendo do gosto. (De fato, sabemos que a intriga constitui, frequentemente, um ingrediente imprescindível desse tipo de micropolítica – e às vezes, até, seu ingrediente principal. Duas verdadeiras redes de *voyeurs*, constituídas sobretudo de mulheres, amigas ou conhecidas, acompanham de perto o drama do triângulo amoroso. A primeira rede, feita de amigas do cônjuge traído, o acompanha em sua vigilância incansável e em seu empenho desesperado em flagrar as pegadas do desejo do cônjuge traído. A segunda, feita de amigas do amante, o acompanha em sua incansável fuga e em seu empenho de-

esperado em fazer vingar a paixão. Nessa trama há, inclusive, vários figurantes comuns às duas redes: amigos ou conhecidos das três personagens. É um circuito perverso de caça ao desejo, no qual estão todos juntos esperando o grande momento do flagrante, em que, necessariamente, um deles será excluído, humilhado nessa derrota – e tanto faz qual, cônjuge traído ou amante. É um verdadeiro ritual que consiste em os amantes estarem sempre à beira de assumir sua relação publicamente; e o cônjuge traído e o meio, sempre à beira de flagrá-los. **A beira de...: momento sempre postergado, e não por acaso. Trata-se, aqui, da regra fundamental dessa espécie de jogo de “provocação” mútua.** Um elemento do primeiro par, o elemento traído, acompanhado de toda a sua corte, **espia**: esse olhar estimula porque cobiça e inveja o desejo do outro par; mas, simultaneamente, o humilha porque o desaprova e o acusa de trair a instituição do matrimônio e o cônjuge oficialmente reconhecido. E, complementarmente, o par traidor **se exhibe**: sua exibição seduz o traído e sua corte porque lhes promete o espetáculo público de seu desejo; mas, simultaneamente, os exclui, porque esconde seu suposto paraíso privado do alcance do olhar que o vigia. O que esse jogo de espelhos visa é incitar e interceptar a expansão do desejo, ao mesmo tempo e reciprocamente. Nesse pacto macabro reside o prazer de todos os participantes. O jogo ritual – infinitamente repetido – de desvendamento iminente da suposta verdade do desejo é, de fato, uma armadilha contra sua expansão; nesse jogo é que se constroem as estratégias de vida de todas as personagens desse tipo de triângulo).

E o cartógrafo continua suas reflexões inspiradas no filme que viu naquela noite: toda a força do desejo, aqui, é mobilizada na busca da “revelação” do oculto, fadada ao fracasso, por princípio. É que **por trás da busca de revelação age uma vontade de manutenção da ordem**, e é essa vontade que mobiliza, de fato, toda a força dessas personagens. Seus afetos giram num círculo vicioso: por isso, nunca chega o momento de os amantes ficarem oficialmente juntos; por isso, nunca chega o momento de o marido ou o

meio encontrarem o flagrante que procuram; por isso, o amante nunca poderá contar ao amigo o que se passou. É que se alguém cair na real – amantes, marido ou meio –, o desejo ganha um possível no presente e perde sua condição de virtualidade de absoluto, ilusão essencial à sobrevivência de todos os figurantes desse **imenso triângulo coletivo**.

O cartógrafo acaba de confirmar sua suspeita inicial: realmente, a dissociação do corpo vibrátil (o invisível) e a divisão do visível em público e privado constituem a base dessa estratégia. Um par que vive um território totalmente constituído a partir do mapa doméstico-matrimonial e não sente nem simula seus afetos; outro par que ou é sensível aos afetos e os simula (mas suas cartografias ficam confinadas numa vida privada e clandestina) ou, como o outro, também não sente nem simula seus afetos: nesse caso, compõe seus territórios a partir do mapa da paixão. O que fica bloqueado nisso tudo é essencialmente o movimento de simulação, a passagem entre os afetos e os territórios. É através de tal operação estratégica que conseguem, nessa micropolítica, ter a garantia total de que nada, absolutamente nada, virá tirá-los do lugar, tirá-los dessa imensa sala de espelhos de que é feito seu mundo. **Sempre iguais a si mesmos.**

O cartógrafo está tão abismado com o que acaba de perceber que, como de costume, para ter uma visão mais clara dessa micropolítica, ele refaz o circuito de suas operações. Primeiro, ao viver o invisível do desejo apenas na clandestinidade e no privado, salva-se a ilusão do império do macroolho que tudo vê e controla e se mantém neutralizada a força do corpo vibrátil. Segundo, ao se transformar a simulação, própria do desejo, em “mentira” que um dia poderá ser desmascarada, salva-se a ilusão da verdade, domesticando a ambiguidade da simulação e mantendo neutralizada a angústia que ela necessariamente suscita. Esta é a sua maneira de defender-se do finito ilimitado, ele pondera. Os amantes neutralizam a dor do devir, própria do nomadismo do desejo, interpretando-a como sendo a dor do obstáculo – o da oficialização – que, como tal, pode ser superado. Em algum momento do futuro, eles sonham,

essa dor terá fim: a desordem do devir será substituída pela ordem eterna do seu amor. Já os esposos neutralizam essa dor investindo no orgulho de sua obediência ao passado e num programa de colonização do futuro. E os três juntos – marido, esposa e amante –, o que querem, ao montar essa sofisticada estratégia, é acreditar que, um dia, a “mentira” do desejo será desmascarada e que chegarão ao “amor”, puro e verdadeiro. É a esperança do músico famoso, em relação à charmosa mulher que o traiu; é a esperança do marido medíocre, em relação à esposa engraçadinha e dedicada que o abandonou; é, também, a esperança dela em relação ao amante que se introduziu em sua vida. Porque essa esperança não se realiza, ela se mata. **São todos vítimas patéticas da síndrome de carência-e-captura, versão “amor romântico”. O que não suportam é aceitar que nenhum deles – separados ou juntos – jamais abolirá a alteridade, jamais abolirá a simulação; aceitar que a potência do desejo está, exatamente, na medida da abertura para o outro e da coragem de simular; aceitar que através da simulação – esse sonho acordado – é que se criam territórios encantados (e não apenas amorosos). Aceitar que só assim, abrindo-se e sonhando-se, é que se cria real...**

E o cartógrafo conclui: **eles são absolutamente sedentários**. O filme podia continuar *ad eternum*, que ficaria nessa mesma lengalenga: nada mais estável do que o teatro (ou cinema) de sua instabilidade. Ele se espanta com o empenho que há nessa força que tenta, desesperadamente, escapar do redemoinho em que se engolfou e, nesse empenho, não faz senão alimentar o próprio redemoinho e se engolfar mais ainda. Ele se espanta com o terrível jogo de vida e morte que há nesse melodrama sem saída.

(Agora que ficou mais clara essa cartografia, você, como eu, deve estar percebendo que ela não só subsiste até hoje, como foi tendo diferentes versões. Estou me lembrando de pelo menos três: os tais “casais abertos”, a “troca de casais” – com sua programação burocrática de encontros extraconjugais, que eles chamam de “swing” – e os casais que se dissociam, eles próprios, em dois pares: durante a semana

são o casal de esposo que vive sua vida sentimental, doméstica e profissional, e na sexta-feira à noite transformam-se em casal de amantes, indo viver sua sexualidade pelos motéis da cidade. São variações em torno do “complexo de marido-e-amante”: **um pacto de troca entre pessoas carentes, não de afetos, mas de coragem para criar planos de consistência de seus afetos** e integrá-los aos outros planos de sua existência. Eles não suportam a violência da criatividade do desejo. Daí repetirem sem parar seu ritual de exorcismo do finito ilimitado: esterilização da alteridade, domesticação da ambigüidade da simulação e neutralização da angústia provocada por esta ambigüidade. Impotentes demais, eles preferem morrer...)

Embora o cartógrafo reconheça a vida em desespero que há nas personagens que acabou de conhecer, ele também reconhece que se possa querer sair disso. Acha que está entendendo as noivas em sua opção de desinvestir seus afetos dessa micropolítica melosa e perversa que separa aquilo que chamam de “amor” do que chamam de “paixão”. Vai dormir tranquilo, mesmo sabendo que não é tão simples assim se desterritorializar, **de fato**. Isso o faz lembrar aquela cartografia composta de noivas histéricas e pretendentes fóbicos. Ele tem a impressão de estar em condições de entendê-los melhor: é como se, embora tenha desabado o território doméstico-matrimonial junto com seu território complementar de clandestina paixão, o mapa daquele complexo continuasse reverberando no coração dos noivinhos e noivas já gorados. E tal mapa, desencantado no desabamento dos territórios para os quais servira de referência, reaparece em alguns pontos cegos. **Na reivindicação histórica da noivinha-que-gora transparece a “carência” da esposa e sua ilusão de que o marido virá garantir-lhe um território e salvá-la de sua intensa desterritorialização. Na fobia de seu pretendente, transparece a “carência” do marido, e sua ilusão de que “a outra” ou as outras virão garantir-lhe a deriva.** É porque não há mais nem esposa, nem amantes, que esta estratégia de desejo é posta a nu. Uma espécie de ferida exposta, agravada pela intensidade

da desterritorialização própria desse mundo, que torna a dor da suposta carência mais pungente ainda.

Essas descobertas aguçam a curiosidade do cartógrafo em saber como estão se virando suas amigas, quando conseguem superar aquele decadente dramalhão. Como estão se ajeitando para enfrentar a situação de crise em que se encontram. Que saídas estão praticando para transmutar a dor de sua máscara ultrapassada de noivinha em força de criação de novas máscaras. Que maneiras estão inventando de se articular a esse novo modo de semiotização coletiva que tomou conta do planeta, a América-em-nós. Que termos estão surgindo, se é que estão, para designar o que sentem, já que “amor” e “paixão” são palavras marcadas por aquele infeliz complexo. No dia seguinte, o cartógrafo acorda animado para retomar sua expedição.

2 PARANOIA ANTIRREAL: A QUE-GORA-E-RESISTE

As noivas passam dias levando o cartógrafo para conhecer um monte de amigos e amigas. A primeira coisa que chama a atenção é que todo aquele processo de mudança que vinha ocorrendo está indo cada vez mais longe e numa rapidez impressionante. **A sexualidade das noivas desterritorializou-se de vez da maternidade:** a pesquisa dos anticoncepcionais avançou muito, a pílula acaba de ser lançada no mercado de alguns países (as noivas informam o amigo que, já em 1952, ela estava sendo vendida oficialmente em Porto Rico e que, depois dessa experiência-piloto feita por laboratórios norte-americanos, ela foi lançada nos Estados Unidos, em 1960). Acirrou-se a luta pelo direito legal ao aborto, o que faz com ele esteja sendo praticado abertamente -- e por princípio (nós sabemos que o primeiro país a legalizar o aborto foi a Inglaterra, em 1967). Intensificou-se barbaramente a profissionalização das mulheres; aumentou, barbaramente, o número de divórcios. O território doméstico-matrimonial está cada vez mais falido.

O cartógrafo nota também que os jovens estão abandonando ostensivamente os modos de vestir, morar, falar,

comer, andar... que ele conheceu. Até sua postura mudou. Os hábitos, então, nem se fala: por exemplo, o “consumismo”, como eles dizem, é algo que abominam. Nem parece mais aquela cidade dos anos dourados. Proliferam peças, filmes e as chamadas “canções de protesto”. Nosso amigo constata que a forma predominante de reagir à crise, nesse momento, é a de uma “resistência” à captura pela máquina de centralização de sentidos e valores que está no poder e que tenta atrair seu desejo usando todas as artimanhas possíveis de sedução.

Num primeiro momento, o cartógrafo se entusiasma, mas logo percebe que, junto com a resistência à captura, se resiste também à potencialidade que se abriu ao desejo, seja ao aumento da flexibilidade de desterritorialização, seja à fartura de linguagens possíveis para a criação de novos territórios – o lado deslumbrante da América-em-nós. Ele se dá conta de que a resistência desses jovens é feita também de um não querer – ou mais provavelmente, um não conseguir ainda – aceitar a condição de finito ilimitado tão recentemente exposto à sua sensibilidade. Na verdade, eles resistem, nos dois sentidos da palavra: no sentido positivo, ético e político, de defesa da vida contra os malefícios do que chamam de “o sistema”, e também no sentido negativo, psicanalítico, de defesa neurótica contra a condição de finito ilimitado, condição que tratam de ignorar, através do sentido moral de defesa heróica e messiânica de valores que seriam absolutos. Nosso amigo constata que se nessa resistência, por um lado, eles se opõem à individualização do desejo implicada nesta centralização dos sentidos, por outro lado, ao invés de se abrirem para a singularização (criação de cartografias operadoras de seus afetos e, por isso, coletivas), a solução que encontram é a de viver em bandos, gregariamente: ou amolecidos em suas comunidades, ou endurecidos em seus grupelhos e partidos. E assim, fechados contra tudo e contra todos, caem numa *recusa crispada*, numa atitude que o cartógrafo chama de “paranoia antirreal”. Dizem-lhe que a realidade, a cultura e a tradição estão contaminadas pela impureza dos burgueses, e o cartógrafo

percebe que, para esses jovens, tudo é sinal de tal contaminação: tudo é feito de ameaça e de terror. Dizem-lhe que querem mudar a si e ao mundo, e o cartógrafo percebe que eles confundem “mudar”, no sentido de “escapar à captura para poder ficar no mesmo lugar”, com “escapar concretamente, deslocando-se e até desaparecendo”: o que fazem é fugir, indo literalmente embora ou se colocando na clandestinidade. **São paladinos da purificação.** Nosso pesquisador nota que seu imaginário é habitado por imagens reativas, persecutórias e tão notoriamente messiânicas, que poderia ser chamado de “imaginário da libertação”. Românticos, eles apregoam as práticas grupais e coletivas (seu grupismo acaba produzindo verdadeiros guetos): **apregoam uma resistência heróica que acaba se convertendo em resistência ao real.** E o cartógrafo pondera: eles confundem a luta micropolítica (pela expansão da vida e contra a captura) com uma luta pela suposta essência da vida, contra sua condição de artifício – condição que reduzem, exclusivamente, às máscaras vigentes. Vivem, também eles, a desterritorialização como carência e atribuem a culpa por essa suposta carência ao “sistema”, como dizem.

Por considerarem necessária apenas a luta macropolítica contra a exploração e a dominação – ou, em outros casos, necessária a luta micropolítica contra as matérias de expressão valorizadas pela máquina centralizadora do sistema vigente –, eles acabam confundindo a luta micropolítica fundamental (a ser travada contra o próprio sistema de captura, seja qual for) com uma luta contra o real e sua insuperável condição de finito ilimitado, condição que não aceitam. A paranoia, pensa o cartógrafo, lembrando-se do que descobriu com Hitchcock, é a única saída que encontraram para não sucumbir à ambiguidade exacerbada dos sinais com os quais se viram, repentinamente, confrontados. O cartógrafo nota que eles vivem da esperança de um dia conquistar a terra prometida da sociedade revolucionária ou, então, resgatar o paraíso perdido de uma sociedade natural e boa que teria existido: são estes os mapas que capturam seu desejo. Sua paranoia antirreal alimenta e é

alimentada por essa esperança. O cartógrafo fica intrigado e quer, agora, conhecer melhor cada uma dessas maneiras de gorar-e-resistir.

Pede a uma das noivinhas, a mais “militante”, que o leve para um “aparelho” de seu grupo político. Ela consulta alguns companheiros; eles concordam. Cartógrafo e noivinha preparam-se para passar algum tempo na clandestinidade.

2.1 O MITO DA REVOLUÇÃO: A “MILITANTE-EM-NÓS”

jw A primeira coisa que chama a atenção do cartógrafo é a visão *épico-dramática* que os revolucionários têm da história: dizem obedecer ao programa da linha de destino a que todos os povos serão, um dia, necessariamente submetidos. Essa linha, explicam, é totalmente previsível: basta “conscientizar-se” e “assumi-la”. O cartógrafo nota que a linha que imaginam é a do seu partido, linha que, segundo eles, os levaria fatalmente, de modo revisionista ou radical (ou seja, com ou sem escalas), à terra prometida da sociedade revolucionária. Por isso é que a defendem com unhas e dentes. Por isso, ele compreende, é que o discurso e as atitudes de alguns beiram o fanatismo. Eles lhe dão a impressão de adequar todos os seus gestos, sem exceção, ao bom andamento dessa linha. *jw* *Buscam manter a “história na mão”, como quem mantém as rédeas de um cavalo, pensa o cartógrafo.* O “cavalo” que querem controlar com as rédeas de sua história é seu corpo vibrátil, sensível ao invisível e às selvagens desterritorializações operadas pela geografia dos dois primeiros movimentos do desejo, que ocorrem nessa dimensão. É com esse fim que se submetem a um plano para a terceira linha, traçado pelo comitê central de distribuição de sentidos e valores de seu partido e de sua “teoria da história”. Ao se dar conta disso, o cartógrafo fica abismado, pois descobre que quando pensam estar resistindo ao sistema vigente, e de fato o estão, do ponto de vista macropolítico das relações de exploração e dominação, do ponto de vista micropolítico caem, de cheio e sem saber, exatamente no eixo da estratégia de desejo do sistema que querem destruir:

a captura. E ele desenvolve essa ideia: ficam dizendo que não querem se deixar “recuperar” pelo sistema, mas confundem “não se deixar recuperar **pela** captura”, que é o que define esse sistema na perspectiva micropolítica, com “não se deixar recuperar **por essa** captura”, a operada pela central, o sistema de sentidos e valores em vigor, o que está com o poder. E, com isso, se por um lado lutam contra o poder enquanto soberania, por outro, **do ponto de vista do poder como técnica de subjetivação, não se abrem para a desterritorialização e continuam a se deixar recuperar pela captura, só que a do contrapoder da central de seu partido e de sua linha de história endurecida.** Nesse aspecto, sua política de constituição de territórios do desejo acaba sendo idêntica à do sistema que contestam.

O cartógrafo repara que eles confundem também as duas significações da palavra **América**: a realidade de uma nação e, de outra parte, a patente de um modo de produção da subjetividade. Patente do modo próprio da sociedade-de-mídia, que pode até ter sido produzida e registrada pela primeira vez por aquela nação de mesmo nome, mas que absolutamente não se reduz a ela: **esta “América” está por toda parte. Ninguém mais pode reivindicar sua patente. Ela é uma sociedade anônima. A América-em-nós.** Nessa confusão, ao resistir – de fato, e com toda a razão – à dominação política e à exploração econômica a que a nação americana os submete, opondo-lhe um contrapoder, resistem ao mesmo tempo à realidade da “revolução” na subjetividade, operada pela mercantilização do trabalho, e à industrialização da cultura, a qual, pelo que está entendendo o cartógrafo, lhes é integralmente insuportável. Os militantes a rejeitam em bloco: detestam, por exemplo, a mídia e sua cultura de massa. Vivem dizendo que a “América não passará” e, com isso, se por um lado negam-se a se submeter ao imperialismo econômico e político norte-americano, por outro lado defendem-se de reconhecer que, no segundo sentido, o do modo de semiotização, a “América”, aquela-em-nós, não só já passou e não tem volta, como não para de passar. Não percebem que isso, em si, não é bom

nem mau: é apenas o modo de semiotização atual. Não percebem que há muitas maneiras de viver esse modo de semiotização – é que, para discriminá-las é preciso, antes de mais nada, reconhecer sua existência e abrir-se para ela.

O cartógrafo reconhece que, graças à intensificação da terceira linha do seu desejo, eles se entregam, de corpo e alma, à luta por seus investimentos de interesse, na qualidade de representantes dos oprimidos. Com a força de seu ideal, erguem barricadas contra o avanço desmesurado das forças de exploração e de dominação. Mas ele reconhece também que, ao mesmo tempo, por ignorarem defensivamente suas duas primeiras linhas, negligenciam a luta por seus investimentos de desejo e, com isso, às vezes **acabam sendo – sem saber – abertamente reativos do ponto de vista micropolítico**. Nosso amigo imagina que isso deve enfraquecer inclusive sua própria luta macropolítica. Por não reconhecer a “América mítica” (em nós), ficam sem poder discriminar seus vários aspectos. Nem se abrem para encontrar um modo de semiotização que acolha o finito ilimitado e toda a fartura que se oferece subitamente ao desejo enquanto afã de invenção de novos mundos (o lado positivo da América-em-nós), nem resistem à insensibilização do corpo vibrátil e à captura pelos equivalentes gerais (o lado negativo dessa mesma “América”). Por não se aclimatarem ao contemporâneo, perdem a oportunidade de conquistar a potência que aquela abundância de linguagem, com corpo e sem captura, permitiria ao desejo. **Perdem a oportunidade de expansão.**

Outra coisa que o cartógrafo nota é que ao “estrangeiro”, que consideram um intruso, opõem um puro **si mesmo**: ao “burguês imundo”, opõem o paradigma de “pureza dos membros de seu partido e da classe operária de seu país”; ao “imperialista sacana”, opõem sua “virtuosa nação e a imaculada classe operária de todas as nações do mundo”. Defendem o que chamam de “nacional-popular” e que corresponde a coisas tão estranhas como considerar reacionária a música eletrônica. O cartógrafo deduz que isso se deve ao fato de estarem acostumados só com música acústica.

No começo de sua convivência no “aparelho”, o cartógrafo achava aquilo muito esquisito. Mas agora percebe que, como no caso de sua “linha da história”, “nacional-popular” é um mapa feito de velhos territórios esvaziados de sentido, uma entidade transcendental que criaram para, à sua maneira, se proteger da exacerbada desterritorialização a que seu desejo vem sendo submetido há algum tempo. Deve ter passado do ponto que conseguem suportar, imagina nosso cartógrafo, lembrando sua regra. Ao transformarem a angústia da desterritorialização (ou das cenas de simulação explícita da América-em-nós) em “dor de falta” da identidade perdida, território-essência que simulam para si e para o mundo, podem evitar o confronto direto com aquela angústia que os aterroriza e sonhar que, um dia, quando resgatarem sua identidade usurpada, sua dor terá fim. De novo, a resistência ao finito ilimitado. Agora nosso amigo entende: **é a desterritorialização que eles chamam de “estrangeiro”**.

O que o cartógrafo acaba de descobrir é que, para sobreviver, os militantes inventaram o **mito da identidade** – cultural, de classe ou de nação. Dizem-lhe que pretendem defender e resgatar sua identidade, que lhes teria sido roubada pela América, a do Norte. No entanto, para o cartógrafo, é claro que a tal “identidade” atribuída a algum antigo território transformado em essência, não só é um mito criado no momento mesmo de sua reivindicação como, o que é pior, esse mito alimenta exatamente a micropolítica da captura. E até arrisca uma hipótese: *a identidade, no fundo, é um mito funcional desse sistema*, mito de referência profundamente ancorado na subjetividade de todos. g

Nosso pesquisador desenvolve seu raciocínio: à luz da desterritorialização de todas as linguagens e da centralização de sentidos e valores considerados “modernos”, os territórios que se desmancham são considerados, por princípio, “arcaicos” e, também por princípio, são desqualificados. O cartógrafo percebe que, ao invés de combater o sentido de arcaico (que lhes é atribuído como estigma e que só se sustenta em relação à centralização de sentidos e valores), o que os militantes-em-nós estão fazendo é reivindicar o arcaico

como essência: é isso que chamam de sua "identidade cultural", que defendem com fervor. E nosso investigador avalia: na verdade, nesta micropolítica se aceita o estigma de arcaico invertendo-se apenas seu valor – de negativo, ele passa a ser considerado positivo e orgulhosamente "assumido".

Tais reflexões levam nosso amigo ainda mais longe: ele começa a repensar a própria noção de "cultura" nesse contexto. Nota que "cultura", aqui, deixa de significar "produção de cartografias novas" e, portanto, "processo de desenraizamento" para ser, ao contrário, sinônimo de "território fixo, essência" – em suma, "objeto natural", ou seja, "cultura" passa a ser sinônimo de "raiz".

O cartógrafo retoma suas reflexões sobre a tão falada identidade cultural e, espantado, se dá conta de que **a busca de uma identidade cultural é vontade de enraizamento**. Ele agora vê que, se investir desse mito é a forma encontrada pelos militantes-em-nós para resistir à desterritorialização desenfreada e à captura; ao adotar tal estratégia, apenas substituem a central oficial por uma outra, de oposição. **Isso só mantém e alimenta o sistema de captura, só mantém e alimenta um sujeito capturado, rebatido sobre si mesmo e enfraquecido**. Sujeito bloqueado para o uso da *transversalidade* das matérias de expressão: **sujeito carente de planos de consistência para seus afetos desterritorializados, mas plenamente identificável num modelo sempre repostos: uma individualidade abstrata. É que o problema, insiste o cartógrafo, não são os sentidos com que se opera a captura (o mapa adotado), mas a própria captura**.

Nosso amigo sente que pode dar mais um passo no que já tinha entendido da síndrome de carência-e-captura. Ele descobre que há pelo menos uma outra versão dessa síndrome: a "captura pela identidade cultural". E conclui: **um agenciamento só pode ser vivido como sendo uma "identidade", originária ou não, por um inconsciente que perdeu a força de agenciar ou que precisa enfraquecê-la**.

Contudo, lembrando seu princípio extramoral, o cartógrafo reconhece que as coisas não são tão simples assim:

se, por um lado, tal micropolítica, considerada em si mesma, é evidentemente fechada e reativa, por outro lado, se a observarmos praticada no contexto que está sendo cartografado, essa mesma micropolítica funciona também como fonte de *élan* na luta macropolítica contra o imperialismo. Esse é seu lado vital.

E o nosso pesquisador dá mais um passo: percebe que, pela mesma razão pela qual inventaram o mito da identidade cultural, inventaram também o **mito da revolução**. Esse mito, constata, *é o único que consegue fazê-los dar valor à sua vida*, cética e amarga. A realidade viva e atual provoca tamanha ojeriza que, ao que parece, muitos optaram pela clandestinidade, capturados pelo mapa da sociedade revolucionária escolhido por seu valor de futuro.

Dos militantes-em-nós, uma parte foi mais longe ainda, lançando-se em práticas terroristas; só saem de seus esconderijos para operações-relâmpagos, violentas, de guerrilha. Dizem ter razões estratégicas para fazê-lo – e o cartógrafo entende que, do ponto de vista micropolítico (o único que conhece) isso tem a ver com a *urgência agônica* que sentem em mudar a situação, o que faz com que não tenham paciência para agüentar a burocracia e a lentidão de exercícios ou partidos convencionais. Querem uma linha mais dura ainda e mais fulminante: querem explodir tudo, fisicamente até, e o mais rápido possível.

Apesar de compreender suas razões (embora pouco entenda de macropolítica), de admirá-los nessa sua fogosa e romântica coragem, de reconhecer a importância de sua luta e a força de seu ideal, o cartógrafo não deixa de pensar que, do ponto de vista micropolítico, não é à toa que se escolhe esse tipo de estratégia. O que os alimenta, em sua *cultura militante*, desse ponto de vista, é imaginar-se de *peitos ensangüentados nas trincheiras embandeiradas* da luta revolucionária, conseguindo dar fim a essa realidade que consideram maldita. É em torno disso, muitas vezes, ele repara, que constroem seus territórios, necessariamente endurecidos, já que fechados aos dois primeiros movimentos do desejo, e guiados unicamente pela referência à central (a sua, é claro).

Os dois mitos – o da identidade cultural nacional-popular e o da revolução – são fundadores desse modo de produção da subjetividade, conclui o cartógrafo. E deduz: a contrapartida dessa escolha é o fechamento ao corpo vibrátil, que notou desde o início; uma espécie de armadura de amargura que vestiram naquele corpo. **Os militantes só captam do desejo o seu plano visível e consciente: confundem a subjetividade em geral com seu modo de produção predominante na sociedade em que vivem, aquele que produz individualidades abstratas.** Aliás, das políticas de constituição de territórios, a que eles mais conhecem é a que se dá pela captura, até porque sua própria subjetividade reificada, conforme constatou o cartógrafo, está submetida a essa mesma política.

Só agora o cartógrafo está conseguindo entender algo que, no início de sua experiência com os militantes, tinha lhe parecido muito estranho e até desagradável: o fato de abominarem que se leve o desejo em conta e ficarem acusando quem ousa fazê-lo de estar cometendo um “desvio individualista, tipicamente pequeno-burguês”. É que, ao reduzir o desejo à individualidade, acabam, também nesse aspecto, caindo em cheio no modo de produção do desejo do sistema que pensam estar combatendo. Sua estratégia é movida pelo mesmo tipo de força, o mesmo tipo de vontade. E o pior é que, como fazem isso em nome da libertação e da justiça, confundem e acentuam ainda mais a culpa e a má consciência daqueles que tentam, timidamente, abrir o acesso ao seu corpo vibrátil. Isso ele já tinha reparado na amiga noivinha que o levou ao “aparelho”: ela vive um conflito intenso. Esse grupo, ele avalia, forma uma verdadeira patrulha – ideológica, no caso. Consideram tudo o que foge à tal “linha da História” – que cismaram em adotar como única e verdadeira – fruto de uma “falsa consciência”. É que acreditam numa consciência totalitária e totalizante, feita da transparência à verdade do mundo: verdade do “povo”, verdade da nação, verdade da linha revolucionária da História. Imaculada verdade que só os operários e os eleitos do partido ou dos “grupos” podem

reconhecer: basta seguirem à risca “o programa”. Nosso pesquisador está bastante espantado.

O cartógrafo considera que já deu para conhecer o essencial da micropolítica das resistentes-em-nós, versão militante. Ele e sua amiga vão ao encontro das outras noivinhas. No caminho, o cartógrafo pergunta à amiga militante onde e como fica o encontro homem/mulher, nesse caso. Ela lhe conta, com indisfarçável orgulho, que os casais que se formam se recusam a legalizar sua ligação, pois têm profundo desprezo pelas “instituições burguesas”: consideram-se “companheiros” e é esse o nome que usam para se referir aos seus parceiros. Sentem-se iguais: companheiros de luta, de trabalho, de sexo e de esperança, ela explica. E o cartógrafo tem a impressão de que, por um lado (o lado visível do terceiro movimento), essa igualdade, reivindicada por aquilo que mais tarde se chamará “feminismo”, se tornou necessária a partir do momento em que todos, homens e mulheres, viraram “trabalhadores livres”. Mas, por outro lado (o do invisível dos dois primeiros movimentos do desejo), parece que essa homogeneização de território neutraliza a igualmente necessária vibração das diferenças, no encontro dos corpos vibráteis de todos os sexos. E nosso amigo pesquisador pondera: **se para os homens já deve estar sendo difícil mudar, dentro de sua condição genérica de trabalhador, para a condição mais específica de trabalhador “livre”, para as mulheres então deve estar sendo mais difícil ainda, pois têm de dar um salto (às vezes mortal) da vida doméstica para a vida atribulada e agressiva do mercado, tornando-se diretamente trabalhadoras livres.** Ele imagina que esta seja a razão da neutralização da diferença sexual, no sentido forte e múltiplo do termo; uma espécie de **defesa provisória** para construir essa passagem. E se tranquiliza.

Quando chegam ao local onde haviam marcado encontro com as outras noivinhas, o cartógrafo vai logo dizendo que, agora, gostaria de conhecer aquele outro destino possível das que-goram-e-resistem. As noivinhas se dispõem a levá-lo para visitar a “comunidade” de uns amigos.

jk

Estes aqui, constata logo o cartógrafo, cansados do vazio do complexo de marido-e-amante e de toda a parafernália que ele implica, resolveram abandonar tudo e partir para a estrada, para os campos, para os longínquos países do oriente ou para as ainda mais longínquas tribos primitivas. "On the road" é, pelo jeito, sua palavra de ordem. Criou-se uma verdadeira comunidade internacional de viajantes. Só na comunidade em que está, observa o cartógrafo, convivem pessoas de pelo menos quatro países diferentes. **O que esses novos nômades lhe dizem querer encontrar é a pureza original que, segundo acreditam, lhes foi perversamente roubada.** É isto que vão buscar entre os "primitivos": querem encontrar outras formas de viver. A esse respeito contam-lhe experiências fascinantes. Uma dessas *hippies* lhe conta que esteve morando numa casa bérbere no Norte do Marrocos, durante alguns meses. Ela conta que, apesar de aquele mundo ser tão diferente do seu, integrou-se com bastante facilidade, tornando-se um membro da família, como qualquer outro. E diz ao cartógrafo que isso aconteceu porque era muito gostoso viver entre eles: um marido, duas esposas e um monte de filhos. Comenta que ficava abismada de ver como – pelo menos até onde podia perceber – aquelas mulheres que compartilhavam o mesmo homem se davam bem entre si.

Uma delas era velha, vesga e muito engraçada. Passava o dia sentada no chão do pátio, preparando o chá de hortelã e contando histórias sem fim. A outra, de uns 30 anos, exuberante e muito ativa, passava o dia cuidando da casa; a maior parte do tempo, ficava cozinhando sua deliciosa comida e ouvindo, com gosto, as histórias da esposa mais velha. A noivinha *hippie* soube que, quando o marido da casa era mais jovem e rico, chegou a ter cinco mulheres.

E conta: foi adotada como filha, incorporando todo o repertório de gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rostos, palavras... A mesma indumentária: camadas e camadas de roupas, umas mais coloridas e

brilhosas do que as outras. A família até mandou o alfaiate da aldeia costurar um jogo completo daqueles vestidos superpostos especialmente para ela. E o tio, que tinha uma barraca de jóias e bijuterias numa feira ambulante (caravana de tendas que percorria semanalmente as aldeias), ia trazendo pulseiras, brincos, anéis e *khol* – aquela pedra cinza cintilante cujo pó dava aos olhos de todos, homens e mulheres, um ar tão misterioso. Ela participava das *toilettes* das sextas-feiras no *hamam*, casa de banho coletivo da aldeia, com todas as mulheres da família. Era uma farra, esse dia: sentadas no chão de mármore e imersas no vapor, com um pano áspero elas esfregavam a pele umas das outras, para eliminar células mortas e sujeiras de toda espécie; umas lavavam os cabelos das outras com um barro especial, o *hassul* (todas tinham os cabelos longos, negros e trançados); umas passavam *henna* nos cabelos das outras (os de nossa amiga, por serem loiros, ficavam entre o laranja e o grená). Passavam *henna* também na planta dos pés e na palma das mãos, que se conservavam vermelhas até o próximo banho: aquela planta, diziam, servia para proteger as extremidades do corpo dos maus fluídos. Jogavam baldes e baldes de água umas nas outras; horas depois, saíam de lá arrumadas e cheirosas, prontas de corpo e alma para o fim de semana. Todas as mulheres da casa.

Nossa amiga incorporou também os hábitos e o jeito de comer daquele povo. A disposição das pessoas, na hora da refeição, ela conta, era uma cartografia que obedecia à geografia dos afetos do momento: reuniam-se grupos, de tamanho variável, em função das escolhas. Cada grupo em torno de uma mesinha feita de uma bandeja de cobre, sobre a qual se colocava a tigela de barro, o *tagin*, em que era servida a comida; os tamanhos, tanto da bandeja quanto da tigela, variavam de acordo com o número de comensais: comia-se com as mãos, todos juntos, na mesma tigela. A amiga *hippie* do cartógrafo lhe conta que a experiência de comer desse jeito a fez descobrir prazeres desconhecidos: a sensualidade de texturas e temperaturas próprias de cada alimento; o encanto de compartilhar tudo isso corporal-

mente. Ela obedecia também aos mesmos horários: dia após dia, levantava-se de madrugada, como todas as mulheres da casa, para preparar o pão que, mais tarde, de manhãzinha, as crianças levariam para assar no forno da aldeia. Compartilhava, igualmente, o mesmo sono e os mesmos sonhos: também para dormir, a distribuição de pessoas funcionava como uma cartografia que acompanhava a geografia dos afetos do momento. O marido dormia num cômodo isolado com uma das esposas, e a outra (que não tinha o sentido de "a outra" do complexo esposa-e-amante) dormia num outro cômodo, com todas as crianças e os adolescentes da casa. Esse quarto, à noite, virava uma imensa cama coletiva, feita de peles de carneiro e tapetes que as próprias mulheres teciam. Como as bandejas e tigelas, o número e a disposição das peles e dos tapetes variava, em função da distribuição afetiva das pessoas naquela noite. A amiga do cartógrafo dormia no quarto coletivo e conta que muitas vezes, no meio da noite, acontecia de, de repente, acordarem todos juntos: era quando alguém sonhava em voz alta e todos passavam a compartilhar o mesmo sonho. Naqueles momentos, os sonhos eram coletivos... **Cartografias oníricas noturnas.**

O cartógrafo se dá conta da importância que devia ter para essa sua amiga *hippie*, ante a estratégia de desejo dominante em sua sociedade, a possibilidade de viver num mundo em que se "ouve" o corpo vibrátil e se segue a geografia dos afetos que esse corpo indica: **um mundo em que as pessoas têm uma espécie de jogo-de-cintura no invisível.** No entanto, ele nota que esses seus novos amigos – os *hippies* – idealizam aquele mundo: consideram que se trata de um mundo natural, puro e verdadeiro, que corresponderia a uma etapa anterior da História da humanidade ou até anterior à própria História. Percebe então que, também para os *hippies*, a evolução da humanidade é linear – só que, em sua versão, ela começa numa suposta natureza e a ela deverá voltar se, com a ajuda de Deus (ou melhor, dos deuses, os de todas as religiões), conseguirem acabar com a sociedade industrial que teria desviado a humanidade do seu suposto curso primitivo e natural. Na

verdade, pensa nosso amigo pesquisador, para os *hippies* natureza e história são incompatíveis: **eles ficam apenas na geografia dos dois primeiros movimentos do desejo.**

Estes, diferentemente de seus contemporâneos militantes, nota o cartógrafo, por não investirem sua terceira linha, a da visibilidade dos territórios com sua história, não se preocupam em opor resistência à nação norte-americana em seus arroubos imperialistas. Mas, em compensação, por manterem investidas suas duas primeiras linhas, eles conseguem embarcar na possibilidade, aberta pelo "mito americano", de desenvolver sensibilidade micropolítica e, com isso, aprender a discriminar, inclusive dessa América-em-nós, os benefícios e os malefícios.

Dos benefícios acolhem, para começar, os mais evidentes: a mídia, a fatura de matéria de expressão e a internacionalização dessas matérias. Gostam de *rock* – aliás, gostam de músicas de qualquer lugar, rico ou pobre, e não têm nada contra a introdução da eletricidade na música. Gostam de gente do mundo inteiro, inclusive, segundo contam, há sempre pelo menos um amigo americano – do Norte – em suas viagens, concretas ou alucinadas. Outro aspecto que colhem é a intensificação da desterritorialização. Não só se dispõem a ser o "cavalo" das linhas de fuga, ao invés de segurar suas rédeas, como até vão mais longe ainda nessas linhas: "viajam" tanto concretamente, abandonando seus territórios, quanto sensivelmente, utilizando-se de alucinógenos para conseguirem, de fato, se deixar *desconstruir em seus padrões* pela desterritorialização, "desbundar", como eles próprios dizem, e tornar seus corpos vibráteis ainda mais sensíveis às latitudes e longitudes de seus afetos. É certamente por isso, imagina o cartógrafo, que esses *acid kids* falam tanto em "vibração". Contam-lhe que passam bom tempo de suas viagens através do corpo vibrátil discriminando *os bons e os maus encontros*, avaliando o que lhes traz boas vibrações – "*good vibes*", como dizem –, daquilo que lhes traz "más vibrações". E é aí, inclusive, que se dão conta dos malefícios da América – aquela-em-nós: contam ao cartógrafo que sentem um verdadeiro terror diante

daqueles que chamam de "caretas". Pelo que o cartógrafo entendeu, referem-se às pessoas que se deixam seduzir pela captura. Dizem que sua vibração é tão pesada e tão mortíferas suas forças – "uma de horror", como costumam chamar essa sensação – que têm certeza de que nunca a esquecerão. Para o cartógrafo, o que estão querendo dizer é que a consciência da força mortífera da captura, consciência que adquiriram naquelas suas "experiências", é inesquecível. **Tem a impressão de que eles realmente fizeram uma "viagem" de desaderência radical do sistema de captura.** E o sistema, para eles, desencantou de vez, pensa o cartógrafo: desgrudaram para sempre.

O outro aspecto que os *hippies* rejeitam dessa América-em-nós é o caráter urbano, industrial e tecnológico da sociedade em que vivem. Nesse ponto, são totalmente reativos e apregoam uma sociedade **pré, para e anti-industrial**, tecnológica e urbana. Ao urbano opõem o rural; à mercadoria opõem a arte e a troca direta de objetos; à utilização da química nos gêneros alimentícios opõem a volta aos "integrais" e "naturais"; à tecnologia e à indústria opõem o artesanato; às atitudes e comportamentos supostamente "artificiais" dessa sociedade opõem comportamentos e atitudes (também supostamente) autênticos, naturais. Por isso não frequentam vitrines (pelo menos não as usuais), se vestem de um modo radicalmente diferente, mais inspirado no folclore do que na moda urbana atual. Aquilo que consideram "natural" corresponde, na verdade, às máscaras dos países não industrializados: misturam do *sarong* indiano ao quimono japonês, passando pelo poncho andino ou a *djelabá* árabe.

Suas casas também são radicalmente diferentes: não são casas de família, mas de comunidade. A sala (tão intensamente investida na empresa doméstico-familiar) mais parece um saguão de estação de trem. Cheia de mochilas e *sleeping-bags* pelos cantos, é uma espécie de *no man's land* de passagem das mais variadas pessoas, desde as da própria comunidade até os viajantes de qualquer parte do mundo, inclusive da América (do Norte) – viajantes que ali se ins-

talam provisoriamente. Aliás, provisória é a estada de qualquer membro da e na comunidade. Nisto também diferem, radicalmente, dos sedentários que investem a empresa doméstico-matrimonial. Em compensação, os quartos e a cozinha são os mais investidos. O quarto é para os rituais, quase sagrados, dos encontros amorosos – em geral, com parceiros variados e, muitas vezes, em grupo. *Nunca se falou de sexo com tanta franqueza.* A cozinha é para os rituais, também sagrados, de preparação de uma comida que se quer em comunhão com a natureza. **Até seu ritmo é outro: adotam, por princípio, a lentidão.** Fruem o prazer de cada gesto e recusam-se a acatar o tempo frenético e homogeneizador da rentabilidade dominante.

Nesse ponto, como seus colegas militantes, os *hippies* também odeiam, à sua maneira, as instituições. Isso se dá porque confundem todo e qualquer modo de territorialização com o modo da captura, toda e qualquer cultura com a dominante – ou melhor, com a política de centralização da cultura. Chegam a considerar que se libertaram da cultura e conquistaram o acesso ao que chamam de uma "contracultura". Só podem pensar isso, reflete o cartógrafo, porque acreditam na existência de uma suposta natureza humana originária (pré, para ou contracultural), que estariam resgatando. Por baixo do que consideram o solo visível e mentiroso da realidade dominante, instauraram um *underground*, como dizem, e pretendem estar descobrindo, nesse subterrâneo, o rosto autêntico e verdadeiro da humanidade. Nesse ponto, admite o cartógrafo, há neles uma ingenuidade comovente: sonham-se como anjos puros, doces fadas, princesas encantadoras, bondosos duendes. Vieram à Terra *envolvidos em boás vaporosos e alucinantes* para salvá-la da rigidez e da impureza dos caretas burgueses. Também eles inventaram seus mitos para sobreviver: **o mito da origem natural do homem e de sua candura originária.** É nessa figura que se funda sua subjetividade. É nessa figura que se simulam seus afetos desterritorializados: **a figura daquilo que se perdeu nasce na verdade de sua própria busca,** cogita o cartógrafo. E ele associa esse seu mito do

cv

np

“primitivo” ao da “identidade cultural” dos militantes. E, também, nesse caso, vê na reivindicação do arcaico como essência a aceitação de um estigma que só tem sentido em relação à centralização de sentidos e valores, mesmo que ao tal estigma seja atribuído um valor positivo.

Entristecido, nosso amigo se dá conta de que a contrapartida dessa escolha também não é das melhores: se, de um lado, eles aceitam e cuidam de seus investimentos de desejo (e isso é potencializador), de outro lado, por entenderem a máscara vigente como sendo a única, sonham com a possibilidade de não haver máscara alguma e **resistem a toda e qualquer espécie de territorialização**. Com isso, acabam tendo dois tipos de destino, igualmente perigosos.

Um traz consigo o perigo de amolecimento e desagregação excessivos: é quando não chegam a construir território algum, fazendo da linha de fuga sua quase que única morada. A consequência disso é o risco de fazer uma viagem sem volta na desterritorialização. É que às máscaras vigentes eles não opõem outras máscaras nem, o que seria melhor, uma outra política de constituição de máscaras. Às máscaras vigentes opõem a **vida**, sua **energia**, supondo que esta estaria esmagada sob o peso da artificialidade das máscaras, sejam elas quais forem. É de tanto procurar o rosto originário, não fabricado, que estaria escondido por trás das máscaras (acusadas por princípio de caretas), de tanto não se conformarem com a descoberta que fazem, a cada vez, de que atrás da máscara não há rostos, mas só afetos desterritorializados buscando simular-se – de tanto repeti-lo, **acabam embarcando no movimento da matéria não formada desses mesmos afetos**. Intensifica-se ainda mais a sua desterritorialização, até ultrapassarem aquele “limiar”: **esquizofrenizam-se**.

O segundo destino traz o perigo contrário, o de excessivo endurecimento: é quando conseguem criar território – o da comunidade com seu repertório de gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rostos, palavras... –, mas se fecham a tal ponto a tudo e a todos que acabam criando um “*Édipo de comunidade*”, às vezes mais

inflexível, mais duro ainda do que o “*Édipo de família*” que pretendem ter superado. De tanto não querer se deixar “recuperar” pela captura da carece ambiente, seu desejo acaba ficando inteiramente recuperado pelos rígidos preceitos de suas seitas: *instalam-se numa marginalidade crônica*. Seus terceiros movimentos seguem à risca o código restritíssimo da cartilha de seu grupo. Acabam, eles também, apresentando a síndrome de captura. (Não sei se essas observações do cartógrafo estão fazendo você pensar, como eu, nas pessoas que ainda hoje vivem em redutos que mantêm esse tipo de micropolítica. Refiro-me a lugares como Visconde de Mauá, aldeia isolada na montanha entre São Paulo e Rio de Janeiro – portanto, bem no eixo mais industrializado do Brasil. É triste ver a que ponto a marginalização e o endurecimento de território puderam chegar, nos casos em que esse tipo de linguagem não tem mais sequer o suporte de uma corrente coletiva a lhe dar um estatuto de verdade.)

O cartógrafo continua suas reflexões: esses dois destinos da resistente *hippie* estão interligados e são frutos de um recrudescimento da “crise”. Se a ambiguidade dos sinais, com seu efeito de insegurança, já lhes era familiar, o desinvestimento de toda e qualquer espécie de território e a droga devem tê-la tornado muito mais intensa. O processo de psicotização vai mais longe – e aí, realmente, a *hippie*-em-nós conhece “uma de horror”: faz uma *bad trip* que muitas vezes não terá volta. Pela mesma razão, intensifica-se também sua paranóia. Se esta já era um recurso bastante usado para enfrentar a crise, aqui ela se torna a única saída possível para dar algum sentido e valor a seus afetos enlouquecidos. Em ambos os casos, “a viagem de libertação” transforma-se em viagem de horror e de morte.

O cartógrafo relata às noivinhas essas suas impressões, pedindo-lhes que digam se são procedentes – afinal, está se baseando apenas em casos que viu na comunidade visitada. Suas suspeitas são confirmadas: as noivinhas lhe contam que muitos de seus amigos *hippies* foram parar em hospitais psiquiátricos ou, na melhor das hipóteses, nas comunidades

d/g

terapêuticas em voga. Alguns não voltaram mais da loucura; outros morreram.

Concluindo suas reflexões, o cartógrafo constata: o principal problema desses anjos caídos que entendem o desejo como natureza, energia em estado bruto que, liberada, os levaria ao paraíso, é que não aceitam o caráter de “fabricação” do desejo, não aguentam se defrontar com a condição de simulação assim tão exposta. **Foi essa a maneira que encontraram para resistir ao finito ilimitado: simular um território mais artificial ainda, território do primitivo, natural, anti, pré ou paraindustrial, em plena sociedade industrializada dos pés à cabeça.**

(Agora, certamente, está ficando mais claro para você por que eu dizia, lá no começo, que, se a prática do cartógrafo – naquela ocasião, ainda não formado – é imediatamente política, isso não quer dizer que ela o seja no sentido da “libertação do desejo”. Você deve ter notado que, se é verdade que foi a *hippie*-em-nós quem começou a se preocupar com a “política do desejo”, se foi ela quem começou a abrir-se ao corpo vibrátil, à geografia dos dois primeiros movimentos do desejo que só esse corpo capta, é verdade também que, por outro lado, ela vive essa dimensão dissociada da simulação. Ela não lida com o caráter de artifício do desejo, separa os afetos de linguagem – e é por isso que pode pensar em “energia pura”. Talvez pudéssemos fazer esse mesmo tipo de observação a respeito de Wilhelm Reich, um dos mestres e ancestrais da *hippie*-em-nós. Entre os teóricos que consideram o inconsciente no funcionamento psíquico, **Reich foi, sem dúvida, um pioneiro do gesto que aponta para a questão da “política do desejo”, do gesto que aponta para a existência de uma relação incindível entre economia política e economia libidinal, entre história e geografia.** Além disso, ele nos legou um exaustivo levantamento das cartografias de sua época, especialmente um precioso mapa do território fascista das massas, que tão bem conheceu. Mas se foi ele quem liberou essa linha de indagações, por outro lado a cartografia de sua obra não conseguiu criar o território teórico da indissociabilidade daquelas duas economias: em seus

escritos, elas continuaram separadas. É certamente essa separação que o levava a pensar o desejo em termos de uma “energética”... Mas isso precisaríamos examinar com cuidado – e este não é o lugar nem o momento.)

2.3 A “RESISTENTE-EM-NÓS” E A EMOÇÃO MESSIÂNICA

O cartógrafo recorda-se de suas primeiras impressões quando entrou em contato com as noivinhas resistentes-em-nós, antes de discriminar as militantes das *hippies*. E confirma sua suspeita inicial de que elas têm algo em comum nessa sua resistência. Agora ele consegue dizer o que é: ambas instigam a produção de seu desejo com a **emoção messiânica**. Ele consegue também aprender, com maior precisão, aspectos dessa emoção, tanto no que suas amigas têm em comum, quanto naquilo em que diferem.

O primeiro aspecto que vem à mente de nosso pesquisador é que essa emoção é, para ambas, **um afeto de resistência à América-em-nós**, nos dois sentidos da palavra “resistência”. Nesse ponto, varia o objeto de sua resistência: as *hippies* não suportam a dor da captura, própria da América-em-nós; já as militantes não suportam a excessiva desterritorialização dessa mesma “América”, que percebem como a cruel conversão de todos em trabalhadores livres para a exploração.

Um segundo aspecto que lhe ocorre é a função dessa sua emoção messiânica: **simular sua dor – nos dois casos entendida como dor de falta – em imagens de um além**, acreditando que a dor desaparecerá quando chegarem “lá”. Ainda um terceiro aspecto, diretamente ligado ao segundo, é que, em ambos os casos, **o objeto dessa emoção messiânica é a conquista desse além de suas vidas**, aquela esperança e aquele orgulho que notou desde o início. Nesse ponto, varia apenas o conteúdo do “além”: uma suposta “vida natural” do passado, resgatável no “aqui e agora”, como dizem duas amigas *hippies* e, no outro caso, a identidade revolucionária, depurada das mil faces da máscara ideológica, esse perseguidor-mor da militante.

Isso significa que nenhuma das duas encara, de fato, a condição de finito ilimitado; nenhuma das duas encara a possibilidade dessa consciência que se abriu tão intensa e bruscamente ao seu desejo com a chegada da América-em-nós. Nesse ponto, o que as diferencia **são os estilos de sua reação ao medo que essa condição do desejo lhes provoca, o estilo de sua messiânica "paranoia-antirreal"**.

Aqui, o cartógrafo para. Ele se dá conta de que essa diferença, que sua primeira impressão ignorava por completo, é bastante relevante. Enquanto as militantes-em-nós abrem mão de seus corpos vibráteis e oferecem sua vida em sacrifício para ajudar a humanidade a chegar "lá", no estilo "soldados do dia de amanhã", as *hippies*, ao contrário, cultivam e cultuam esses seus corpos. Experimentam-nos em todas as suas cartografias, para tentar apressar a chegada do tal dia, fazendo mais o estilo "sacerdotes ou devotos da celebração da vida". *O que as diferencia, nesse ponto, avalia o cartógrafo, é algo de fundamental: deixar ou não deixar que a emoção messiânica se associe, em nós, com o "ideal do sacrifício"*. E ele se dá conta de que a atração das *hippies*-em-nós pelas tribos primitivas e pelo Oriente lhes fez muito bem: livraram-se, pelo menos nisso, do peso mortífero do Império "Americano" da captura e, por tabela, de seu ancestral, o Império Católico Romano – ambos, embora com estilos e estratégias totalmente diferentes, têm em comum a tirania sobre os corpos vibráteis.

E o cartógrafo fica pensando nisso tudo que acaba de conhecer. Ele dimensiona o quanto a militante e a *hippie* são duas maneiras de lidar com a sensação da fragmentação da subjetividade a que se viram, de repente, confrontadas todas as noivinhas: duas maneiras igualmente admiráveis e comoventes em sua coragem e invenção, e igualmente dilacerantes em seus riscos e perigos... **mas tão diferentes em suas estratégias de resistência – tanto no sentido de viver, quanto no de morrer**. Comparando as duas apenas em seus riscos e perigos – já que seu único critério é a vida e sua proteção – o cartógrafo se pergunta o que é mais fatal: ater-se apenas à história, visível e formal, mesmo que não seja a

oficial, como faz a militante-em-nós, ou ater-se, apenas, à geografia dos corpos vibráteis, invisíveis e aleatórios, com *faz a hippie-em-nós*. Ele se pergunta qual dessas duas estratégias de resistência pode ter efeitos mais nefastos: habitar apenas a terceira linha (que, por isso, se converte numa "linha dura") ou instalar-se na linha de fuga e, em seu rastro, perder-se no infinito. *E ele se dá conta de que nas duas linhas se morre: na primeira morre-se congelado no próprio frio e, na segunda, queimado no próprio calor. E não é só isso, pondera: a primeira, a "linha dura", é a que mais prolifera neste planeta* (não só entre os resistentes, e nem só nas esquerdas, é claro) *e talvez por isso seja mais preocupante do que a outra.*

O cartógrafo conclui: é importante, neste momento, insistir na **iniciação** à geografia dos afetos das duas primeiras linhas. E quanto ao **estudo** da história, estamos precisando nos livrar, o mais urgentemente possível, do terrível vício da captura que incorporamos no aprendizado de constituição de nossas terceiras linhas, que as torna duras, seja qual for seu conteúdo. **É uma questão de prioridades estratégicas**. E o cartógrafo se pergunta como será que convivem, numa mesma geração, essas duas maneiras tão disparatadas de ser.

2.4 A RIXA, EM NÓS, ENTRE A MILITANTE E A HIPPIE

Quando o cartógrafo comenta com as noivinhas suas indagações a respeito da convivência entre a militante e a *hippie*, elas lhe contam que, dependendo do país e dos momentos, esses dois tipos de figuras não se entendem mesmo: pode-se até dizer que travam, entre si, uma verdadeira guerra. E ele teme que isso deva torná-las mais vulneráveis ainda às forças de morte da América-em-nós, o inimigo que compartilham e que combatem, cada uma a sua maneira. Elas lhe informam que isso não é de hoje: já no século XIX, digladiavam-se *as vanguardas políticas amarradas ao pesadelo do Estado e as vanguardas estéticas em sua experimentação radical de dissolução da unidade subjetiva, de questionamento do próprio ego e de suas relações com o sentido.*

No entanto, o cartógrafo quer conhecer ao vivo essa disputa. E pede às noivinhas que lhe indiquem um país em que isso esteja ocorrendo atualmente. Elas lhe dizem que, nesse caso, é para ir logo descartando a França, pois, pelo que andaram lendo, está havendo por lá uma verdadeira revolução civil, na qual esses dois tipos de luta – macro e micro – teriam se fundido numa só. Isto estaria criando, inclusive, um movimento bastante singular a que chamam de “Maio de 68”, onde justamente esses dois tipos de sensibilidade estão se compondo. É bom descartar também os Estados Unidos, porque lá o Movimento *Hippie* se junta com as grandes reivindicações macropolíticas do tipo “protesto contra a guerra do Vietnã”. As noivinhas sugerem o Brasil, pois assim seu amigo não só conheceria um pouco dessa rixa, mas, principalmente, descobriria uma terceira via, que tampouco é a fusão ou síntese das duas anteriores, e que parece só estar ocorrendo naquele país. Algo a que chamam “Tropicalismo”.

Achando a ideia muito sedutora, o cartógrafo resolve desviar o rumo de sua expedição para esse Brasil tão fascinante. Para acompanhá-lo nesse desvio, ninguém melhor do que uma noivinha brasileira. Por sorte, há justamente uma no grupo. Ele a convida. Ela aceita. Partem no mesmo dia.

2.5 O CARTÓGRAFO VAI PARA O BRASIL E DESCOBRE A “TROPICALISTA-EM-NÓS”

A expedição chega ao Brasil. Está fazendo um calor tremendo e a primeira coisa que o cartógrafo fica sabendo é que **o país está cheio de antropófagos**. Fica apavorado, mas logo se acalma, pois sua amiga o leva direto para uma comunidade onde ficarão hospedados; e ele não tarda a descobrir, na antropofagia dos brasileiros, algo bastante interessante que, até então, desconhecia. Desde o instante em que chega, entra numa verdadeira maratona da qual só sairá por circunstâncias alheias à sua vontade – e alheias, aliás, à vontade de todos os amigos que ele acaba fazendo no Brasil.

Com esses amigos, o cartógrafo passa noites e noites conversando. Fica sabendo de histórias e mais histórias, ouve música sem parar, assiste a um monte de filmes, peças de teatro, *shows* e festivais – está havendo uma verdadeira enxurrada deles –, visita exposições, participa de debates, lê jornais, revistas, livros, lê, lê, lê... Ouve. Vê. E, sobretudo, deixa seu corpo vibrátil se permear por todas essas intensidades. É aí que começa a entender em que consiste a tal antropofagia dos brasileiros. Vai percebendo que, por exemplo, a *hippie-em-nós*, dublada na versão brasileira, é efeito de uma mixagem de matérias de expressão de origem as mais variadas, que ela teria capturado e digerido, inclusive em diferentes épocas, ou seja, a *hippie*, aqui, virou outra. Como sua amiga americana do Norte, ela acolhe a desterritorialização e até a intensifica, enchendo-se de maconha e ácido lisérgico para ir *sonhando até explodir colorido, no sol dos cinco sentidos: quer saber tudo a respeito da geografia dos corpos vibráteis*. Acolhe, também, a abundância de matérias de expressão para, misturando-as, compor seus novos territórios. Mas, diferentemente daquela sua amiga do Norte, a noivinha *hippie-do-Brasil* sabe que o problema não é resistir ao desenvolvimento urbano, industrial e tecnológico. Ela sabe que há nessa resistência algo de reativo, que ela chama de careta, que a desagrada profundamente. O cartógrafo tem a impressão de que para ela, ao contrário, se trata de abrir os braços para todas essas conquistas e, sem tardar, devorá-las.

E nosso amigo confirma ainda mais essa impressão quando alguém coloca na vitrola um disco de um compositor que está despontando e já fazendo muito sucesso, inclusive nos tais festivais. Dizem-lhe que se trata de um dos criadores do Movimento Tropicalista de que lhe falaram suas amigas noivinhas, antes de ele partir: Caetano Viana Teles Veloso, que todos tratam apenas de “Caetano”. O cartógrafo fica encantado com aquele som: **há nele uma suavidade que nunca ouvira antes**. Alguém lhe diz que, nesse timbre, Caetano é herdeiro de um tal de João Gilberto, um pouco mais velho do que ele, que introduziu essa espécie de magia

sonora na voz do Brasil, em sua voz industrializada. Também o brilho da poesia de Caetano deixa o cartógrafo encantado. Uma das frases cantadas por ele trata diretamente do assunto que lhe interessa: ela fala de seu embate com o desenvolvimento urbano e de como sente que é reativa a resistência que, num primeiro momento, opõe a essa situação desconhecida. Caetano canta que quando chegou à grande cidade, cheio de um *sonho feliz, viveu um difícil começo [...]*

cv cv *porque Narciso acha feio o que não é espelho. Mas que, passado o*
cv *susto, aprendeu depressa a chamar de realidade o que estava*
cv *vendo. E logo veio o encantamento com a grande cidade e o*
cv *reconhecimento de que alguma coisa acontecia em seu coração*
cv *quando se deparava com a dura poesia concreta de suas esquinas.*

Essas canções confirmam aquilo de que desconfiava nosso amigo: aqui estão sabendo que resistir à urbanização, à industrialização, ao avanço científico e tecnológico é resistir à mudança. Por isso não temem o abalo sísmico das mudanças que estão deixando a *terra em transe*: acolhem a possibilidade de expansão que tais mudanças trazem, procurando, entretanto, não cair na cilada da captura, seja de que espécie for. Isistem em afirmar que não adotam programa algum, que não levam nenhuma verdade *no bolso* ou *nas mãos*. Querem ter as mãos livres para acolher o devir, para poder efetuar-lo, devorando, para isso, tudo a que têm direito. Querem cultivar *uma geleia geral brasileira*, cultura de criação de elementos os mais variados, de onde possam extrair o alimento para a formação de seus territórios. Nosso pesquisador se dá conta de que **"Tropicalismo" é o nome atual da antropofagia dos brasileiros.**

O cartógrafo percebe que essa *hippie* dublada em português é, por uma série de circunstâncias que ele desconhece, menos ingênua que sua amiga americana do Norte; ela é bem mais "descolada", como diz o pessoal daqui. Não quer dormir no ponto, em nenhum ponto de sua existência. Pela primeira vez desde que começou a expedição, o cartógrafo sente que está conhecendo gente que, pelo jeito, agüenta a explicitação do finito ilimitado a que foi submetido o planeta: esses "*hippies-antropofágico-tropicalistas*"

acolhem os três movimentos do desejo. Diferentemente de seus amigos do Norte, eles não têm nada contra a história, visível e formal, dos territórios constituídos pelo terceiro movimento; sabem, sem medo, que não há nenhuma espécie de "pureza" energética que não passe pela constituição de território. Sabem do caráter de artifício do desejo e também o quanto essa fabricação está intensificada nas condições atuais: eles têm uma visão trágica da vida. Por isso é que sabem que o problema, do ponto de vista micropolítico, não é resistir à América-em-nós, que este é apenas o nome das novas condições de existência desse mundo – condições que, em si, não são boas nem más. Sabem que o problema é encontrar, exatamente nessas condições, um modo de semiótica que preserve – e até intensifique – a possibilidade de expansão, de criação, de poesia que essa "América" proporciona, ou seja, um modo de semiótica que leve ainda mais longe as novas condições que se abriram para a humanidade; que leve ainda mais longe a possibilidade de exercício do corpo vibrátil; que... *Leve ainda mais longe o artifício...* Mas sabem que, para isso, têm que se livrar da captura, potência mortífera tão ou mais forte que a potência de vida nas atuais condições: nessa sua resistência, são até parecidos com seus colegas "americanos" de outros países. Porém, diferentemente daqueles, pensam que, se querem se livrar da captura o mais radicalmente possível, é para, também o mais radicalmente possível, fazer de suas vidas um terreno fértil para os afetos dos tempos que correm: em seus corpos, história e geografia são absolutamente indissociáveis. Sabem que a geografia *incorporal* de seus afetos é inseparável da história factual de seus territórios. O que querem é se esbaldar com a fartura do mundo contemporâneo sem entraves para, também sem entraves, inventar novos mundos, novos territórios.

Quanto à tal rixa entre a *hippie* e a militante-em-nós que o cartógrafo, vindo ao Brasil, buscava conhecer, ele constata que de fato a briga é bem presente: os polos dessa diferença estão muito aguçados. De um lado, a militante defende fervorosamente o nacional e o popular. De outro

lado, a *hippie-antropofágico-tropicalista* defende, ostensivamente, a “abertura” micropolítica: considera que nem tudo que é popular ou nacional é necessariamente bom ou tem, necessariamente, vitalidade. A mídia está sendo o palco de uma verdadeira guerra civil: o teatro, o cinema, a televisão, a imprensa, as canções, os ensaios etc. expõem seus argumentos como quem desembainha suas armas na iminência de um duelo. É tão interessante que o cartógrafo se contagia e sente que, sem ter programado, está tendo o privilégio de participar de um momento especialmente forte e generoso da vida daquela sociedade, apesar de as condições econômicas serem das mais precárias.

Nosso amigo fica ainda mais abismado com o que está acontecendo. Na música popular, por exemplo, há um desafio entre, de um lado, a *tematização da justiça social e da reforma agrária, o despertar de um horizonte histórico-mítico salvacionista, em que o futuro e o amanhã contêm, numa certeza quase mágica, a promessa da felicidade popular. Certeza da boa-nova, anúncio do novo dia, vinculados certamente a antigas tradições órficas que atribuem ao canto o poder de produzir a harmonia e a luz, e que dependem de uma visão purista da cultura, visão em que os elementos musicais são tomados como portadores de uma essência nacional contida na música rural.*

jw De outro lado, o movimento tropicalista denuncia exatamente essa pretensão à pureza, fazendo um corte da cultura brasileira, em que ela aparece como foco de choques entre o artesanal e o industrial, o acústico e o elétrico, o urbano, o rural e o suburbano, o brasileiro e o estrangeiro, a arte e a mercadoria. Trava-se uma verdadeira guerra de interpretações entre essas duas visões do Brasil e do mundo: de um lado, a visão épico-dramática e nacional-popular dos revolucionários e sua linha da história e, de outro, a visão trágica dos antropofágico-tropicalistas e suas linhas misturadas de história e geografia.

Alguém conta ao cartógrafo que, também aqui, essa briga não é de hoje. Falam-lhe de um certo Oswald de Andrade e de um Movimento Antropofágico que ele teria liderado na época do Modernismo, por volta de 1922, e do qual os tropicalistas seriam herdeiros. Nosso pesquisador

acaba de entender o que queriam dizer quando lhe comunicaram que havia antropófagos no país: ele primeiro tinha tomado essa expressão ao pé da letra, o que o apavorou. Depois se dera conta de que se tratava de uma qualidade cultural dos brasileiros. Agora é que se intera da existência de um movimento cultural com esse nome. Com isso, ele confirma sua suspeita de que “tropicalistas” é como se chamam atualmente os antropófagos deste país: há uma relação entre antropofagia dos brasileiros de 22 e o tropicalismo dos de hoje. Contam-lhe que, também na época do Modernismo, não foi fácil afirmar aquela visão trágico-antropofágica: deu muita polêmica e o tal “Oswald”, como eles dizem, ficou sozinho.

Nosso amigo se prepara para conhecer a obra de Oswald, assim como para ir mais fundo em todos esses movimentos, que lhe parecem apontar um caminho para a criação de mundos mais aclimatados a este mundo, um caminho para a invenção de cartografias capazes de levar a um além da crise.

Nesse momento, surge o entrave: é baixado um ato institucional, já o quinto de uma série, que vem recrudescer de vez a ditadura militar instalada no país desde 1964. Apesar de o cartógrafo ser estrangeiro à situação, e talvez até por causa disso, ocorre-lhe uma explicação para o que está acontecendo – uma explicação do ponto de vista micropolítico, é claro, o único que conhece. Para ele, essa situação-limite tem a ver com o fato de o grau de desterritorialização que atingiu a subjetividade neste país, o grau de questionamento da tal identidade nacional ter chegado a um ponto insuportável para aquela parcela da população, mais frágil e certamente majoritária – que, quando gora, gruda de medo.

Apesar das circunstâncias desfavoráveis – a situação ficou intragável –, o cartógrafo e sua amiga brasileira resolvem dar ainda um tempo por aqui, para ver o que acontece. Querem tentar entender juntos o funcionamento do “coronel-em-nós”, já que é uma força a tal ponto presente no Brasil que conseguiu dar um golpe em todas as outras micropolíticas e impor-se, soberana. Querem tentar entender

oa o fato absurdo de os *mortos governarem os vivos*. Querem, além disso, acompanhar seus amigos resistentes, pelo menos por alguns meses.

3 A REVANCHE DA QUE-GORA-E-GRUDA: O "CORONEL-EM-NÓS"

A impressão que o golpe dá aos nossos amigos é de que o **Brasil está sem estômago para assimilar tamanha rapidez de mutação**. É como se as forças reativas do País, em pânico, estivessem tendo uma reação alérgica, brutal, às forças da modernização. Nossos amigos se dão conta do quão desproporcional está sendo a violência da reação em face do alcance – visível pelo menos – do movimento que vinha agitando o País. Para explicá-lo (do ponto de vista micropolítico, é claro) eles levantam duas hipóteses. Primeira: apesar de limitado em termos numéricos (o movimento era restrito a uma pequena parcela da população, principalmente de classe média e, além do mais, constituída quase que apenas de intelectuais, artistas e estudantes), **esse movimento foi muito amplo em sua força de repercussão no inconsciente de todos naquele momento**. A segunda explicação é que não foi só no resistente que o coronel-em-nós deu seu golpe: ele estava também reagindo à introdução da "América" no Brasil, impulsionada principalmente a partir de Kubitschek. Aquela "América" mítica foi, para os que-goram-e-grudam, como que *um soco de vida urbana capitalista moderna* desferido contra seu corpo durão e rural de cabra macho: o coronel-em-nós, em-todos-nós, sentiu-se ultrajado.

É que esse tipo de gente, ponderam nossos amigos, não aguenta nem essa desterritorialização galopante, nem essa quantidade enorme de matéria de expressão e, menos ainda, assimilar e misturar tudo isso. Os coronéis-em-nós não querem saber desses *indivíduos despersonalizados, anônimos, intercambiáveis* – os "trabalhadores livres" – que a América-em-nós produz. Só que sua recusa não se deve ao fato de não quererem se deixar capturar por uma central distribuidora

de sentidos, o que seria até louvável. Sua recusa tem a ver, isso sim, com o fato de seu modo de produção de desejo ser radicalmente outro, diferente dessa flexibilidade do indivíduo abstrato americano-em-nós. Para o coronel, não tem essa história de "cidadão anônimo": ou você é "doutor" e faz parte dos cambalachos da casa-grande, ou você é trabalhador, "elemento" da senzala a seu serviço, de corpo e alma.

A micropolítica do coronel-em-nós é inteiramente diferente da que prevalece no americano-em-nós. Primeiro: ele funciona na base de uma suposta identidade no sentido da lógica formal, da reposição permanente do mesmo. Ele funciona na base de uma figura fixa de subjetividade: é impossível, para o coronel, seja qual for sua espécie e profissão, conceber-se desterritorializado, deixar de ser "pessoa", de ser "alguém". Segundo: a máquina de centralização de sentido existe também para ele – e como! –, só que ela não é permanentemente reciclada, como a "americana", em função das necessidades de mercado; ao contrário, é rigidamente implantada, de uma vez por todas. A hierarquia de sentidos e valores – e das "pessoas" – é tão estável no caso do coronel-em-nós que se alguém ousar não reconhecê-lo, indignado, ele reage imediatamente perguntando "*sabe com quem está falando?*". Nossos amigos se dão conta de que nisso também o coronel é radicalmente diferente – e até o oposto – de seus contemporâneos americanos do Norte, para quem essa pergunta seria considerada tão antiquada e, ainda por cima, tão arrogante e inadmissível que, certamente, responderiam "*quem você pensa que é?*"; diferente também de seus contemporâneos franceses, que reagiriam dizendo "*por quem você se toma?*". É que o **coronel-em-nós não tem dúvida**: suas referências são absolutamente estáticas.

A noivinha concorda com o amigo: o *fascismo brega e gagá* do coronel-em-nós é, de fato, *um sistema hierárquico e automático de relações pessoais, com seus figurões, seus medalhões, seus padrinhos, seus pistolões etc., onde o privilégio é a maior e talvez única virtude e onde se supõe que cada um conheça o seu lugar*. E ambos constatam que o coronel-em-nós desconhece

lg-rm

lg-rm
lg-rm

ma

lg
lg
lg

por completo a ambiguidade própria do caráter de simulação do desejo, não sabe, não quer saber e tem raiva de quem sabe; muita raiva.

A conseqüência disso é um terceiro aspecto do modo de produção de seu desejo, que o cartógrafo e a noivinha apreendem: por mais caduca que seja sua micropolítica, por mais caducos que sejam seus territórios – aquilo que chamam de “identidade nacional” –, o coronel-em-nós não suporta miscigenações. Ele estanca o fluxo do desejo: **o outro, para ele, é perigo de desagregação**; é fluxo que, por arrastá-lo para um além de si, o aterroriza. Tudo o que ameaça de desmanchamento a máscara mortuária de sua identidade, ele vive como força diabólica, que deve anular o mais rápida e eficientemente possível – prendendo e até torturando e matando, se for necessário. Seu projeto é o de extirpar a diferença com o bisturi de suas armas, para sobreviver tal e qual; para impor-se, vitoriosamente, igual a si mesmo, eterno em sua mesmice. É que o coronel-em-nós, observam nossos amigos, **confunde potência com prepotência; fortalecimento de si com subjugação do outro e, se necessário, até sua eliminação**. É que Narciso acha feio o que não é espelho, cantarolam nossos amigos quando percebem esse aspecto do coronel.

Torna-se evidente, para eles, que **o coronel-em-nós é absolutamente surdo ao que se passa no invisível**: em sua “visão”, interessar-se pelo invisível é coisa de maricas. Vive exclusivamente na terceira linha do desejo: é só essa que ele valoriza e é só nesta que investe; por essa razão, ela se converte em “linha dura”. É que sua *libido é viscosa*: gruda no primeiro território que encontra e dali nunca mais sai. No seu caso, o território no qual ficou agarrado como às saias da mãe é o da América católica (a do Sul) da casa-grande. g Essa sua *energia estática* cria um círculo vicioso: quanto mais parada ela fica, mais contribui para a estratificação de seus territórios, e quanto mais se estratificam seus territórios, mais parada fica essa sua libido. É desnecessário verificar, pensam nossos amigos, a relação do coronel-em-nós com o finito ilimitado: é óbvio que ele não pode nem ouvir falar

nisso. O coronel é chegado numa transcendência: quando faz campanha para tomar o poder ou quando simplesmente o toma na marra (como acabou de fazer no País o coronel em sua versão militar), ele promete trazer a paz absoluta para esta terra, colocando tudo sob controle. Promete fazer um “milagre brasileiro”. Sua alma é a tal ponto sedentária que, toda vez que o cartógrafo e a noivinha cruzam com um deles *têm a impressão de estar diante de uma estátua de bronze*, daquelas que habitam, imobilizadas e solenes, o centro das praças públicas. Com essa sua **alma sedentária de bronze, o coronel-em-nós, em-todos-nós, tem verdadeiro horror ao nomadismo do desejo e aos nômades**. Ele até inventou um lema que, para surpresa de nossos amigos, infelizmente grande parte da população não só aceitou, como até adotou e tem colado nos vidros de seus automóveis. Com “ame-o ou deixe-o”, os brasileiros que goram-e-grudam querem dizer (interpretam nossos amigos) que o Brasil é “um só”, que existe uma identidade nacional, fixa e intocável – aquela que o coronel-em-nós resolveu adotar exclusiva e oficialmente como sendo a verdadeira: a identidade de sua velha e querida casa-grande, com seus cambalachos nacionais e multinacionais. Querem dizer que, pela mesma razão, a História do Brasil é “uma só”, linear e imutável. Uma ordem positivista de progresso verde-amarelo, percorrida passo a passo em cadência de marcha militar numa reta só. Mas o que querem dizer acima de tudo é que quem não se identificar com essa transcendência é inimigo das *brasileiras e brasileiros*; inimigos da nação. js

Em outras palavras, pensam nossos amigos, no regime que se instalou aqui, **todo e qualquer sinal da imanência do desejo em seu processo de criação de mundos, todo e qualquer movimento de desterritorialização e de tentativa de simulação é prova de desamor pela pátria e pelos patriotas**. O cartógrafo e sua amiga se dão conta, estarecidos, de que o amor pela vida está sendo confundido aqui com amor pelo mesmo. É que Narciso acha feio o que não é espelho...

A poesia neste País virou traição, concluem, perplexos com o absurdo do que acabam de perceber. Sendo impossível

controlar a emissão de fluxos – própria dos dois primeiros movimentos do desejo, os quais, apesar de a micropolítica da ditadura atribuir-lhes valor negativo, ela não pode impedir –, o que dá para controlar é o gesto de simulação e os agenciamentos que se fazem para efetuar os fluxos: **o coronel-em-nós mantém o gesto criador sob terror**. O preço é o estancamento da criação: ela passa a ser investida quase que exclusivamente para encontrar macetes e metáforas a fim de ludibriar a censura. Há um empobrecimento psicossocial evidente. O País passa a viver, mais do que nunca, de corrupção, favor, incompetência e prepotência.

oa Com essa espécie de “ratos” surgindo de todos os buracos e tomando conta de tudo, a *paisagem ficou apodrecida*. De tão corrompida e machucada, a vida habitualmente vigorosa da cidade ficou corroída. Daquela polêmica que vinha se travando entusiasticamente, entre o tom épico-dramático das militantes e o tom trágico das *hippies*-antropofágico-tropicalistas, nem se fala: foi literalmente calada pela revanche dos coronéis. É que o coronel-em-nós e sua senhora-que-gora-e-gruda empatam qualquer expressão do desejo que encontram pela frente. **Com sua usina doméstico-matrimonial, eles funcionam na base daquele complexo de esposa-e-amante do qual são uma variante específica: o complexo de casa-grande-e-senzala**. Fizeram um pacto perverso contra o desejo, um pacto no qual os outros, todos os outros, são “os baianos”, “neguinhos” ao seu dispor para o prazer perverso de seu olho molar que tudo controla e vê. *Há sempre uma secretária no colo do “doutor”*, enquanto sua senhora está sempre fingindo que não vê para, no silêncio de seu olhar, desqualificar a outra e transformá-la na vigarista que se presta a serviços sexuais. **Nessa humilhação reside todo o gozo**. O narcisismo cheirando a mofo e o ranço conservador da alma sedentária e familiarista dessa espécie de gente interrompe, perversamente, aquele confronto dos resistentes e, *de certo modo, paralisa o dinamismo das questões que vinham sendo tão intensamente discutidas*.

jw

O cartógrafo e a noivinha reparam que o choque machucou – e muito – o gesto criador dos resistentes-em-

nós. De todos aqueles que tanto queriam varrer do planeta – ou pelo menos de seus próprios mapas – o sistema dominante de produção do desejo. Nesse momento, infelizmente, são eles próprios que estão ameaçados de serem varridos – e não só dos mapas, mas da própria vida.

Compartilhando uma espécie de luto que sentem no ar, o cartógrafo e a noivinha querem saber o que está acontecendo com esses amigos. Querem saber de seu trauma, querem tentar ajudá-los.

4 O TRAUMA DA QUE-GORA-E-RESISTE

Os resistentes-em-nós estão sentindo, na pele, o peso da vingança dos que goram-e-grudam. Primeiro, fisicamente: estão sendo perseguidos, presos, torturados e até assassinados, aos montes. Mas isso é só o mais óbvio, o visível (aliás, nota o cartógrafo, só não vê quem não quer – e muita gente não quer). No entanto, há uma **dimensão do choque**, talvez mais difícil de apreender, porque **invisível**, mas tanto ou mais terrível do que a primeira. Trata-se da **proibição rigorosíssima de “ouvir” o corpo vibrátil**, acolher os movimentos de desejo que ele capta e, sobretudo, fazer planos de consistência para os fluxos de afetos desterritorializados que o atravessam. Os agenciamentos estão interceptados: foram grampeados. **É terminantemente proibido fazer uso da língua a fim de cunhar matéria de expressão para as intensidades atuais**: o gesto criador foi desautorizado e quem ousar esboçá-lo não só será tachado de traidor como, o que é pior, estará correndo perigo de vida.

O cartógrafo e sua amiga noivinha notam que o **efeito micropolítico** dessa situação toda é desnordeante. Na melhor das hipóteses, consegue-se não vivê-la como derrota definitiva e sim, apenas, como uma retirada temporária, que apesar de forçada pode ser convertida num recuo estratégico. Aceita-se o toque de recolher o corpo vibrátil à clandestinidade, mas só em seus efeitos: os agenciamentos (que, embora fabricados no invisível, são o único plano visível do desejo). Mas enquanto dura esse **estado de sítio dos agen-**

ciamentos, há toda uma preparação e um fortalecimento do desejo para a retomada. Essa retirada estratégica, portanto, não significa que se aceitou a morte do desejo, ou que se estaria constituindo *um agenciamento cujo lema seria "viva a morte!"*, comenta nosso pesquisador com sua amiga, comparando essa micropolítica com aquela que predominava, por exemplo, no comportamento do povo alemão durante o nazismo. Aqueles, sim, não só aceitavam, como também pediam a morte, e de todos, enquanto estes, *apesar do pânico total em que se encontram, acreditam que a alegria de viver não desapareceu totalmente* do planeta, nem pode desaparecer.

g
s
tj

Preservam uma *promessa de vida em seu coração*. Porém, nossos amigos sabem muito bem que, infelizmente, esta é só a melhor das hipóteses, e raro são os casos em que se consegue ter esse tipo de reação mais saudável e otimista. Sabem muito bem que, *tal como o corpo, a alma só pode suportar um certo número de golpes*. A única diferença é que **do massacre da alma não há testemunha ocular, já que se passa no invisível**; pela mesma razão, seu registro na memória também não é feito de imagens – mas nem por isso ele deixa de ter efeitos, tão ou mais violentos do que os fatos visíveis, sentem nosso pesquisador e sua amiga.

bs

O cartógrafo e a noivinha se dão conta do que está acontecendo com seus amigos resistentes: **seu corpo vibrátil, desautorizado e humilhado, virou pura dor**, uma dor tão intensa que na maior parte dos casos parece ser inassimilável, pelo menos a curto e médio prazo. No imediato, o que acontece, eles notam, é que, uma vez interceptadas as conexões e proibido o gesto criador, este debilita-se, transmuta-se e é substituído pelo medo. E o medo aumenta ainda mais a timidez do gesto criador. Desencadeia-se um círculo vicioso no qual o desejo vai enfraquecendo cada vez mais e perdendo sua potência de efetuação. Ao medo do perigo real que estão vivendo, se acrescenta esse outro medo, fruto da desconexão. **Se a paranoia já era bastante presente antes do golpe, depois dele ela se torna moeda corrente**. Nossos amigos reparam que os resistentes-em-nós vivem num estado de alerta permanente, com medo de mor-

rer a qualquer hora: de *susto, bala, tortura ou vício*. Num certo sentido, as *hippies* e as *tropicalistas-em-nós* são as que estão pior. É que as militantes, pelo menos, mesmo que seus "aparelhos" tenham sido estourados, concretamente, mantêm-se em seus territórios endurecidos, o que lhes permite preservar uma certa coesão. Nesse sentido, até se intensifica seu fanatismo – o que, no caso, é bastante saudável, pois as salva do enlouquecimento. Mas as *hippies* e *tropicalistas*, por estarem vivendo nas linhas de fuga, não têm onde se agarrar, e suas comunidades, além de sofrerem baixas todos os dias, estão fragilizadas e não funcionam como suporte. E, como se não bastasse, seus amigos militantes, com quem compartilham essa desgraça toda e, muitas vezes, até a prisão, não param de acusá-las: aquela sua velha briga se acirrou. Uma das razões disso, o cartógrafo percebe, é que, para piorar a situação, o coronel-em-nós, seguindo à risca o seu princípio de que "quanto mais se divide, melhor se reina" – **a delação e o terror são armas principais de sua perversão** –, resolveu aproveitar a rixa que já havia entre aquelas duas formas de resistência, intensificando sua inimizade. E a mídia, em grande parte cúmplice do coronel, colabora e põe em prática essa estratégia. Se as militantes são acusadas de trair a nação, ao mesmo tempo é reconhecida a sua coragem de sacrificar-se por seu ideal. São malditas, mas corajosas; inimigas, mas mártires. **Heroínas: essa é sua imagem**. Já as *hippies-antropofágico-tropicalistas* são transformadas pela maior parte da mídia em ridículos "bichos-grilos", **verdadeiros trapos humanos**: vadias, vagabundas, párias, irresponsáveis, sem-vergonhas, viciadas e, ainda por cima, umas otárias, cheias de sonhos idiotas e sem sentidos. Algumas delas conseguem manter-se firmes diante dessa agressão toda. Reagem respondendo que, se aquilo tudo era sonho e se esse seu *sonho acabou*, ainda bem que *dormiram em sleeping-bags*, e por um bom tempo, *pois quem não fez isso nem sequer sonhou*. Mas não é fácil aguentar aquelas acusações, não só da mídia e do coronel, como também de seus amigos militantes – que, nesse ponto, caíram de boca na cilada do coronel, incorporando inteira-

mente as imagens da mídia. Eles passam a acusar mais do que nunca suas amigas *hippies*-antropofágico-tropicalistas de alienadas, individualistas, antinacionalistas, entregues às forças da reação e do imperialismo. Não perdem uma ocasião para jogar-lhes na cara que não é hora de brincar e sim de se sacrificar. Dizem-lhes que o que fizeram é uma irresponsabilidade para com o povo e a nação brasileira e, o que é mais grave, para com a “linha da história”, que deveria estar sendo seguida à risca, sem atrasos ideológicos nem desvios pequeno-burgueses. O cartógrafo e a noivinha notam que tais cobranças conseguem fazer com que suas amigas *hippies*-antropofágico-tropicalistas se sintam vítimas ou culpadas. Nesse ponto, conjecturam nossos amigos, também elas caíram em cheio na cilada do coronel.

O pesquisador e a noivinha arriscam uma hipótese a respeito desse acirramento do moralismo ranheta dos militantes – acirramento que explica, inclusive, sua cumplicidade com o jogo da mídia: imaginam que a excessiva desterritorialização das *hippies*-antropofágico-tropicalistas mobilizou, até mesmo nós resistentes revolucionários – sobretudo numa situação traumática, como a do pós-golpe –, o coronel-em-nós que pelo jeito ainda habita, e muito, em sua alma. Só mudou seu nome: **na versão de esquerda ele se chama “stalinista-em-nós”**, e nossos amigos continuam seu raciocínio: as linhas de fuga das *hippies*-antropofágico-tropicalistas, pelo jeito, mobilizam um verdadeiro surto de nacionalismo nas pessoas em que predomina a tendência ao endurecimento e à frieza – ou seja, uma micropolítica mais conservadora –, independentemente de, do ponto de vista macropolítico, serem de direita (defensores dos que oprimem) ou de esquerda (defensores dos oprimidos). *Sua racionalidade estreita acusa de irracional tudo o que escapa ao seu entendimento.* Tudo o que escapa ao repertório de imagens de seu olho-retina. Mas, seja como for, nossos amigos sabem que esse tipo de situação faz as pessoas regredirem, faz recrudescerem seus sintomas. E eles notam que, juntos ou separados, a situação dos resistentes – de todos eles – é desoladora. Tanto a *hippie*, quanto a tro-

picalista é quanto a militante-em-nós (sobretudo a que passou pela tortura) estão gravemente traumatizadas.

O cartógrafo e a noivinha, chocados porém lúcidos, fazem um balanço da situação e levantam uma hipótese que os ajuda a entender a gravidade do efeito do golpe na alma de seus amigos. Esses resistentes-em-nós, eles pensam, eram jovens, praticamente adolescentes, quando sofreram, de uma hora para outra, o golpe dos que-goram-e-grudam. Pisoteados pelas botas pesadas demais daquelas forças, ainda frágeis demais, muito pouco consolidados em sua autorização de usar a língua materna para criar territórios, eles emudeceram. **É como se tivessem sido esmagados no ovo, sem ter ainda conquistado autonomia suficiente para, sem um suporte coletivo ou qualquer espécie de aval que os sustentasse, conseguir preservar sua força de encantamento de matérias de expressão (sua crença);** conseguir preservar seu desejo, a força do movimento de atualização de seus afetos em novas práticas. Como se seu corpo vibrátil estivesse preso, muito além da eventual prisão de seu corpo concreto. Travados, descreditaram de si mesmos, tomados por uma sensação de derrota e de morte.

O cartógrafo e a noivinha decidem interromper por aqui sua escala nesse Brasil não tão fascinante quanto pensavam. Não aguentam mais conviver com essa situação, se intoxicar com esse clima sufocante (nem têm por que aguentar). Querem reencontrar as noivinhas que deixaram no último porto, antes de desviarem sua rota para o Brasil.

A expedição parte, mas leva em sua nave um monte de amigos – resistentes-do-Brasil. É “salve-se quem puder”: até o tal Caetano Veloso resolveu aproveitar a expedição. E o cartógrafo fica impressionado: como esse poeta, mesmo machucado, continua cheio de luz? Os resistentes exilam-se em massa, inclusive os que ficam. Dos *hippies*, a maioria quer carona até a Califórnia; já os tropicalistas preferem ficar em Londres e os militantes escolhem o Chile, Cuba ou Paris. (Alguns desembarcam no Chile, abandonando a expedição. Mais tarde reencontram os “companheiros” em Paris, e o cartógrafo fica sabendo que acabaram por fazer

um verdadeiro cruzeiro/cruzada por revoluções recém-eclodidas – Chile, Portugal, Angola, Moçambique... –, no encaço de países que estivessem vivendo um momento tão fecundo, e as às vezes até mais, do que aquele vivido em seu próprio país, no instante em que sofreram o golpe. Países em que pudessem continuar falando a mesma língua – a da militância – em português ou castelhano. E reviviam, cada vez, a euforia do movimento e, também a cada vez, o trauma do golpe. No fim, quando a safra de revoluções tinha esgotado, Paris é que os acolheu.)

5 “SÍNDROME DO ESQUECIMENTO”: A “QUE-SE-DESCOLANO-EXÍLIO”

Durante o caminho, vai se consolidando entre os nossos expedicionários uma amizade que se manterá por muito tempo, mesmo depois de terminada a viagem. Isso dá ao cartógrafo a oportunidade de acompanhá-los em seu lento processo de recuperação de forças, a longa convalescença de seu corpo vibrátil e, de certo modo, continuar sua expedição.

Já durante a viagem, o cartógrafo se dá conta (e anota em seu diário) de que o que muitos deles querem com o exílio – mesmo que não o saibam, pelo menos por enquanto – é proteger seu corpo vibrátil em vias quase que de desagregação; **querem criar condições para recuperá-lo, com todo o cuidado e carinho necessário, do estado de invalidez a que esse seu corpo foi reduzido pelo desastre brasileiro, que o santo-coronel-em-nós insiste em chamar de milagre.** Querem recolocá-lo em funcionamento.

O tratamento, antes de mais nada e principalmente, passa por aquilo que o cartógrafo chama de “**síndrome de exílio-e-esquecimento**”. O esquecimento, aqui, não tem nada de patológico: ao contrário, é condição de sobrevivência. Trata-se de perder a memória, não aquela feita de imagens ou fatos, memória do visível, mas sim a memória dos afetos, do corpo vibrátil, memória do invisível. **O que querem perder é a memória da dor, da humilhação, do**

golpe quase mortal que sofreu seu desejo, quando foi atropelado pelas forças reativas do “milagre brasileiro”. Querem isolar o tumor, a ferida, o pedaço envenenado do seu corpo vibrátil, para que não contamine o resto, o atual, com seu efeito despotencializador. Querem que aquele seu corpo possa vibrar novamente. **Querem seguir vivendo.**

cv

E o cartógrafo se dá bem conta de que, se escolhem essa estratégia, é porque sabem sem saber, pelo menos por enquanto, que não se trata de resgatar imagens, fatos, conteúdos – células mortas de linguagem, territórios já ultrapassados. **Trata-se, sim, de reengatar a potência de criação de linguagem.** Por isso querem esquecer o que foram, o que fizeram, o que lhes aconteceu. **Preferem perder tudo, desastres ou milagres.** Querem começar tudo de novo, como se não tivessem história, como se não tivessem *nada no bolso ou nas mãos*. Nessa expedição, eles vão simplesmente *navegando contra o vento* das forças reativas dos coronéis, *sem lenço e sem documento*. **Querem apagar todas as pistas, exilar-se de si mesmos, no tempo e no espaço.** Manter, pelo menos um pouco, um *low profile*. Nessa vontade de exílio da dor, tanto faz a escolha: ficar no Brasil ou partir. São todos exilados, concretamente ou não, cúmplices nessa vontade de apagar um passado que insiste em persegui-los; são todos cúmplices em tentar viver uma outra vida, inaugurando um presente liberto do tempo machucado.

cv

cv

cv

A partir daí, começam a distinguir-se suas escolhas. Em relação à nova vida, vida de exílio da dor, faz diferença, e muita, o lugar que escolhem para vivê-la: exilar-se sem sair do lugar ou ir embora, concretamente. O cartógrafo continua sua investigação apenas com os que foram, e não tem a menor ideia de como se viraram os que ficaram: ele até gostaria que um dia lhe contassem. Em sua convivência com os expedicionários, pôde perceber, antes de mais nada, que o fato de terem mudado de país lhes fez muito bem. Para ele, a explicação parece bastante simples: sua hipótese é basicamente a de que, **saindo de sua língua materna,** puderam criar um campo onde voltaram a experimentar o gosto pela constituição de planos de consistência para seu

desejo, campo de atualização de seus afetos. Nessa nova língua, ninguém, nem a própria língua, é testemunha da desqualificação de seu gesto criador: nenhuma palavra está contaminada por aquele veneno esterilizante do desastroso milagre, nada lhes recorda o medo de simular que sentiram em sua língua materna. Criaram um campo de invulnerabilidade à memória do choque e, pouco a pouco, esse campo foi se tornando invulnerável à própria possibilidade de choque diante da violência: um **território liberado**. Protegidos em sua língua adotiva, retomaram e completaram o processo de aproximação de seu corpo vibrátil e do uso da língua que esse corpo exige para fazer passar os afetos. A língua postiça funcionava como uma ponte de safena, implantada com a intenção de permitir a livre circulação e a pulsação dos afetos em seu corpo vibrátil. Uma série de safenas, enxertadas nos lugares em que a passagem de fluxo tinha estreitado: lugares em que as paredes de seu corpo vibrátil, de medo, endureceram e acabaram provocando entupimento. **Pontes de língua construídas nos pontos de estrangulamento.**

No início, o cartógrafo se recorda, ficavam até com um ar meio postiço, meio estereotipado, pois nem bem tinham adquirido o manejo de sua língua adotiva, e já tomavam ares de estar por dentro, de falarem muito bem, com gíria e tudo, sem sotaque... como se sempre tivessem vivido ali, como se sempre tivesse havido safenas no coração de seu corpo vibrátil, tamanha era a sua ânsia de ganhar mobilidade nessa nova língua, tamanha era a sua vontade de voltar a simular sem sentir aquele pavor. O cartógrafo compreende que é isso que lhes dava, no início, um estilo um pouco forçado: na verdade, era a simulação que, por ser explícita demais, parecia forçada. E uma outra imagem ainda vem à mente do cartógrafo para delinear sua impressão: **é como se tivessem adotado uma língua de gesso, para manter coeso seu corpo ameaçado de desagregação.**

Sob o céu cinzento daqueles primeiros invernos no clima temperado dos povos de olhos verdes, sentiam uma dor silenciosa e contínua, misturada a uma felicidade de poder

cv
voltar a viver: *green eyes, gray sky, silent pain and happiness*, como diziam, em inglês, os de Londres. Pouco a pouco, foram perdendo esse ar meio assustado e estereotipado, constituindo novas máscaras, novos territórios, novas figuras. Foram reabastecendo sua força motriz, resgatando a autorização de usar a língua e deixar desabrochar seu gesto criador.

Até que um dia, como que despertando de um longo pesadelo, experimentam em seu corpo a vibração de uma voz, minúscula e tímida. Pelo que descrevem, é uma vibração suave, que lembra ao cartógrafo aquele timbre dos Caetanos e Joões Gilbertos do Brasil. Uma voz soando de algum lugar, uma voz que, embora não saibam bem de onde vem, lhes parece bastante familiar, ou melhor, totalmente familiar. Ao cartógrafo, dizem sentir um prazer indescritível em deixar emergir em seus corpos vibráteis essa sua estranha voz, apesar de ela ser bastante triste. Isso, para o cartógrafo, não é um paradoxo, pois sabe que até a voz da tristeza, quando esse é o afeto dominante, pode abrir os caminhos e encher o corpo de esperança. E ele confirma: as noivinhas contam que estão sentindo aquele som triste e suave a perfurar, quase que imperceptivelmente, o gesso que tinham sido obrigadas a colocar em torno de seu corpo. Sentem que já podem despedir-se de sua língua adotiva e ir ao encontro daquela sua outra língua, a materna: sentem que, agora, seu corpo vibrátil já dispõe de condições mínimas para reengatar na própria língua. Nesse momento, decidem voltar. **Foram necessários dez anos para, em silêncio, assimilarem o golpe, neutralizarem o veneno com que ficaram intoxicadas e se fortalecerem para voltar a enfrentar as forças reativas que tanto as magoaram.**

E o cartógrafo avalia que nesses dez anos, durante os quais os acompanhou em sua investigação, muitos dos militantes, *hippies* e tropicalistas foram amainando a briga que tradicionalmente travavam ente si. É que nada os incitava a se oporem: nesses novos países, principalmente na França, puderam conviver com pessoas para quem macro e micropolítica tinham que ser igualmente investidas, pessoas que sabiam que, caso contrário, poderia acontecer

de uma boicotar a expansão da outra. Foram se dando conta de que estavam todos no mesmo barco e de que, deste lado das barricadas, do lado que se indigna quando as forças reativas passam de um certo limite, irreversível, não há um só estilo ou uma só espécie de competência: todas as forças são bem-vindas.

r/e O cartógrafo percebe, no entanto, que nem todos os resistentes puderam fazer essa passagem; que nem todos tiveram o mesmo destino. *Alguns não resistiram a vendavais constantes* e se foram para sempre. Outros – e parece que isso vale também para os que ficaram – não adotaram como política a síndrome de exílio-e-esquecimento. Em certos casos, davam até a impressão de, ao contrário, terem ficado aprisionados numa espécie de **“síndrome de exílio-e-rememoração contínua”**: ouviam as mesmas canções, liam os mesmos textos, diziam as mesmas frases... e, se moravam fora do Brasil, preferiam falar português, comer feijoada e tomar caipirinha, sempre que possível. E, o que é pior, continuavam a viver num tempo imobilizado pelo golpe, independentemente do país em que estivessem: reuniões clandestinas, com senha e tudo, programação de operações estratégicas que iriam decidir o destino da nação... As mesmas ideias, as mesmas discussões, os mesmos sonhos... As mesmas histórias, que já não convenciam ninguém. No quadro da mesma síndrome, continuavam a alimentar aquela velha rixa: a polêmica entre o épico-dramático e o trágico, reduzida à falsa questão entre nacionalismo e antinacionalismo, repetia-se e repetia-se, mecanicamente, automaticamente. Destituída do vigor do processo coletivo que a alimentava na época, essa polêmica *imobilizou-se em discussões que voltavam sempre para a mesma tecla*, uma espécie de disco rachado, girando sempre sobre os mesmos argumentos, agora totalmente esvaziados de sentido. É muito triste, pensava o cartógrafo a cada vez que se encontravam. Mas entendia que, para eles, se desterritorializar desses seus simulacros os faria correr o risco de ultrapassar o tal “limiar”. Ficava torcendo para que conseguissem um dia sair disso e pudessem, também eles, digerir o duro golpe. Aproveitar a ocasião para digerir, de

jw

uma vez por todas, a descoberta do finito ilimitado e conciliar-se com sua condição desejante. Digerir, de uma vez por todas, a descoberta da “América”: conciliar-se com a condição contemporânea de suas existências.

De qualquer maneira, independentemente de como viveram o exílio, agora os resistentes estão todos entusiasmados com sua decisão de partir – mas, ao mesmo tempo, tristes de ter de deixar o país que os acolheu. De novo, *silent pain and happiness* – só que, desta vez, a dor e a felicidade são as da perda daquele céu cinzento que protegeu suas cabeças, em troca do azul do céu dos trópicos que se preparam para reencontrar.

Comovidos, despedem-se de seu amigo cartógrafo. A última coisa que lhe dizem é que se sentem muito estranhos, pois se é verdade que *nunca chegaram a tomar uma decisão do tipo “não volto nunca mais”* e apesar de *nunca ter havido nenhum tipo de ruptura material*, também é verdade que viviam lá como se nunca mais fossem regressar. Começam o caminho de volta, deixando, sozinho, o seu grande amigo.

Há tanto tempo acostumado àquela amizade (principalmente à da noivinha que o acompanhou ao Brasil), o cartógrafo fica muito triste. Mas logo o diálogo se restabelece por carta: sua amiga lhe escreve intensa e regularmente. **Criam um campo intercontinental de circulação de afeto e de busca de linguagem.** Foi essa a forma encontrada para continuarem sua expedição.

6 CORRESPONDÊNCIA ENTRE O CARTÓGRAFO E A NOIVINHA BRASILEIRA

Nas primeiras cartas que recebe de sua amiga brasileira, o cartógrafo nota uma certa fragilidade. **É como se algo em seu corpo vibrátil estivesse com os direitos ainda cassados ou ameaçados de sê-lo a qualquer momento.** Desconfiada e raivosa, às vezes ela lhe parece um *animalzinho arisco, uma fera ferida*, cuja voz é uma espécie de *grito lixando o céu seco*. São brigas e mais brigas. Ele se dá conta de que o medo e a mágoa não desapareceram por completo,

apenas ficaram neutralizados nos pedaços de memória esquecidos durante o exílio. Aquela síndrome. São como **pontos de energia ainda estagnada na dor, no ressentimento e na culpa.** Energia ativada reativamente contra a expansão do desejo. É como se sua amiga estivesse tateando cautelosamente as forças ambientes, com medo de sentir aquela impossibilidade de fluxo que tanto a machucara no passado.

O cartógrafo nota também que, para se proteger, sua interlocutora está um tanto enrijecida. **Ela continua a adotar, mesmo em sua língua materna, aquela “estratégia da safena”** (clandestinidade do corpo vibrátil e, sobre as passagens de afeto interrompidas, pontes de linguagem feitas de matérias garantidamente reconhecíveis e portadoras de credibilidade). Ele até comenta isso com a amiga, numa carta. Ela lhe responde que achou sua observação muito pertinente, e que passou a notar que todas as noivinhas-que-goraram-e-resistiram estão com um ar ligeiramente estereotipado: variam apenas as linguagens que escolhem para legitimar-se. Em algumas, baixa o *lado doutor*: exibem seus diplomas estrangeiros e só falam universitês. Já em outras, baixa uma falsa noivinha, de véu e grinalda, cerimônia na Igreja e carimbo em cartório. Em outras, ainda, baixa o estilo “milagre brasileiro”, em suas duas versões: umas transformam-se em madames com seus clichês de elegância – atoladas em linhos, sedas, queijos e vinho, tipo “efeitos do milagre na provinciana casa-grande” –, outras viram *yuppies*, morando em *flats*, comendo *fast-food*, cheirando bastante “pó” e vestindo-se de japonesas, tipo “efeitos do milagre no coração novo-rico do jovem capital brasileiro” (algumas, nesse caso, convertem-se em verdadeiras *dândis pós-modernas*). Em outras, ainda, insiste o estilo resistente-em-nós, sempre numa de suas duas versões: a militante-em-nós vira “feminista” e a *hippie*-em-nós agora é “alternativa”.

Muitas das resistentes, segundo lhe conta sua amiga, cuidam sozinhas de seus filhos. Seja porque estão separadas (e em geral é com as mães que as crianças acabam ficando), seja porque optaram, na afirmação de sua autonomia, por

“assumir” sua maternidade sozinhas. É o que chamam de “produção independente”. Algumas nem sabem quem é o pai, entre seus múltiplos parceiros sexuais. Outras sabem, mas, ou foram abandonadas ao engravidar e decidiram ter o filho assim mesmo, ou escolheram deliberadamente um homem para exercer a função de reprodutor (muitas vezes, sem que ele fosse consultado; em outras, de comum acordo com o homem, “companheiro” de princípios ideológicos).

O cartógrafo está curioso em saber mais acerca do destino atual das resistentes-em-nós que ele tanto conheceu. Pede à sua amiga que lhe escreva contando detalhes. É o que ela faz.

6.1 A FEMINISTA-EM-NÓS

Segundo a noivinha, as feministas têm feito grandes conquistas na defesa dos direitos da mulher contra a exploração e a dominação. Mas só trabalham o visível (terceiro movimento do desejo): suas conquistas são exclusivamente macropolíticas. A amiga lhe conta que, no invisível, as feministas-em-nós vivem uma desarrumação enlouquecedora – como todos, aliás – e se defendem disso formando verdadeiras **Ligas de Senhoras Ressentidas**, espécie de máfia de mulheres, unidas pela síndrome de carência, que as faz interpretar sua dor de desterritorialização como “falta”, cuja causa atribuem à safadeza dos homens. No pacto em torno de sua superioridade paranoide em relação aos homens, na solidariedade em torno da acusação dos homens como culpados por seu mal-estar, aliviam, pelo menos por um tempo, a angústia de sua desterritorialização.

A interlocutora do cartógrafo arrisca explicar o que está se passando com suas amigas feministas. O mais óbvio, ela escreve, é que se trata de uma espécie de transição para a violenta metamorfose da subjetividade que esse modo de produção exige, especialmente das mulheres – uma maneira de não sucumbir à velocidade. Mas o que lhe parece explicar realmente o que está se passando é que, para defender seus direitos, as mulheres estão tendo que se unir em torno de

um território vivido e defendido como sendo a cartografia de sua "liberação". Essa cartografia, no entanto, é a dos homens, único modelo de trabalhador livre de que dispõem as mulheres para se identificar e competir no mercado onde, de fato, sofrem evidente discriminação. Mas se, no plano macropolítico, reivindicar agressivamente uma simetria em relação aos homens é, pelo menos num primeiro momento, a condição para sua "emancipação", já no plano micropolítico, observa a amiga do cartógrafo, as mulheres não só estão ficando insensíveis ao corpo vibrátil e, portanto, à dissociação e à captura, mas, o que é pior, se convertem em produtoras dessa política em sua própria subjetividade.

E a noivinha amiga vai mais longe em sua tentativa de análise: na mulher, a esterilização do corpo vibrátil é ainda mais violenta, pois na família, tal como vinha funcionando, a mulher era muito mais íntima desse corpo, muito mais íntima dos processos de desterritorialização que tal corpo faz vibrar. Mas agora, para afirmar sua cartografia, tudo o que se refere ao seu território anterior à "libertação" ela está tendo que renegar: abomina a noivinha que carrega dentro de si; abomina tudo aquilo que é considerado elemento de sua suposta "essência feminina" e, com isso, quer se desidentificar também de sua intimidade com a primeira e a segunda linhas do desejo – ditas "linhas femininas" – opondo-lhes, por contra-identificação, a linha dura de sua suposta essência de "mulher liberada". Mas a amiga do cartógrafo reconhece que esse assunto é mais complicado, pois ao mesmo tempo em que se dá essa contraidentificação, as feministas reivindicam aquilo que chamam de "pensamento feminino" ou "escrita feminina"; esta se define, justamente, como expressão da tal intimidade com a desterritorialização – que, ao ser afirmada, funciona como resistência ao modo de subjetivação dominante. Aliás, é nesse ponto que se encontraria sua reivindicação micropolítica propriamente dita.

E a noivinha brasileira conclui suas reflexões escrevendo ao amigo que lhe parece que a liberada-em-nós, feminista e independente, é uma máscara que as noivinhas-que-goraram-resistiram-e-descolaram estão encontrando

para efetuar seus afetos desterritorializados, o que no caso delas, ao que tudo indica, é vivido com mais intensidade do que para os homens, dada a sua intimidade maior com a deriva. **Elas têm que acreditar que "a mulher" existe**, pois é essa crença que lhes dá força para, na luta por sua liberação, não só acabar com sua discriminação, mas também operar a tão difícil travessia para uma subjetividade mais conciliada com o contemporâneo. O cartógrafo se comove ao ler a carta da amiga.

6.2 A ALTERNATIVA-EM-NÓS

Na carta seguinte, o assunto são as resistentes "alternativas", herdeiras da *hippie-em-nós*, que juntos haviam conhecido. A noivinha conta que estas investem seu desejo na **luta micropolítica contra a subjetividade formada na captura**, onde quer que ela se produza. Contra essa subjetividade em série da maioria, as alternativas afirmam as múltiplas subjetividades singulares das minorias – da mulher, do negro, do homossexual, do psicótico etc. –, tudo o que escapar do modo de subjetivação dominante. Assim também nascem as reivindicações ecológicas que estão, aos poucos, se avolumando num movimento internacional bastante poderoso.

A noivinha comenta que tem a impressão de que, se do ponto de vista micropolítico, ao contrário de suas companheiras femininas, as noivinhas alternativas são muito criativas, já do ponto de vista macropolítico, também ao contrário de suas companheiras, elas parecem um tanto ingênuas. E ela diz no que está pensando quando faz esse tipo de avaliação: no fato, por exemplo, de as minorias se enrijecerem na reivindicação de uma identidade, ou ainda de algumas alternativas-em-nós se converterem em verdadeiros gurus, com seus pratos-feitos naturais que já não alimentam afetos de espécie alguma. Em suma, o que ela está chamando de ingênuo é o fato de acreditarem na existência de uma "sociedade alternativa", paralela à sociedade supostamente "oficial", quando, na verdade, é aí – e só aí –

que todos vivemos e estamos inseridos, cada um à sua maneira. A realidade considerada outra, paralela, alternativa à dominante, nada mais é do que a parte marginalizada dessa mesma realidade. E, se é assim, essas resistentes **acabam reivindicando e enaltecendo a marginalização.**

Querendo atenuar o repentino surto de amargura e pessimismo que tomou conta da amiga, o cartógrafo lhe responde que tem a impressão de que, através dessa prática, estão se atualizando e se consolidando a consciência ecológica e a visão micropolítica da realidade, indispensáveis no combate aos malefícios da "América". E aproveita para lembrar à amiga que **toda cartografia tem suas linhas de vida e suas linhas de morte.**

6.3 A NOIVINHA SE REVITALIZA

O tempo vai passando e o cartógrafo vai sentindo nas cartas de sua amiga uma mudança imperceptível mas firme. Ele percebe que a **fera ferida vai se cicatrizando**: a mágoa, a dor e principalmente o medo vão purgando e a energia neles retida vai transmutando e sendo substituída por uma energia afirmativamente ativa, por uma força de reintegração do corpo vibrátil. Aos poucos, vão se dissolvendo os coágulos de esquecimento que dificultam a circulação dos fluxos naquele seu corpo e estes voltam a circular com mais liberdade, a liberdade da força de simulação e invenção: poder ir mais longe no artifício sem medo de desagregar. A potência de sua amiga vai aumentando aos poucos. Ele tem a impressão de que as noivinhas que goraram-e-resistiram, se-atropelaram-e-descolaram, vão "caindo na real". **Vão removendo as poeiras tóxicas que encobriam pedaços inteiros de seu passado e reencontrando o tempo perdido, não o cronológico, histórico, dos fatos, mas o geográfico: tempo das linhas de força que percorrem o invisível de seu corpo vibrátil.** O cartógrafo se dá conta de que, nesse aspecto, as partículas de oriente que a *hippie-tropicalista*-em-nós tinha engolido naquela ocasião estão em plena atividade. É que, ele pensa, na medida em que sua amiga

foi aprendendo a falar, em sua própria língua, a partir do ilocalizável lugar da desaderência que conheceu no estrangeiro; à medida que foi engatando, na língua materna, a "abertura" de seu corpo vibrátil conquistada em suas línguas adotivas, foi se sentindo autorizada a ser *estrangeira em sua própria língua* e nela criar um campo para os afetos atuais, sem por isso temer que a acusassem de fazer um uso indevido das matérias disponíveis em seu meio ou de trair as tradições da família e/ou da nação. Em suma, sem medo de novas hecatombes.

O cartógrafo conta à amiga essas impressões. Ela lhe responde que acha que é isso mesmo. Percebe que, pouco a pouco, foi acontecendo com todas elas: sentirem seus pés firmes no solo brasileiro e **sua força ecoando, sem perigo, na corrente coletiva.** Foram também encontrando, em sua própria língua, ecos da resistência-em-nós de outros tempos, heranças de criadores de toda espécie; pegadas de nômades do desejo, de outrora e de hoje. Foram sentindo a presença invisível de tribos cujos singulares membros não têm por hábito grudar entre si gregariamente para constituir qualquer espécie de academia. Tribos que funcionam com *redes de suporte* das forças ativas e de sua potência de encantamento. Simplesmente, redes de composição de potência formando *sistemas longe do equilíbrio*, sistemas que funcionam através de algo como uma *ordem por flutuação*. Com isso tudo foram podendo sentir que se, por um bom tempo, *apagar os rastros na tentativa de esquecer* tinha sido sua salvação, agora já não era assim; **na medida em que seu corpo foi querendo e podendo voltar a se expor a todos os encontros, o esquecimento tornou-se uma estratégia infeliz.**

O cartógrafo vai sentindo as cartas cada vez mais leves, mais suaves, mais amorosas. Cada vez mais quentes e mais entremeadas de humor. Até que um dia, depois de um longo período de silêncio, ele recebe uma volumosa carta que mais parece um ensaio. Sua amiga lhe conta que foi visitar uma exposição de objetos dos carnavalescos no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e que, a partir daí, **alguma coisa se encaixou em seu desejo.** Alguma coisa

d/g

g

ip/is

ip/is

r/e

que a deixou tão intrigada que ela ficou durante vários meses escrevendo e reescrevendo ao seu interlocutor cartógrafo; queria, de qualquer maneira, compartilhar com ele o impacto de sua descoberta/invenção.

Ao ler essa carta, o cartógrafo tem uma impressão ambígua: por um lado, sua amiga lhe parece estar se levando muito a sério, resvalando às vezes para um tom solene e uma falta de humor que chegam a pesar. Mas ele entende que o processo de elaboração *in loco* e ao vivo, que está lhe acontecendo, não deve ser nada fácil. Por outro lado, ele tem a impressão de que os três movimentos do desejo estão ganhando na vida de sua amiga uma nova harmonia. É como se ela estivesse entrando num acordo com o finito ilimitado:

cv *um acordo com o tempo.* Simplesmente.

Entretanto, por ser esta uma carta bastante especial na correspondência que vinham mantendo desde que se separaram, além de ser a provisoriamente última, o cartógrafo resolve incluí-la na íntegra no diário de sua expedição. É que, mesmo sabendo que sua amiga noivinha não é a primeira a descobrir o Brasil e, muito menos, a América, algo lhe diz que aquele texto é significativo de um momento particularmente instigante das cartografias do Brasil (aprendido de um certo ângulo, naturalmente). Errado ou certo, é esta carta que o levará de volta, com sua expedição, para aquele estranho país.

7 A NOIVINHA VAI AO MUSEU E DESCOBRE A "AMÉRICA" NO SUL: A FORÇA DO CARNAVALISMO

São Paulo, novembro de 1997

Querido amigo,

Sem preâmbulos, quero que você descubra comigo o que se passou nestes últimos meses por aqui.

Tudo começou pela visita aos carnavalescos. Imagine que você estava aqui comigo. Imagine mais: que esta visita esteja acontecendo agora. Acabamos de chegar no Museu de Arte Contemporânea de S. Paulo...

Você entra. De cara, você é tomado por um estranhamento. **É como se o seu olhar habitual não desse conta de alguma coisa.** Você sabe que ali se passa algo. Você percorre toda a exposição e sai. Junto, você leva essa estranha sensação. Pouco a pouco, alguma coisa vai tomando corpo em você. Algum tempo depois, você volta ao museu. Essa estranha impressão o conduz, apesar de você mesmo. Não há indicações, mas você caminha pela exposição em direções como que predeterminadas. Uma trama de sentidos invisíveis vai se articulando. **É como se você cobrisse e descobrisse aquele espaço, numa espécie de roteiro iniciático.** Você está sendo levado a percorrer/traçar, descobrir/inventar uma cartografia. E as direções são múltiplas.

É inevitável: logo de cara quatro imensas esfinges. Evocam uma mistura de Cleópatra hollywoodiana com Édipo de almanaque e cachorro de porcelana de portão de novo-rico, portão de nossos primos carbonários. São figuras engraçadas, feitas de materiais pobres – lantejoulas, purpurinas, gesso, *pappier maché*... Estão meio estragadas. A primeira “vista”, é só o que você enxerga. Mas aí, de novo, vem aquela estranheza: parece que em você já estava funcionando um outro tipo de olhar, que nem é tão somente um olhar. E você “vê”: **aqueles figuras estão como que intumescidas. Querem eclodir de exuberância. São mágicas.** Você sabe que não estão ali por acaso: definem, solenemente, a entrada. Dispostas duas a duas, um vão entre elas é um ímã. Seu corpo obedece, você vai. À sua espera, dois gigantescos centauros seguram tochas, o braço erguido num gesto ritual. De novo, seu olhar habitual – o do visível – vê apenas uma mistura esquisita e divertida de travesti de rua Augusta com estátua de deus grego, um deus daqueles que a produção de um musical de Hollywood teria posto aos pés da rampa. E, pela rampa, num daqueles momentos apoteóticos, viria descendo uma glamourosa *star*, arrastando seu vaporoso vestido de baile... **Mas seu olho-do-invisível tira você dessa cadeia de associações de imagens**, ou melhor, quem tira você dessa cadeia e abre a porta para o invisível não é seu olho nu, nem apenas seu olho vibrátil, mas a vibratibilidade de todo aquele seu corpo. E de novo, na opulência daquelas figuras, você descobre um mistério, uma luz.

Teu corpo, agora, já está totalmente integrado ao ritual mudo que ali se celebra. Você passa entre os centauros e pára. Ao seu redor, najas de pele de pano de oncinha se erguem por sobre as esfinges; unicórnios de purpurina rosa cintilante posam com o ar adocicado de cavalos de carrossel; um dragão carmesim se entrelaça ao corpo volumoso de um leão dourado, com pele de estofado capitonê. Todos descomunais. Imponente, o conjunto é como o pórtico de um espaço sagrado.

Você atravessa essa linha demarcatória. Diante de você, um esboço de selva ou de coqueiral de praia. Nas árvores, setas indicam Tupinicópolis (a mesma da Mocidade Independente). Você avança. Ao fundo, uma espécie de sucata urbana: gigantescos batons, vidros de perfume, de esmalte, sapatos de salto alto, tênis, óculos escuros, aparelhos de rádio e de TV... Imensos, misturados a pedaços do Corcovado e de figuras do monumento às Bandeiras. Objetos fabricados em larga escala para fins utilitários e comerciais. Estátuas criadas para emoções cívicas, apologéticas, ufanistas: monumentos enaltecedores da Pátria e da Igreja, em todos os seus sentidos. Mas a outra potência de teu olho – ou melhor, daquele teu corpo todo, o vibrátil –, já inteiramente desperto, reconhece uma outra dimensão: tudo ali está repleto de magia. Aí você percebe que o ritual inaugurado na entrada se estende a todo aquele espaço. Engloba todos os objetos. Você se põe de costas para Tupinicópolis e olha para as laterais. À direita, manequins com fantasias de carnaval, daquelas de concurso. À esquerda, paralelamente, uma arquibancada – da entrada até ali; vazia, espreitando.

7.3 PANORAMA VISTO DA ARQUIBANCADA

A arquibancada é um ímã. Seu corpo obedece, você sobe... A estranheza retorna. Você olha em frente e vê os manequins simetricamente dispostos. Como num palco, eles se exibem ao seu olhar. A pose é de concurso de Miss Brasil. Você tem um estalo: o olho-do-visível é nada mais nada menos do que o olho-de-espectador. Viciado nele, você nem teria suspeitado de seus limites, não fosse o corpo, aquele recém-despertado, a lhe prometer outros prazeres. Intrigado, você olha para a esquerda. As imensas figuras mitológicas lhe dão as costas, totalmente indiferentes ao seu olhar-de-espectador. Pousadas de frente para as janelas, por onde se vislumbram os jardins do Ibirapuera, elas guardam aquele espaço do museu, ritualisticamente. **Há,**

em torno delas uma nobreza, um silêncio. À direita, Tupinicópolis está tão alheia ao seu olhar-de-espectador quanto as figuras do pórtico sagrado. É nesse momento que você se dá conta de que o ritual engloba também a arquibancada, também os visitantes, também você mesmo.

7.4 CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO

A trama de sentidos confirma-se e acaba de se articular quando você descobre como foi feita a instalação dos objetos. A ocupação do espaço aconteceu numa espécie de *workshop* improvisado, a partir da iniciativa de um dos curadores e de um acordo tácito entre todos os participantes. Primeiro, o curador instalou a arquibancada. Em seguida pediu aos carnavalescos que dispusessem suas obras como preferissem. Fernando Pinto, o autor de Tupinicópolis, foi o primeiro. E não teve dúvida; ocupou a parte dos fundos, à direita da arquibancada. Como se soubesse, sem saber, que aquilo que acontece no desfile – com suas obras e através delas – não é propriamente um espetáculo, e sim um ritual. Espetacular, certamente. Mas ritual – do qual todos participamos. Por isso, era natural não se oferecer em espetáculo diante da arquibancada. Justamente o lugar escolhido logo depois por Linda Conde para o espetáculo de suas fantasias de luxo, fazendo surgir diante da arquibancada uma vitrina, um palco. Encerrando, o curador dispôs as figuras mitológicas à esquerda, voltadas para a entrada e cobrindo toda a frente. Fechava-se o círculo. Você percebeu que a escolha de Fernando Pinto foi guiada pelo olho molecular que “vê” o invisível, a de Linda Conde pelo olho molar, que se limita ao visível. Já o curador, guiando-se por ambos, desempenhou seu papel, no duplo sentido da palavra que designa sua função: artífice da “exposição” e oficiante do culto de abertura e de encerramento da “instalação”. Com seu gesto, marcou o contraste-tensão entre o olhar que é só retina e a vibração daquele corpo, inclusive no próprio olho.

Agora, você decifra a charada: foi a tensão fecunda desse amálgama de retínico-e-vibrátil que a exposição, desde o início, mobilizou em você. Foi a não consciência disso que provocava em você aquele estranhamento. É a descoberta disso que provoca em você, agora, esta euforia. É como se você estivesse descobrindo o óbvio. O *carnavalismo* – amálgama estratégico – é o que o país inteiro atualiza e celebra no carnaval, ano após ano. Normalmente, não nos damos conta disso; se você pôde fazê-lo, foi por ter percorrido os mesmos caminhos que percorreria em qualquer Carnaval (desfilar; perambular; assistir da arquibancada...) – só que, agora, num Carnaval descontextualizado. Descontextualizado enquanto Carnaval propriamente dito (e não por acaso), por ser fora de época, fora de avenida, fora de conjunto de alegorias de que fazem parte aqueles objetos, fora do samba-enredo que lhes empresta significado, fora do barracão ou dos restos de rua onde se confina a escola de samba o ano inteiro ou dos salões onde ela não entra, fora... Descontextualizado também (e não por acaso) enquanto exposição de museu, pois não havia nem apresentação, nem explicação de espécie alguma, e as “peças” não tinham nem título, nem indicação de autoria ou procedência, nem nada...

Você fica ainda mais eufórico quando percebe que está descobrindo o Brasil: o carnavalismo é a estratégia que define não só o Carnaval mas uma das forças mais ativas da cultura brasileira como um todo. Você percebe que o que captou **não é uma forma dessa cultura** (um conteúdo, uma temática, uma ontologia – em suma, uma identidade nacional). O que captou **é uma estratégia de constituição das formas de expressão**. Uma estratégia de criação do mundo, e não determinada espécie de mundo. Em outras palavras, o que você descobriu é um tipo de estratégia de produção do desejo, com a qual se podem criar os mais variados mundos.

Neste momento você se lembra de tudo o que tinha começado a descobrir e elaborar naquela inesquecível temporada no Brasil, tão drasticamente interrompida pelo

tal golpe dos que goram-e-grudam. Você se lembra daquela qualidade da "cultura" brasileira que se revelava no Tropicalismo e que, pelo que lhe haviam informado na época, já se afirmara em diversos momentos anteriores, especialmente em 22, no movimento antropofágico. Você lembra inclusive que tinha suspeitado estar diante de um caminho possível para a criação de mundos mais aclimatados a este mundo. E que tinha até batizado a tal estratégia de "antropofágico-tropicalista" – que, na época, você estava interessadíssimo em cartografar mais atentamente. Na época, você pretendia também conhecer tudo o que pudesse de Oswald e seu movimento. E você estava nesse ponto quando o golpe veio acabar com sua festa.

Você sente que agora não só poderá retomar tudo isso, como também tem mais condições de articular melhor o que pressentiu naquela ocasião. Você confirma e leva mais longe sua suspeita de que essa estratégia aponta um caminho para a invenção de cartografias que possam levar a um além da crise: é que agora você entrevê que o caráter vital e afirmativo dessa micropolítica parece implicar no fato de que ela escapa da síndrome de carência-e-captura.

Tais suspeitas lhe deixam tão curioso que você resolve investigá-las com cuidado, para verificar se, de fato, elas se sustentam. Faz parte dos seus planos fazer, em algum momento, o mergulho – que não pôde realizar naquela época – na obra de Oswald. Mas o que se impõe como primeiro passo é retomar suas reflexões sobre aquela síndrome, para, em seguida, verificar como essa estratégia estaria escapando dela – se é que, de fato estaria. Estratégia que agora você rebatiza, acrescentando-lhe um nome: "carnavalista-antropofágico-tropicalista".

7.5 DE NOVO, A SÍNDROME DE CARÊNCIA-E-CAPTURA

Você relê todas as suas anotações a respeito do modo de produção do desejo na sociedade industrial e de mídia, detendo-se especialmente na questão da síndrome de carência-e-ruptura. Nessa leitura, você destaca os elementos

que têm a ver com a comparação que está interessado em fazer e, a partir deles, continua suas reflexões.

Você começa lembrando que **a estratégia de desejo mais comum nessa sociedade consiste em não se encarar a condição de finito ilimitado**. Mas, ao contrário, imaginar que há um ou alguns territórios essenciais e infinitos; imaginar também que o movimento para se chegar até eles é limitado a um ou vários "programas" com começo, meio e fim e, evidentemente, a uma hierarquia, variável ou não, na qual o privilégio é virtude suprema: ter o que o outro não tem. Mania de insistir na eternidade do eu e no seu poder de soberania. *"Narcisismo" poderia ser o nome dessa mania em todas as suas variações, você sugere.*

jf

E você continua: a síndrome de captura de nosso desejo pela família, sacralizada/sagrada e mumificada, ou por qualquer outra referência geral – mesmo que se trate de um mapa mutável e até supermutável – nos faz perder a sensibilidade ao corpo vibrátil e torna moral a nossa consciência: ela passa, para nos guiar, a se relacionar com o mundo interpretando-o à luz de um Bem-e-Mal qualquer (fixo ou variável, uno ou múltiplo), que ela elegeu como verdadeiro, fazendo de nós sujeitos sujeitados a conteúdos e imagens valorizados *a priori*. **A consciência assim limitada ao que se vê a olho nu não alcança o processo de mudança do estado das coisas e, por isso, não ajuda o espírito a mudar de estado junto com as coisas. Ela nos instala na projeção, fazendo-nos buscar intensamente a nossa inalcançável imagem "verdadeira"**. E você presume que se trata de uma espécie de consciência que, por estar dissociada do corpo vibrátil e do nomadismo dos afetos que o atravessam em seus aleatórios encontros, *confunde o campo das causas* (campo invisível da geografia dos afetos) *com campo dos efeitos* (campo visível da história das formas de expressão). *Esse tipo de consciência toma as marcas* (imagens através das quais os afetos se simulam) *como origem, como causa e não como efeito* e, por meio delas, tenta montar um sistema explicativo da vida. **Trancafiada na cadeia de imagens através das quais ela se guia (uma moral), só lhe restam duas**

lg

u-d-s

u-d-s

u-d-s

alternativas: obedecer ou transgredir. Você tem a impressão de que a desterritorialização provocada *pela mistura dos corpos é vivida por essa consciência representativa como inexistência da natureza, o que a angústia e a faz buscar as supostas significações exatas*, imaginando que, com isso, o desejo ficará sob controle. E você sabe que **quando essa reatividade ao finito ilimitado (o que a consciência moral chama de imperfeição), quando essa insensibilidade narcísica acontece nos dias de hoje, nos tornamos presas fáceis das centrais distribuidoras de sentido e valor** que o Estado aciona através de seus equipamentos coletivos de Educação e de Cultura, e onde a mídia desempenha, provavelmente, o papel principal.

Mas você faz questão de deixar bem claro que isso não quer dizer que a mídia se reduz a essa função. É que **os ceticismos crispados contra a mídia lhe parecem muito reativos**, pois sua posição é diametralmente oposta a esta: a fatura que a mídia oferece ao desejo e seu afã de maquinação, você considera um verdadeiro luxo. O problema não está na mídia em si, mas no poder centralizador de sentido que nós mesmos lhe atribuímos, para que ela nos ampare em nossa desorientação, de modo a preencher nossa suposta carência e facilitar o trabalho de nossa consciência. Aí fica simples: tudo o que a mídia valoriza é o Bem. **O privilégio continua sendo, mais do que nunca, a virtude suprema**; a fé cega no infinito continua firme: do paraíso perdido da família disparamos rumo à terra prometida do sucesso. Fazer de si um *best-seller* ou pelo menos um *garantido*, sempre por dentro e, se possível, por cima. E nessa trajetória não nos deixamos desviar por nenhuma espécie de alteridade, pois o outro pode ser uma barca furada, pode ser contaminado do vírus do pecado ou da brequice. E a cada vez que a alteridade estiver despertando em nosso corpo vibrátil a procura de matéria de expressão, consultamos a bolsa de valores do mercado cultural. Aí, sob o comando da mídia, escolhemos só as matérias de expressão mais bem cotadas: os *“must”*. Mas, você acrescenta, para identificá-las com a eficiência e rapidez necessárias, **é preciso treinar bem**

tn

o olho-do-visível e a mecânica do corpo físico seguindo os programas de imagens e usando todos os dispositivos possíveis: das terapias de toda espécie aos cremes e remédios, passando pelas danças e ginásticas, orientais, ocidentais, aeróbicas, mecânicas ou transcendentais. Sempre se atualizando, **num esforço exaustivo de simular a potência**. E você vai mais longe: é preciso sobretudo ignorar, por completo, o invisível; se acaso nos lembramos daquele corpo, o vibrátil, que capta o invisível a todo momento, não só não saberemos o que fazer com os afetos que pedem passagem como, o que é pior, ficaremos aterrorizados de angústia por aqueles medos todos.

E você avalia essa micropolítica: o preço que o medo nos faz pagar por silenciar esse nosso corpo é aquela sensação irremediável de carência; vivemos os movimentos de desterritorialização do desejo como se nos instalassem num deserto árido e tórrido e fizessem de nós *exploradores perdidos no vazio, mortos de sede, de calor e de solidão*. Vivemos o desejo como... “falta”, e aí, prisioneiros – das imagens valorizadas pela mídia, por exemplo –, desandamos a alucinar o privilégio da eternidade da completude, correndo atrás dessas alucinações, aflitos, agitados e vorazes, precisando às vezes de um pó mágico para acelerar mais ainda essa corrida, na esperança de que um dia “a gente chega lá” (“lá” é esse tal lugar estável e pleno). **Miragem de um desejo impotencializado simulando onipotência**. Miragem de Narciso, você conclui.

d

7.6 CAPTURA PÓS-MODERNA DOS ANOS PÓS-DOURADOS

E sua análise prossegue. No limite – e aí você se refere à versão pós-moderna da síndrome de carência-e-captura –, nem precisamos mais de família para efetuar a captura do desejo. (Como era o caso daquela gosma incestuosa da empresa doméstico-familiar com ou sem complexo de esposa-amante, que conhecemos melhor na versão casa-grande-e-senzala: o coronel-em-nós + sua-senhora-que-

gora-e-gruda + suas secretárias-enfermeiras-empregadas ou "outras" quaisquer.)

A família, com seu Édipo antigo monopolizando os investimentos de todos os seus membros, tornou-se um arcaísmo inoperante que não só podemos como devemos descartar, e o mais eficientemente possível. E você supõe que isso se deva ao fato de se tratar de um mundo marcado por uma tal velocidade de desterritorialização, um mundo em que as matérias de expressão tornam-se tão rapidamente obsoletas, que é impossível não se perceber que não se é "um" – essencialmente – filhinho respeitado de papai-e-mamãe ou só filhinho da mãe, desrespeitado, no estável berço familiar. Impossível não se perceber que não se é um – mas vários: pura dispersão, numa sequência aleatória e ilimitada de territórios finitos e efêmeros. Além do mais, torna-se imprescindível, por uma questão de sobrevivência, ser capaz de reterritorializar-se, e muitas vezes.

Mas isso, você constata, não cura aquela nossa síndrome: pelo contrário, ela nunca funcionou tão bem. É que, com o advento da mídia, trazida pelo Império "Americano", a máquina greco-romana de captura do olho e dessensibilização do corpo vibrátil (máquina que administra os corpos e disciplina os encontros) se aperfeiçoou tanto, e – reciprocamente – nossa consciência moral (crente na existência de territórios "in" que dão acesso ao "tudo", verdadeiros mapas da mina) já se incrustou a tal ponto em nossa alma, que não precisamos de família nenhuma para "educar" nosso desejo para a captura. **Somos, já, diretamente capturáveis pela pura forma de expressão, diretamente plugáveis à imagem em si, que está por toda parte, limpa de qualquer espécie de afeto.**

E você vislumbra uma panorâmica daquela síndrome: da captura pela família e pelo "amor romântico", passando pela captura pós-moderna pelos grupelhos (revolucionários, comunitários ou religiosos), chegamos à captura pós-moderna pela mídia, sempre firmes no propósito de ignorar o ilimitado movimento do desejo que ameaça dessubjetivar. Sempre firmes em ignorar nosso corpo, aquele, o que vibra.

Sempre firmes em considerá-lo, no máximo, um objeto não identificável, um *estranho corpo estranho* cujos processos de desterritorialização vivemos como "falta" de território, *quando na verdade o que nos falta são condições para fazer territórios* (e fazê-los exatamente, com aquilo que pede nosso ignorado corpo). Sempre firmes no vício de fazer territórios com sistemas de referência gerais, cartografias valorizadas *a priori* – em suma, mapas. **Somos a voz da mídia que fala pela nossa voz, inteiramente estilizados dos pés à cabeça. Somos uma voz sem voz própria** – você constata, um tanto perplexo.

Aí você se dá conta de que, se é verdade que (com a ajuda de um psicanalista francês, que adotamos para substituir nossa velha psicanalista inglesa) fizemos a transição do mapa antigo de família para os mapas pós-modernos da mídia e seus celibatários e, com isso, conseguimos abandonar a ilusão de uma unidade do sujeito e nos perceber na variação, por outro lado, mesmo com esses nossos novos mapas, continuamos a buscar um invariante que nos espelhe. Ainda que variem as referências e que nos consideremos "fragmentados", fragmentos supõem necessariamente um todo: mantemos assim a ilusão de uma unidade subjetiva. Não mais uma identidade fixa e sim uma *identidade em metamorfose*, uma *multiplicidade dinâmica de identificações funcionais*: no fundo, há sempre uma ilusão de um fundo, uma saudade do infinito, da unidade intrínseca, do "um" – ainda que submetido à dialética do "múltiplo". Conquistamos a multiplicidade como atributo e não como substantivo: no fundo, continua funcionando uma política de captura do desejo, sempre a impedir que a formação dos territórios seja a própria passagem e efetuação das intensidades atuais. Trata-se ainda de um sistema de impotencialização da expansão em nome de um suposto poder territorial narcísico. **Propriedade privada de um eu.**

E você conclui: **em última análise, a política de captura é realmente o traço fundamental da produção de subjetividade na era da mídia, em qualquer de suas versões.**

mx

d/g

lbo

Aqui é que tua descoberta da “América”, versão antropofágica, ganha toda a sua importância: você confirma, aliviado, que a existência da estratégia carnalista ameniza tua drástica conclusão. Você se diz que, felizmente, nem só de dândi pós-moderno (com sua captura *cool* e *clean* por mapas descartáveis) ou de coronel greco-latino (com sua captura *heavy* e *dark* por um mapa rígido e insubstituível) – nem só disso vivem os anos pós-dourados do milagre brasileiro, fruto da mistura de “América” moderna (aquela-em-nós) e Roma antiga. Felizmente, há africanos e tantos outros: *há deuses e diabos de toda a espécie nesta terra do sol.*

7.7 CARNAVALISMO ANTICAPTURA

Agora que você tem bem mais claro o funcionamento da síndrome de carência-e-captura na produção da subjetividade contemporânea, você vê condições de retomar as reflexões que a exposição lhe levou a redescobrir. Você quer tentar, principalmente, situar em que ela escapa – se é que escapa – daquela síndrome.

Rememorando: se você estivesse ficado restrito ao olho-do-visível, teria visto na exposição apenas um amontoado de peças precárias, caindo aos pedaços, feitas de material “de quinta categoria” e com referências as mais bregas. Além de estarem jogadas ali sem nenhuma lógica, nem informações e, ainda por cima, serem poucas e sem o fausto do Carnaval. No máximo você teria sido complacente e diria: “Trata-se de cultura popular”. E você poderia até chegar a enaltecer esse *côté* “brega”, seja pela curtição do *kitsch*, com ou sem a aura de sua categorização no Pop, seja pela emoção messiânico-populista de sua própria alma carbonário-revolucionária. E desse jeito você teria visto a exposição com os olhos de grande parte da crítica. Seus olhos molares.

No entanto, o despertar do corpo vibrátil fez você descobrir ali, como que decantada, a fórmula química do carnaval, seu carnalismo. Aquele seu corpo, no contato com “aquelas coisas”, instaladas daquela maneira, era mobilizado, e – indissociavelmente – os objetos, investidos de afetos

seus, resplandeciam. Você deixou de ser apenas espectador, sujeito em si observando objetos em si com um olho entulhado de imagens, olho molar que distancia e neutraliza a potência desterritorializadora do outro, seja descartando, seja folclorizando (e tanto faz se desqualificando por desprezo ou enaltecendo por piedade e culpa). Você tornou-se também devir, nas marcas da conexão entre você e os objetos, em seu corpo vibrátil. Os objetos, por sua vez, também deixaram de existir apenas como coisas em si, “peças” de museu, para se revelarem como catalisadores de intensidades, elementos de um ritual. O que eles demandavam é que *você encontrasse a força que lhes desse sentido*: daí sua capacidade mágica. **As forças, mais atuais, encontrando naqueles objetos um condutor, disparavam e se apaziguavam: libertavam-se.**

Você descobriu que aqueles objetos eram feitos da tensão fecunda entre a fragilidade de seu estado material e a força de sua magia. Assim como nós somos feitos da tensão fecunda entre a fragilidade dos territórios que nos constituem, nos sedentizam, e a força da magia do nosso corpo vibrátil que acolhe a vida e todos os seus movimentos e nos faz nômades, *desensimesmados de nós mesmos*. **O que você descobriu é que ali os objetos, assim como nós, são feitos daquele misterioso amálgama de retínico-e-vibrátil.**

Colocado na perspectiva desse amálgama, você saúda cada máscara sua com uma piscadela. Você vive sua condição de simulação. Percebe que, se você tem alguma espécie de unidade, ela não é intrínseca, mas uma *unidade nomádica extrínseca*. Unidade que é efeito dos territórios que vão se constituindo: **pura multiplicidade**. Você descobre o finito ilimitado e o acolhe. Em outras palavras: dessa perspectiva, você desencarna a carência e a captura (seja qual for seu estilo) e o terror ao nomadismo que aquela síndrome lhe provoca.

Você confirma sua suspeita inicial: **o carnalismo parece de fato, ser um antídoto ao veneno da captura**. Ele é, de fato, uma interessante estratégia de produção do desejo para o mundo contemporâneo – inclusive e, principalmente, para enfrentar “a crise”.

Apesar de estar satisfeito em constatar que suas hipóteses faziam sentido e, o que é mais importante, confirmar que a estratégia carnalista-antropofágico-tropicalista é uma saída interessante para o contemporâneo, algo está lhe intrigando. É que há uma outra estratégia de desejo (a da noivinha *yuppie*) que, por ser supermoderna e até pós, superconciliada com este mundo, pode ser confundida com a carnalista – e, no entanto, ela não escapa da tal síndrome. Você sente que não vai sossegar enquanto não conseguir definir em que se assemelham e, sobretudo, em que se diferenciam fundamentalmente esses dois tipos de noivinhas. Parece que, neste momento, mais do que comparar a micropolítica da antropófaga com qualquer outra, é importante compará-la com a da *yuppie*, na medida em que esta é a mais passível de ser tomada como modelo nos processos de subjetivação contemporâneos.

7.8 A ANTROPÓFAGO E O DÂNDI PÓS-MODERNO

Você se diz: é verdade que, aparentemente, essas duas estratégias de aclimação ao contemporâneo não diferem em nada. As micropolíticas da noivinha *yuppie* e da “antropófaga-em-nós” têm exatamente os mesmos elementos:

a) **consciência e aceitação do efêmero e do disperso como a própria condição da subjetividade**, dada a existência de um reiterado movimento de desterritorialização.

b) **jogo de cintura para compor territórios e misturar o que houver de disponível**. A cultura, urbana e industrial, converte-se numa imensa sucata, em escala internacional, e a cidade como Tupinicópolis, num imenso galpão – barracão de Carnaval, depósito onde se acumulam matérias de expressão descartáveis, utilizadas e reutilizadas, infinitas vezes e de infinitas maneiras. Com restos de territórios, de modos de existência, se compõem outros territórios, outros modos de existência – como carnavalescos, que com restos de objetos compõem alegorias, e com restos de alegorias compõem outras coisas ainda, ano após ano. (Qualquer um

dos objetos que você viu na exposição já tinha passado ou irá passar por várias encarnações.)

c) **desreferenciamento dos materiais utilizados**. Qualquer material que se use é dissociado de seu sentido de origem e reconvertido: ao se tornar elemento da composição de um novo território, ele é transculturado.

d) **dessacralização da cultura erudita e universitária**: ambos deixam de valorizá-la como referência nobre e se abrem para a indústria cultural. Ao contrário de muitas noivinhas intelectuais que, ainda hoje, cultivam uma verdadeira ojeriza preconceituosa em relação à mídia, a antropófaga e a *yuppie* a prestigiam. (É bom lembrar que essa valorização é um fato recente, pois, se é verdade que desde as primeiras décadas de sua existência, a mídia e a cultura de massa foram adquirindo poder, nem por isso haviam conseguido prestígio – este continuava monopolizado pela produção erudita e acadêmica. Foi só mais tarde, por volta dos anos 80, que a mídia passou a roubar a cena da academia em matéria de prestígio cultural.)

e) **capacidade de aquisição de linguagem e enriquecimento de repertório, o qual, diga-se de passagem, costuma ser bastante amplo** (diferentemente de um coronel-em-nós, por exemplo).

Depois desse levantamento de pontos em comum entre essas duas espécies de noivinha você percebe que, realmente, ambas conquistaram **um dispositivo de semiotização sofisticado, complexo e flexível, e uma libido bastante processual**, o que lhes permite desterritorializar-se e reterritorializar-se com certa facilidade. Enfim, desenvolveram **know-how de gestão da subjetividade**, condição indispensável para enfrentar a crise e sobreviver. É por isso que você pode considerar que esses dois tipos de noivinha constituem micropolíticas de conciliação com o contemporâneo.

Mas você percebe nitidamente que o fato de ter todos esses recursos não impede a noivinha *yuppie*-em-nós de tentar dar um jeito de ignorar o finito ilimitado: insistir no infinito, na unidade intrínseca de um sujeito, ainda que múltiplo e fragmentado; continuar a não acolher os novos

afetos. Fica tudo arrumado e reluzente por cima ou por fora e, por baixo ou por dentro, tudo escapando, desar-
rumado e tenebroso. Então, você se dá conta de que é
exatamente aqui que a noivinha carnalista começa a se
distinguir dos dândis pós-modernos – comumente conhe-
cidos por “yuppies” –, com seu Narciso americano acor-
rentado à síndrome da captura.

Para além da infeliz confusão, você vai percebendo
que muitas são as diferenças entre essas duas noivinhas em
seus modos de adaptar-se aos tempos. E você resolve
enumerar tais diferenças:

a) o critério que se adota para compor territórios

Você viu que, no caso da dândi moderna ou pós, o
critério de seleção de materiais de expressão é a vontade de
sucesso, de reconhecimento de um si mesmo, inabalável
em suas recriações, cujo avesso é necessariamente a humi-
lhação do outro. Seu critério é o cultivo do território nar-
císico, mesmo que extremamente variável. Para realizar esse
seu sonho tão dourado, a *yuppie*-em-nós, você testemunha,
não só aceita a simulação, como até faz a apologia do simu-
lacro. O artifício, para ela, no entanto, não é uma dimensão
do desejo através da qual se efetuam os afetos. O artifício,
para ela, não é uma condição da produção do desejo, apenas
intensificada no mundo de hoje. O artifício para ela é uma
condição que só existe na atualidade. Ela até vai mais longe
e considera que o mundo virou simulacro e o resto acabou
(o que lhe dá, aliás, um alívio perverso porque, no fundo,
não suporta os fiapos de desterritorialização próprios do
mundo em ativa produção: são, para ela, fruto da imperfeição
da natureza, à qual só se resigna porque não há outro jeito).
E você subentende que a *yuppie*-em-nós só pode pensar
assim porque toma o artifício em si, dissociado do movi-
mento de afetos que nele se simula. Os gestos, jeitos e
trejeitos, procedimentos, as figuras, expressões de rosto...
Palavras, para as noivinhas desse tipo, são reduzidas à pura
forma. Você nota que ela é inteiramente estilizada: é do
tipo que vive uma adesão não problematizada a um suposto

nb

valor em si (de mercado, no caso), preocupada que está, o
tempo todo, em criar um campo de aparência para exhibir-
se; uma cena. É nítido para você que a noiva pós-moderna
só investe matérias de expressão que lhe tragam ren-
dimento narcísico seguro: o critério de suas escolhas é, por
isso, necessariamente moral. Sua consciência é inteiramente
fechada em circuito de imagens e dissociada do seu corpo
vibrátil. Uma ética do cinismo e uma estética de neutra-
lização dos afetos: é isso que dá ao seu rosto um aspecto liso,
clean e eficaz que transpira o mal-estar – uma espécie de estátua
de cera, você conjectura. Já para a noivinha carnalista,
você nota, o critério das misturas é outro: o quanto as
linguagens escolhidas permitem acolher e fazer passar
os afetos que o corpo vibrátil convoca. O critério, aqui, é
o da preservação do corpo em sua invisível vibração: critério
vital. Para isso, a consciência nobre que você entrevê na
noiva antropófaga procura discriminar o que é cons-
trangedor para o corpo daquilo que não é. É que, você
supõe, para essa sua consciência extramoral, a natureza é
turbulência das misturas, perfeição da imperfeição e, portanto,
não é boa nem má: ela não traz significados, mas só potência
de composição e decomposição. Para você é bastante claro
que essa noiva se guia pelas causas estimulantes (afetos de
um corpo que estimulam os afetos do outro corpo) e não pelas
causas finais ou determinantes. Ela entende que as imagens
não são um a priori, mas cadeias de efeitos, objetivações
formalizadas do encontro dos corpos. Por isso, não se guia
por nenhuma espécie de sistema ou nenhum código
valorizado em si, nenhum mapa, você sabe.

Dessa primeira diferença entre a antropófaga e a
yuppie-em-nós, depreende-se uma série de outras.

b) a relação com o código centralizador que hierar-
quiza as matérias de expressão

A antropófaga-em-nós desinveste totalmente esse có-
digo. Ela não tem qualquer preconceito de linguagem
(você percebe que até os clichês ela pode investir de poder
de efetuação, sem que isso signifique, necessariamente,

jcb

eg

fn

fn

u-s

u-gt-s

u

d/g

qualquer espécie de cinismo). Há nisso **uma potência invisível de subversão**, você imagina. E lhe ocorre que é isso que deve dar ao seu rosto um aspecto *estriado*, cheio de marcas que transpiram o tempo.

Já a *dândi* pós-moderna (embora num primeiro contato pareça estar aberta a toda e qualquer linguagem), você nota que na verdade é de uma arrogância e de um esnobismo que chegam a beirar o insuportável. Só investe no certo – aliás, é ao fazê-lo que se utiliza e se consolida a própria ideia do “certo”: **a yuppie-em-nós participa ativamente do empreendimento da hierarquização de sentidos e valores**, você pontifica.

c) a relação com o finito ilimitado

O rosto liso da *yuppie-em-nós* parece significar sua familiaridade com o sucesso, seu *savoir faire* em relação à complexidade do mundo contemporâneo. É como se tivesse sido contemplada com a eternidade ou a estivesse contemplando. Mas você sabe que o liso do seu rosto é a marca de seu narcisismo inabalável. **A *dândi* pós-moderna é trapaceira** em relação ao finito ilimitado, o que lhe dá, apesar e através do seu imaculado rosto, um ar opaco e endurecido. Sua flexível multiplicidade é atributo do um, que, afinal, é o que ela cultua, inquestionavelmente.

Já o rosto estriado da *antropófaga-em-nós* parece significar derrotas e cansaços, mas – você sabe – ele é feito dos encontros que seu corpo faz, marcas de seu devir. **A antropófaga-em-nós é traidora**: ela trai as máscaras vigentes, toda vez que seu corpo vibrátil assim o exigir, para que os afetos possam passar. Em outras palavras, essa noivinha acolhe o finito ilimitado: a multiplicidade, em sua existência, é substantiva. E você suspeita que é isso o que lhe dá, apesar e através das marcas, um ar leve, suave e luminoso.

d) a fonte do charme

Comparando essas duas noivinhas, fica bastante nítido que o charme da *antropófaga-em-nós* não vem dos lugares, das roupas ou das palavras tachados de chiques no mercado

(como no caso da *yuppie*), mas sim da abertura para o movimento dos afetos. **O charme é proporcional à atenção à vida em sua invisível vibração.**

e) a relação com a desterritorialização

Embora você reconheça que ambas se desterritorializam e reterritorializam com certa facilidade, você está convencido de que diferem em seu modo de acolher a desterritorialização. A *antropófaga embarca no movimento* e, de dentro dele, deixa que seus afetos se atualizem na invenção de um território. Já a *yuppie-em-nós*, no fundo, **resiste ao movimento**: é de fora, a partir de algum lugar reconhecido, que lida com ele, que o interpreta, de forma a adequá-lo aos territórios em oferta pelas centrais, neutralizando toda a sua carga afetiva de desterritorialização.

f) o significado do “novo”

Para a *antropófaga*, você constata, abrir-se para a criação do novo é necessário para fazer passar os afetos desterritorializados. O novo para ela só é valorizado quando cumpre essa função. Já para a *yuppie-em-nós*, abrir-se para o novo é necessário e até indispensável, mas porque necessário é o reconhecimento de si como “*in*”. O novo, nesse caso, é tanto investido quanto portador do valor “*in*” que trará retorno narcísico. E o “*in*” é sempre, por princípio, novo – o *dernier cri* da moda internacional mesmo que o novo seja repetir o velho, retroceder.

g) em relação aos três movimentos do desejo

Você não tem dúvida de que a *antropófaga-em-nós* valoriza e investe os três. Já a *yuppie*, quando investe os dois primeiros, é na esperança de poder acomodar-se na glória de um território reconhecido e ficar só no terceiro movimento – o único que, de fato, valoriza.

Agora que você conseguiu discriminar as principais diferenças entre as micropolíticas da *antropófaga* e da *yuppie*, você pode realizar o que almejava ao se empenhar em conhecê-las: definir em que elas se distinguem, especifica-

mente enquanto estratégias de conciliação com o contemporâneo.

a) a ética

Enquanto a conciliação da antropófaga-em-nós é marcada por uma ética que tem como princípio a expansão da vida, a ética que marca a conciliação da *yuppie* tem como princípio o cinismo e o valor narcísico.

b) a relação com a captura, um dos sintomas que definem a síndrome que caracteriza a estratégia de subjetivação dominante.

Como já ficou claro, a *yuppie-em-nós* tem uma adesão não problematizada às linguagens prestigiadas. Por isso, em sua existência, produz-se a captura de um desejo ultraintensificado. O que já não acontece com as antropófagas, que resistem à captura, à medida que os valores de mercado das linguagens que incorporam em suas cartografias lhes são totalmente indiferentes. Sua adesão é sempre problematizada em função do critério vital.

Você até arriscaria dizer que, de todas as cartografias levantadas desde o início da expedição – são 24 as noivinhas registradas até aqui –, a única a salvo da epidemia da síndrome de carência-e-captura que assola o planeta é a antropofágico-carnavalista.

Agora que você sabe em que a estratégia antropofágico-carnavalista difere radicalmente da dominante, você está mais sossegado e tem vontade de retomá-la ainda uma vez, para tentar pensá-la a partir e através do próprio Carnaval, e não mais daquela exposição no MAC.

7.9 A CONTAMINAÇÃO CARNAVALISTA

Costuma-se chorar os velhos Carnavais perdidos, antes do Globo, antes do Sambódromo. Mas você sabe: o que caracteriza o carnavalismo do Carnaval não é o fato de ele acontecer no quintal ou na TV, na rua ou na avenida. Isso é problema do macroolho, falso problema. O que o

caracteriza é essa vontade de efetuar as **intensidades atuais** usando, para isso, **matérias atuais**. E quanto mais, melhor. Por isso, a fartura que a cultura de massa oferece é um luxo, que pede tesão e não lamento. É para banquetar-se ao invés de torcer o nariz ou chorar de saudade do tempo em que não havia eletricidade na cultura. **É que o carnavalismo, voracidade de mundo sem fim, papa tudo, antropofagicamente**, de modo que a Globo não funciona necessariamente como engrenagem que fixa cada elemento num todo, desossando e englobando o Carnaval. Muitas vezes, é o Carnaval que a impregna de carnavalismo. O nomadismo carnavalista contamina até isto: uma viagem imperceptível, subterrânea, previsível, que ele faz através de tudo o que encontra pelo caminho (e é importante, justamente, que seja tudo, inclusive e principalmente a mídia, por ser a atualidade), assimilando, deslocando, transvalorando os códigos que querem acorrentá-lo ao olho-do-visível. E se o nomadismo carnavalista faz tudo isso, é para se preservar no mesmo lugar – o da tensão fecunda entre o olhar-retina e a vibração daquele corpo com seus microolhos –, invulnerável ao monoteísmo do olho da *unidade despótica* d/g

E se você não caiu na sedução do macro-olho é porque nosso carnavalismo te protege, dando consciência da simulação: você sabe que a *verdade*, como declarava Oswaldo Costa, antropófago de certa fama, mas esquecido, nada mais é do que a *mentira muitas vezes repetida*. É que, como tudo α o que existe neste mundo, o Carnaval tem mesmo essas duas faces. De um lado, a face visível dos sambódromos – daqueles de concreto armado àqueles outros de estruturas desarmáveis –, com sua disposição hierárquica de lugares na platéia e seus camarotes especiais, seu aspecto de solenidade cívica, seus temas de enaltecimento da História do Brasil (muitas vezes, a oficial); face visível também da mídia, global ou não, com sua programação antiga, moderna ou pós-moderna de nossas imagens. De outro lado, a face invisível, seu (lado) ritual que acolhe e celebra a desterritorialização e a força criadora de desejo.

lg: É essa a tensão do carnavalismo do Carnaval, tensão que gera uma mistura de emoção social e emoção erótica que, *entre uma imagem e outra*, relativiza e ameaça a oficialidade do mundo. **O invisível torna-se tangível**, assim como se torna suportável tanto a finitude dos territórios quanto o ilimitado movimento que os desterritorializa. **O carnavalismo do Carnaval nos permite entender que finitas são as linhas da história do corpo extensivo, mas ilimitadas as linhas da geografia do corpo intensivo.** Em outras palavras, o carnavalismo do Carnaval nos deixa íntimos do caráter finito e ilimitado do desejo. E faz isso nos levando na dança do seu *minueto bárbaro e alado*, que consegue ser simultaneamente doce e arrebatador.

hc E o ritual coletivo que toma conta do País incorpora tudo: a mídia, o Estado e todos os corpos, inclusive dos que pensam só estar assistindo da arquibancada ou na TV e até daqueles que, irritados, não querem nem ouvir falar dele. **Ciclone dos corpos vibráteis em transe, arrastando tudo ao ritmo sincopado do samba. Arrastando você.**

7.10 O CARNAVAL TRAVADO PELA LÓGICA DO NEGATIVO

De repente você se abstrai desse enlevo e se sente um tanto bizarro. É que você se dá conta de que isso que está pensando sobre o Carnaval não evoca nada do que se costuma dizer sobre ele. Ao contrário, do senso mais comum ao mais sofisticado, do pensamento mais leigo ao mais especializado, nacional e internacional, o carnaval é frequentemente considerado o **negativo** das regras vigentes, referidas tanto ao comportamento sexual quanto ao social, às formas de sociabilidade hierarquizada entre as diversas classes e os diferentes setores, aos diversos territórios existenciais.

Costuma-se dizer que a função do Carnaval é transgredir para aliviar, periodicamente, a tensão provocada pela obediência forçada às regras. Catarse de massa que reequilibra as energias, fazendo com que tudo se conserve no mesmo lugar. E esse “negativo” tem várias versões: oculto ou latente, por oposição a manifesto; oprimido, reprimido

ou proibido, por oposição a permitido; pré-lógico ou ilógico, por oposição a lógico; irracional, por oposição a racional; espontâneo ou natural, por oposição a cultural; arcaico ou primitivo, por oposição a civilizado; tradicional, por oposição a moderno (até o conceito de “carnavalização” de Bakhtin, pelo menos na pena de alguns de seus discípulos, não conseguiu escapar inteiramente da marca dessa lógica do negativo. Isto é, aliás, tema de uma discussão que já rendeu muita polêmica, muito papel e muita riqueza de elaboração, inclusive no “pensamento brasileiro”, particularmente nas análises do próprio Carnaval. Foi, propositadamente, para desviar dessa conotação herdada pela lógica do negativo e da polêmica que se travou em torno disso, que adotei o termo “carnavalismo”).

No entanto, você considera que, independentemente da “versão de negativo” que se adota, **ver como negativo aquilo que difere das formas instituídas (sejam elas de esquerda, de centro ou de direita) é coisa do macro-olho.** Tomando-se o olho-do-visível como centro de referência de tudo, o máximo que se consegue vislumbrar daquilo que lhe escapa é um “não ser”; **olho dualista, olho moral, olho transcendental: olho ocidental.**

E você se pergunta se aquilo que se considera antítese das formas e regras não seria a **positividade do movimento aleatório de desterritorialização** daquelas mesmas formas e regras, desterritorialização operada pelo corpo vibrátil em suas andanças, que o olho-retina desconhece. E se é assim, o carnavalismo do Carnaval não deveria ser entendido como o negativo da lógica em geral, ou da dominante em particular, mas como o positivo de uma outra lógica, você pondera. Positividade da lógica do desejo em seus/nossos três movimentos: desterritorialização, simulação, territorialização.

Sabendo que o olho-do-visível só capta o terceiro movimento, você considera até interessante chamar o corpo vibrátil de “primitivo” ou de “arcaico”: *uma placenta que se leva consigo*, fonte de que se alimentam os mundos em gestação, condição *sine qua non* de contemporaneidade. Só que, nesse caso, a condição de arcaísmo do corpo vibrátil não se

dg

refere a uma etapa qualquer, anterior às formas que se vê.
d **O primitivo que se reatualiza no Carnaval é nosso “bloco de infância”,** como diz Deleuze, nosso “bloco de carnavalismo”, que nos mantém contemporâneos, e não nossa “cena da infância”, cultural ou pessoal, que estaria se desrecalcando.

E você vai mais longe: se é possível dizer que algo se desrecalca no Carnaval, certamente não se trata de uma forma de expressão que seria o negativo das formas autenticadas (teoria do Carnaval-descarga). **O que se desrecalca é a positividade de uma estratégia de formação de mundo, uma estratégia de desejo, uma estratégia de cultura, com toda a sua carga energética.** Isso acontece quando permitimos que os processos de subjetivação deixem de ter como condição a exclusão e o confinamento do corpo vibrátil. Ao contrário, é dele que tais processos passam a se alimentar. É quando sabemos que, inversamente, o corpo vibrátil não se efetua senão através de sua objetivação nas formas visíveis – e permitimos que o faça.

Em outras palavras, é quando **a forma é ponto de confluência desses dois tipos de “olhar” ou, mais precisamente, ponto de confluência do olho-do-visível e do corpo vibrante e seu olho-do-invisível.** Inclusive, é claro, a forma do sujeito: é dessa confluência que, alimentados pela placenta do corpo em invisível vibração, temos condições de nascer e renascer infinitas vezes, até que a morte nos separe desta vida. Diante dessa possibilidade aberta por nossos blocos de Carnaval ou de infância, fica claro para você que **os Narcisos não roubaram seu pedaço de placenta** – seja por que ficaram prisioneiros de seu reflexo nas paredes do útero da mãe, seja porque quando mais modernos e mais ricos foram diretamente conectados ao circuito fechado da mídia ou porque, quando ainda mais modernos e mais ricos, foram (e continuam sendo) amamentados por vídeos descartáveis, e nada além deles. **Tremendo de medo de tudo o que do mundo em seus corpos se inscreve e tachando de negativo o efeito de cada inscrição.** Diante da possibilidade aberta por aqueles nossos

blocos, de infância e/ou de Carnaval, esses Narcisos todos ficam tão ou mais grotescos do que um canastrão posando de grego numa pornochanchada. **Os Narcisos ficam por fora da vida.**

Você sente que pode encerrar aqui suas reflexões acerca do carnavalismo no Carnaval. No entanto, antes de interromper sua investigação sobre a estratégia carnavalesca-antropofágica-tropicalista, você tem vontade de realizar, agora, aquele seu velho sonho: mergulhar de cabeça e corpo vibrátil nos textos de Oswald e de alguns de seus comentaristas, na certeza de que encontrará ali uma fonte farta de materiais de expressão para você usar e abusar na composição da cartografia da antropófaga-em-nós em seus processos de subjetivação.

7.11 ANTROPOFAGIA, ENFIM

Da primeira a última linha você vai encontrando o que esperava, e até mais. Embora os textos tratem daquilo que chamam “antropofagia” de nossa estética, de nossa cultura, e não se ocupem, diretamente, da questão da subjetividade ou dos modos de subjetivação contemporâneos, é como se estivessem numa mesma sintonia. Aliviado, você se dá conta de que não está tão sozinho assim; além disso, a maneira como aqueles textos cartografam é tão precisa, tão criativa e, o que é melhor, tão cheia de humor, que eles funcionam para você como um potente fator de a(fe)tivação.

Oswald nos fala de um *antropófago tecnizado*, ou de um *homem natural tecnizado*, ou ainda de uma *sociedade industrial primitivada* – espécie de *composto híbrido* cujos ingredientes seriam primitivos mais as conquistas de nossa civilização técnica. Mas até aí Oswald não está cartografando nada. Você concorda com alguns de seus comentaristas em que, nesse ponto, ele se encerre inteiramente na sensibilidade das vanguardas de sua época: tanto na valorização futurista da vida moderna metropolitana, quanto na valorização do “primitivo”, conceito polêmico das vanguardas do começo do século. Inclusive na própria referência ao canibalismo,

oa
oa
oa oa

hc-b/c/r/b/s

que aparece em Jarry e nos dadaístas, com uma conotação desqualificadora do civilizado, numa espécie de niilismo onde a virtude está em ser o negativo do que somos. Em ser este suposto primitivo, mas de *uma nova sensibilidade* que transforma o bom selvagem em mau, leitura impregnada da visão dualista da lógica do negativo a que você se referia a propósito do Carnaval. É com essa visão que, para qualificar seu antropófago, Oswald nos fala em pré-lógico, irracional, próprio de um suposto homem natural, espontâneo e até negativo e antítese do civilizado. E tenta fazer uma antropologia para provar a cientificidade de sua tese do *primitivo tecnizado*. Nesse ponto, você teme, ele às vezes corre o risco de cair na cilada, colocando-se de bandeja no lugar desse primitivo idealizado que a Europa demanda, na medida em que afirma que somos esse negativo do civilizado. Corre o risco também de, na medida em que adota o pensamento europeu tal qual, cair na cilada de seus contemporâneos e conterrâneos acadêmicos, estes, sim, inteiramente identificados com aquele pensamento que tomavam como mapa, incapazes que eram de traçar cartografias.

Mas você se diz que isso tudo não tem muita importância, pois esses, certamente, não são os aspectos mais interessantes de Oswald. Até, pelo contrário, trata-se aí apenas de seu "lado doutor", que ele próprio denuncia (em si mesmo e em nós). Com delicioso humor, ele combate esse lado, apontando-o como uma síndrome típica de nossa cultura (síndrome de carência-e-captura, versão bacharel?), produzida por aquilo que chama de *Superego brasileiro*, versão nacional da *Moral dos escravos* com seus respectivos senhores. Moral que, você avalia, se caracteriza exatamente por recalcar o carnavalismo – fazê-lo definhir, subdesenvolvê-lo – pagando, por isso, o preço de uma deselegância e de uma falta de charme que às vezes chega a beirar o grotesco (o que não é o caso de Oswald, mesmo em seus momentos mais angustiantes e solitários).

No entanto, o que faz, para você, a força de Oswald, a marca de sua singularidade, não é apenas o fato de ter apontado para a existência real desse composto híbrido, desse

tenso amálgama de retínico-e-vibrátil, o antropófago tecnizado da cultura brasileira. É também o fato de tê-lo apontado como característica das mais vitais dessa cultura e, o que é mais importante, **ter-se prestado a ser o "cavalo" desse singular composto, objetivando-o em sua escrita**. Nela Oswald "recebia" os afetos que se inscreviam na atualidade do corpo vibrátil e, para encarná-los, sincretizava e transvalorava tudo o que lhe passasse pela frente. E aí, objetivamente, o primitivo deixa de ter o sentido moralista da época, que o próprio Oswald adota defensivamente quando baixa seu "lado doutor". *O primitivo passa a se definir basicamente, segundo ele, por três espécies de sentimentos: o sentimento órfico, o lúdico e o cordial.*

O primeiro seria *um sentimento religioso sem transcendência* ou um *ateísmo com Deus*, lembrando que Deus, aqui, como o próprio Oswald faz questão de frisar, é um *Deus de caravana metamorfoseado em Deus de caravela*, ou seja, **um Deus que pode até ser cristão desde que, como no Corcovado, de braços abertos sobre a Guanabara, ele esteja liberado da cruz**. Naquele monumento, dádiva dos franceses à cidade do Rio de Janeiro, é como se Deus tivesse se libertado do império romano ou "americano" do Brasil e de seu culto **ao privilégio-e-sacrifício**. É que *Deus* (os deuses), aqui, é *o outro*, o limite, o tabu – em suma, a própria desterritorialização. *Valor negativo que o antropófago transforma em valor positivo*. A suposta negatividade da desterritorialização (assim considerada pelo homem ocidental) é, para o antropófago, pura positividade: condição da criação de mundos. É a esse outro que Oswald se refere para definir a "cordialidade": capacidade de *constatar em si o desastre, a mortificação ou a alegria do outro*, constató-lo em seu corpo vibrátil, sempre vivo, sempre atualizado. Como "homem cordial", aquele que vibra invisível, ele sabe que não é senão efeito dessas inscrições do outro em seu corpo. Por isso, ele é insaciável: **vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado**. É por isso que acolhe o outro, cordialmente, e declara: *só me interessa o que não é meu; lei do homem; lei da Antropofagia*.

oa

oa

oa

oa oa

oa

oa

oa

oa

o-fn

oa

oa

É essa antropofagia, própria de nossa primitividade – placenta que carregamos como nascedouro de nós mesmos renovados, a cada vez que devoramos novos pedaços de mundo – **é essa antropofagia de nossa primitividade o que Oswald nos sugere resgatar e afirmar, como aquilo que temos de mais forte, mais vital e, por isso, mais precioso.** Uma estratégia de desejo e não uma suposta identidade cultural. Aqui, sim, você considera que Oswald faz uma Antropologia, no sentido forte do termo. **O homem brasileiro ele define não por um logos especificamente nacional, mesmo que múltiplo, mas, ao contrário, por sua “fagia”,** princípio que faz com que nunca sejamos os mesmos, e sim uma sucessão ilimitada de singularidades finitas, sempre contemporâneas. E é só isso, segundo Oswald, *o que nos une; socialmente; economicamente; filosoficamente.*

Nossa antropologia, passada pelo crivo de Oswald, revela-se como antropofagia e, com isso, você percebe, ela difere radicalmente das propostas nacionalistas. E você tem vontade de desenvolver essa sua própria percepção: é que Oswald consegue se desvencilhar do pensamento identitário, para pensar em termos de estratégia de produção do desejo, inscrevendo-se, assim, na sensibilidade do *pensamento nômade*, que ele compartilha com filósofos como Spinoza, Nietzsche e Deleuze e com os poetas, no sentido forte do termo, conhecidos ou não.

Você percebe que pela mesma razão Oswald difere radicalmente em sua reivindicação ético-política: para ele, urge dar voz ao seu/nosso “primitivo” corpo vibrátil, com seu necessário nomadismo. Isso faz você ousar dizer que Oswald propõe **uma espécie de abertura vital**, e você considera que esta é uma condição, inclusive, para que a tão falada “abertura” democrática não seja *uma planta exótica de difícil aclimação por estas paragens*, e que os visivelmente “oprimidos” possam de fato lutar contra sua inaceitável opressão. **Vigor de luta que vem do total desinvestimento da captura do desejo pelas centrais distribuidoras de sentido e valor.**

Você continua seu mergulho em Oswald. Descobre que ele vai mais longe ainda. Como o fizeram, de outras maneiras, aqueles seus cúmplices internacionais de pensamento nômade: ele afirma que só a *restauração tecnizada de uma cultura antropofágica resolveria os problemas atuais do homem e da filosofia.* É que, consciente de que a crise, já presente em sua época, não se reduz ao modo de produção da economia, Oswald apontava, como uma de suas causas principais, a crise do messianismo, o qual caracteriza, como ele explica, *as religiões de salvação e as filosofias de transcendência*, aquelas que alimentam uma vontade de infinito, a própria marca da síndrome de carência-e-captura, e o pavor do finito ilimitado que a caracteriza.

Você reconhece que, de fato, estamos, mais do que nunca, mergulhados num anticlímax messiânico: todas as figuras da *imagérie* da salvação – dos bolcheviques aos antibolcheviques, dos *happy-end* hollywoodianos aos ascetismos anticonsumistas e anti-industriais dos alternativos, naturais e integrais – todas essas figuras estão em ruínas. Viraram caricaturas. Você imagina que um antropófago diante disso só pode bater palmas e pedir bis até que não sobre pedra sobre pedra. Não por niilismo ou emoção apocalíptica, é claro: ao contrário, porque, como diz Oswald, talvez hoje seja *mística a porta que se escancara para elas (as massas) na história, mas na direção inflexível das realizações terrenas, desta terra, nesta terra, para esta terra. E já é tempo.* Você ousa dizer que, em outras palavras, o que Oswald propõe como posição para o corpo vibrátil e suas linguagens **é uma esperança sem qualquer espécie de sabor messiânico** (que hoje iria do pensamento rubro-apoteótico do amanhã triunfante ao pensamento *dark-apoteótico* do fim que não tarda, passando pelo verde-apologético da natureza perdida que está prestes a ser resgatada). E você acrescenta: uma esperança sem o parzinho perverso do fálico Narciso com sua histérica dando uma de vítima carente ou de trabalhadora acelerada para disfarçar sua carência até para si mesma. Sem o privilégio como critério norteador da existência, seja esse poder de quem for. Você

imagina que o tom dessa emoção seja mais ou menos como aquele que Caetano nos ofereceu no *show* e disco de 1987 que levam seu próprio nome. **Forte e suave: tom de fera ferida cicatrizada** e, por isso mesmo, **implacável em sua dignidade**. Fera cuja voz pode até, por vezes (quando falamos as cicatrizes), arranhar o céu como se veementemente dissesse: *sou o que soa, eu não douro pílula. É uma voz que não perdoa certos abusos das forças reativas, mas num timbre que não é nem de carrasco, nem de vítima. Sem lugar para ressentimento ou choro à toa, o corpo dessa fera, vibrante e invisível, evoca muita fantasia, pois sabe que a *ficção e a invenção são o próprio tecido da vida*. Só que esses seus sonhos, você acha bom lembrar, têm mais a ver com o divino-em-nós (aquele pedaço de imanência que se leva consigo) do que com qualquer espécie de terra prometida – por mais moderna, retrô ou pós. Sua suavidade tem mais a ver com a potência de renovação da vida (como a “nova suavidade” da primavera cantada pelos trovadores), do que com qualquer espécie de bálsamo para amenizar os efeitos da alergia ao finito ilimitado. **Sua suavidade não tem nada a ver com sentimentalismo**.*

Nisso residiria o recado brasileiro, como diz Haroldo de Campos, referindo-se à obra de outro carnavaquista famoso – este, neoconcreto nos 50 e criador de “Tropicália” nos 60, de onde se extraiu o nome do movimento: Hélio Oiticica. Nosso recado, para Oswald, *nada tem a ver com qualquer espécie de matéria-prima de exotismo, nem de especiarias estéticas para temperar o gosto europeu, mas com um instrumento de adaptação vital, uma sensibilidade reajustada à nossa escala de mundo moderno*. Em suma, uma estratégia para superar a crise, transmutando o homem messiânico em “antropófago tecnizado”, homem de uma sociedade industrial hiperdesenvolvida – sem dúvida e ainda bem – mas cujo *espírito se recusa a conceber o espírito sem o corpo* (vibrátil, é claro). Homem que acolhe cordialmente o finito ilimitado, e que por isso consegue *transpor o mistério e a morte, com auxílio de algumas fórmulas gramaticais*, pois dispõe, simultânea e indissociavelmente, de uma *consciência participante e de uma*

rítmica religiosa, rítmica sincopada do ilimitado movimento de mortes e ressurreições-relâmpago que o desejo maquina, quando consegue estar vivo. Homem cuja estratégia lhe permite ir tecendo um chão aéreo-e-invisível para seus saltos mortais/vitais das alturas entre um território e outro. **Suave-antropófago-em-nós**.

E você se pergunta se essa *terapia social do mundo moderno, esse programa de reeducação da sensibilidade* que Oswald realiza em sua escrita, seria sua resposta ao enigma da esfinge que guardava, solenemente, a entrada dos carnavalescos, naquela exposição. Ele o terá decifrado, descobrindo que *a vida é devoração pura* e que se recalcarmos a antropofagia, azar nosso, pois mais cedo ou mais tarde a esfinge acabará por nos engolir, já que nem só de antropófagos vive esta América brasileira. E quando a esfinge nos engole, demora muitos anos para sairmos de sua cadeia e desrecalcarmos os tempos em que ela pode ser encarada, frente a frente.

É que se nos apavoramos muito com a esfinge, somos capturados pelo território ou territórios que adotamos como essência – identidade una ou múltipla: pessoal, familiar, partidária, nacional ou midiática, tanto faz. A prisão da captura é como uma sala de espelhos que nos condena à cegueira do macroolho e sua pretensão de tudo controlar. Mas se Narciso-em-nós perde esse seu medo, é exatamente esta cegueira que o faz descobrir seu corpo vibrátil: nesse solene momento, além da sensibilidade de seu olho-do-visível, ele ganha a de seu corpo inteiro, vibrátil aos movimentos de toda espécie que o tocam. **Libera-se e se desrecalca em nós o amálgama de retônico-e-vibrátil**. Rompe-se o casulo – dele, nosso –, como naquela exposição.

Você imagina que, sabendo disso e querendo dar sua contribuição para esse programa intensivo de **desrecalcamento anticaptura** (*antiedipiano?*), Oswald nos presenteou com a palavra-senha “antropofagia”. Essa palavra, com a potência de uma *máquina de guerra*, **acaba com a desqualificação que envolve de vergonha o gesto carnavaquista, vergonha que o tornava tímido e, por isso, sub-**

desenvolvido, quando não inteiramente recalcado, o que o impedia de fecundar a "cultura" de nosso corpo vibrátil. A palavra "antropofagia" devolve ao gesto carnavalesco (ou lhe concede?) a autonomia necessária à sua expansão. Assim, essa palavra funciona como um "abre-te-Sésamo", que autoriza e libera o óbvio – o inscrito em nossa sensibilidade, nos cromossomos de nossa "alma de antropófagos", nosso bloco de infância. **O que ela descortina, com seu poder mágico, é um plano de consistência, potencialidade disponível na cultura brasileira** (e não só nela), potencialidade inteiramente óbvia mas que, infelizmente, só se atualiza de tempos em tempos. O mais frequente é recalá-la até que algo, em algum momento, rompa o cerco. É quando ela eclode e se impõe, vigorosamente, como um furacão. São esses, certamente, os momentos mais fecundos da cultura brasileira. Embora fugazes, eles ficam reverberando e, quando menos se espera, ressurgem vibrantes. O Movimento Antropofágico foi um desses surtos de desrecalcamento. O Movimento Tropicalista foi outro; momentos em que essa estratégia teve a coragem de se mostrar mais inteira e mais segura de si mesma.

E a coisa não pára nas fronteiras do Brasil: como você e eu fomos aos poucos descobrindo, essa estratégia revela-se como uma posição possível diante dos impasses da subjetividade contemporânea, uma posição que não apresenta a síndrome de carência-e-captura. Talvez seja até esse "possível" a principal causa do fascínio que o Brasil vem exercendo sobre estrangeiros (é impressionante a avalanche de intelectuais que nos têm visitado): **um fascínio que nada mais tem a ver com o exótico – seja da paisagem, seja dos nativos** (ainda que muitos continuem nessa sintonia).

Se for "isso", você e eu supomos, é muito simples a fórmula da *vacina antropofágica*, chave de uma profilaxia para o contemporâneo: basta deixar o óbvio passar... **E toda Antropofagia é pouco para administrar os afetos desta nossa crise.**

Você amigo, para bom
entendedor meia palavra basta
(apesar de eu ter me desdobrado
aqui numa encurrada de pale-
stras, mas é porque não sei fazer
de outro jeito). Acho que está na
hora de você trazer tua expedi-
ção de volta ao Brasil. Gostaria
que estivesse aqui para pensarmos
juntos essa cartografia senti-
mental, tão intensa neste mo-
mento.

Vê se me escreve logo,
Carinho,
Sueley

Últimas anotações no diário do cartógrafo: ele, agora, quer redescobrir a “América” no Sul

A carta-ensaio da noivinha chega às mãos do cartógrafo num momento em que está farto dos *índices de cansaço* que sente à sua volta. Farto de ter que ficar fazendo estardalhaço para mover os corpos vibráteis adormecidos do país em que se encontra. **Farto do declínio do império americano-em-nós**, tanto na versão celibatária (do depressivo *dark* ao entusiasmado *yuppie*), quanto na versão conjugal das noivinhas modernas e seus maridos garantidos.

Na medida em que lê a carta vai sentindo vibrar em seu corpo um caloroso sopro dos ventos do Sul. Tem vontade de se deixar levar pela força motriz daqueles ventos. Sente emergir em si o tal fascínio dos estrangeiros pelo Brasil, de que fala a amiga noivinha na carta. E concorda com ela: esse seu fascínio nada tem a ver com o eventual exotismo dos nativos ou das paisagens. Ao contrário, tem a ver com algo que já vislumbrava quando passou aqueles agitados meses no País. Algo que, na época, era um tanto vago mas que, agora, promete se esclarecer. **É como se aquele país juntasse num só homem o americano-em-nós (com sua alta tecnologia de visível) e o antropófago carnalista (com sua sensível intimidade com o invisível):** historiador e geógrafo ao mesmo tempo. E tudo isso regado com algumas doses – às vezes exacerbadas, ele reconhece – de dramalhão latino.

Avaliando a mistura de que é feito tal homem, o nosso cartógrafo tem a impressão de que todos os seus componentes saem ganhando:

- O americano-em-nós, em seu **dever antropófago**, tem mais chances de escapar à síndrome de carência-e-

am

captura, pelo fato de ganhar certa intimidade com a desterritorialização e com o caráter finito ilimitado de nossa condição desejante; e em seu devir dramalhão latino, tem mais chances de escapar à frieza de sua subjetividade dissociada.

- Já o latino-em-nós, em seu **devir americano**, tem mais chances de enxugar seus excessos, seu sentimentalismo, e ganhar certa dose de sobriedade, indispensável à conquista de autonomia; e em seu devir antropófago ele ganha a dose de humor que lhe faltava para equilibrar seu dramalhão.
- O antropófago-em-nós, em seu devir americano, perde seu estigma de subdesenvolvido e ganha a possibilidade de se impor, vigoroso. A possibilidade, apenas... É que o cartógrafo sabe que o jogo é duro e que *nunca se está "curado" de nada*, ainda mais na situação deste *capitalismo selvagem, entre esqualido e opulento*, no qual, ao que parece, tanto a miséria de quase todos quanto a falta de dignidade dos poucos que dirigem o país chegou a um limite impensável. Ele sabe também que todas as micropolíticas coexistem, ativadas ou não, e há muitos que, embora com estilos variados, adotam como princípio de existência as **forças reativo-radioativas** do que em psicanálise se costuma chamar de "pulsão de morte" e, em ecologia, de "devastação". A impressão que ele tem é de que **conta muito nessa corrida conseguir desinvestir tais forças**. Desinvestir aquela terrível síndrome de carência-e-captura: **desinvestir, antes de mais nada, a vítima-em-nós**, seja qual for seu estilo e, com isso, desativar também seu cruel parceiro e o contrato de perversão que ambos alimentam. Tudo ao mesmo tempo, num sutil deslocamento do corpo vibrátil. E o cartógrafo ousa ir mais longe: para ele, os vírus de todas as espécies que andam assolando o planeta, levando as pessoas *embora por safras, pegam principalmente os corpos vibráteis que se posicionem como vítimas...* Ele acredita nisso. **Talvez seja justamente na "fé" que o cartógrafo cultivava em**

g
ab

m
x/s

relação às forças ativas que reside seu mito, seu ponto-cego, sua ingenuidade. Mas isso ele nunca poderá saber ou, se um dia souber, é porque terá certamente desenvolvido um outro mito e um novo ponto-cego. Lhe estará escapando. O que dá, isso sim, para saber, é que é com esse tipo de sensibilidade ético-estético-política que ele encara o desejo. É também com essa sensibilidade que encara a desterritorialização das noivinhas e de suas relações afetivo-eróticas.

O cartógrafo acha que suas amigas estão vivendo uma virada bastante significativa. Revendo tudo aquilo que acompanhou de seus processos de mudança, desde o início da expedição até agora, ele tem a impressão de que quando elas viraram as costas ao território doméstico-familiar e desinvestiram o complexo de esposa-e-amante, em torno dos anos 60 e 70, o que buscavam era uma "relação mais inteira", "mais transparente", na qual homem e mulher pudessem conviver "harmoniosamente", a salvo do inferno conjugal que conheceram em suas famílias. Para isso fizeram rupturas radicais, inventando, na marra, cartografias que em nada lembrassem aquelas que agora repudiavam. Como ousadas trapezistas, deram saltos – às vezes, mortais – sobre o abismo de linguagem.

No entanto, o processo de desterritorialização dos afetos de seu eu de noivinha não seguia o mesmo ritmo. Embora seus eus daquela que-gora-e-descola e da resistente-em-nós já estivessem prontos, elas não dispunham ainda da total desterritorialização dos afetos da noivinha para viver esses seus novos eus. Dois níveis de movimento, dois processos, dois *timings*. É como se estivessem precisando descobrir na própria pele de seu "amor" supostamente descolado, e que nem por isso alcançava qualquer espécie de transparência, que o problema era exatamente o de colocar a questão em termos de "inteirice ou não": falso problema. **É como se tivessem precisado descobrir que o problema era exatamente sua ilusão de, algum dia, encontrar tal transparência;** exatamente sua vontade de encontrar o todo e, para isso, passar sua vida a reivindicá-lo e a fugir do

confronto com a diferença em nada simétrica e complementar entre homens e mulheres, do confronto com a dinâmica desta disparidade em nada harmoniosa. Em outras palavras, **o problema era estarem em cheio na síndrome de carência-e-captura, versão "amor romântico", em suas relações erótico-afetivas com os homens.**

Pelo que o cartógrafo foi sentindo através das cartas da noivinha, de certo modo, nesses últimos anos, sua amiga retomou afetos abandonados daquelas antigas cartografias e vem realizando, aos poucos, uma verdadeira ruptura com seu velho eu de noivinha. O cartógrafo acha que está compreendendo a suposta regressão, nos anos 80, ao padrão patriarcal-monogâmico do território doméstico-familiar, de que tanto se fala. Ele tem a impressão de que, mais do que uma regressão, se trata de um processo de elaboração dos afetos de noivinha que haviam sido bruscamente abandonados. É como se tivessem sido necessários vinte anos para poder revisitar tais afetos sem o horror que aquele modelo causava na época; vinte anos de vivência de desterritorialização e invenção de novos territórios, para perder o medo.

Na última carta, o que o cartógrafo sente é que agora está se realizando um processo de desterritorialização que engloba todos os níveis; que as noivinhas estão podendo deixar de ser predominantemente histéricas, *deixar de reivindicar a mesmice do homem* como promessa de estabilidade de territórios e de confinamento da alteridade – em suma, as noivinhas estão deixando de ser, fundamentalmente, “noivinhas”; que também seus pretendentes estão podendo deixar de ser predominantemente fóbicos *na busca da alteridade que lhes escapa*, ou seja, os homens estão deixando de ser, fundamentalmente, “maridos”. No mínimo, estão sendo, ambos – homem e mulher –, cúmplices na vontade de desinvestir tais cartografias, generosos um com o outro tanto no sucesso quanto no fracasso desse seu infundável empreendimento: parece que estão podendo **encarar sua radical diferença como fonte de uma tensão propulsora do desejo, a própria fonte da erotização.** Estão podendo suportá-lo com menos desespero. O cartógrafo acredita que

suas forças ativas estejam *compondo variações infinitas de acordes e acordos*, infinitas maneiras de lidar com dissonâncias e desacordos. Novos territórios parecem estar se criando. jw

Em todo caso, é porque acredita nisso que sua *história trágico-marítima* não pára por aqui. O cartógrafo quer, agora, conhecer melhor o carnavalismo; quer conhecer, de perto e ao vivo, esse homem antropofágico; quer, principalmente, fruir do campo que criou com sua amiga noivinha em todos esses anos. oa

A decisão: aceitar a sugestão da amiga.

E a expedição parte novamente rumo ao Brasil.

Relatório final

1 LISTA DE NOIVINHAS CARTOGRAFADAS

(25 METAMORFOSES, POR ORDEM DE DESCOBRIMENTO/
INVENÇÃO)

- a aspirante-a-noivinha
- a aspirante-a-noivinha-que-vinga
- a aspirante-a-noivinha-que-gora
- a que-gora-e-gruda
- a que-gora-e-descola
- a esposa-em-nós
- a amante-em-nós
- noivinha melancólica & seus pretendentes fóbicos
- noivinhas históricas & mídia perversa
- a que-gora-e-resiste ou a resistente-em-nós
- a *hippie*-em-nós
- a militante-em-nós
- a tropicalista-em-nós
- o coronel-em-nós
- a senhora-que-gora-e-gruda
- a resistente-em-nós traumatizada
- a que-se-descola-no-exílio
- a liberada-em-nós
- a mulher independente
- a alternativa-em-nós
- a feminista-em-nós
- a dândi-pós-moderna ou a *yuppie*-em-nós
- Narciso-em-nós
- a antropófaga-em-nós
- o cartógrafo-em-mim

2 SÍNDROMES

SÍNDROME DE CARÊNCIA-E-CAPTURA

- a) Captura por mapa único e imutável:
- escolhido por valor de passado
 - captura pela família ou pela empresa doméstico familiar (versão familialista)
 - captura pela “identidade cultural” (versão nacionalista)
 - captura pela “vida natural” (versão alternativa)
 - captura pelo discurso acadêmico (versão cientificista, também chamada de “lado doutor” ou “superego bacharelesco”)
 - escolhido por valor de futuro
 - captura pelo “amor” (versão romântica)
 - captura pela revolução (versão militante)
- b) Captura por mapas múltiplos e mutáveis, escolhidos por seu valor de mercado (versão mídia)
- noivinhas históricas & mídia perversa
 - captura moderna dos anos dourados
 - captura pós-moderna dos anos pós-dourados

SÍNDROME DE EXÍLIO-E-ESQUECIMENTO

SÍNDROME DE EXÍLIO-E-REMEMORAÇÃO CONTÍNUA

3 COMPLEXOS

Detectou-se apenas um, o Complexo de Édipo.

- a) Édipo antigo de família
- empresa doméstico-familiar
 - complexo de esposa-e-amante (variante específica: complexo de casa-grande-e-senzala)
- b) Édipo moderno de comunidade (atualmente desativado)

4 TRAUMAS

Detectou-se apenas um: efeitos da ditadura na alma da resistente-em-nós.

5 IMPÉRIOS, CONTINENTES E PAÍSES

- “América” ou América-em-nós: qualquer lugar do planeta cujo modo de produção do desejo dominante seja a síndrome de carência-e-captura, versão mídia. Seu habitante, o americano-em-nós, é um indivíduo abstrato, narcísico e dissociado.
- Império católico-romano: qualquer lugar pré-“americano” do planeta cristianizado, palco de dramalhão latino. Seu habitante é o latino-em-nós.
- América católica do sul: América da casa-grande. Seus habitantes – o coronel-em-nós e sua senhora-que-gora-e-gruda – são “pessoas”.
- “América” no Sul: América antropofágica que mistura em nós todas as outras (a do império católico-romano, a do império “americano” e, também, a das tribos africanas e indígenas). Seu habitante, o antropófago-em-nós (também conhecido por carnalalista), pareceria escapar à síndrome de carência-e-captura. Tal hipótese deverá, todavia, ser confirmada ou refutada em pesquisas futuras.
- América ou, mais especificamente, América do Norte: nome de um continente, em geral utilizado para designar um país (os Estados Unidos da América do Norte, EUA ou USA).
- América do Sul: nome de um continente.
- Brasil: país da América do Sul e no Sul.

6 CIDADES (POR ORDEM DE DESCOBRIMENTO/INVENÇÃO)

- Cidade-piloto
- Rio de Janeiro
- São Paulo
- Cidade da Califórnia

- Londres
- Paris

7 ESTRANGEIROS DEVORADOS (POR ORDEM ALFABÉTICA DAS INICIAIS)

SOLITÁRIOS

<i>Antonin Artaud</i>	aa
<i>Alfredo Bosi</i>	ab
<i>Augusto de Campos</i>	ac
<i>Antonio C. Ciampa</i>	acc
<i>Alain Finkielkraut</i>	af
<i>Alfred Hitchcock</i>	ah
<i>Ana Lucia Lutterbarch Rodrigues</i>	al
<i>Alain Resnais</i>	ar
<i>Maurice Blanchot</i>	b
<i>Beatriz Aguirre</i>	ba
<i>Benedito Nunes</i>	bn
<i>Isaac Bashevis Singer</i>	bs
<i>Robert Castel</i>	c
<i>Cazuza</i>	ca
<i>Contardo Calligaris</i>	cc
<i>Capinam</i>	cp
<i>Caetano Veloso</i>	cv
<i>Gilles Deleuze</i>	d
<i>David Hayman</i>	dh
<i>Emile Brehier</i>	eb
<i>Erasmo Carlos</i>	cc
<i>Eliane George</i>	eg
<i>Scott Fitzgerald</i>	f
<i>Friedrich Nietzsche</i>	fn
<i>Fernando Segolin</i>	fs
<i>Félix Guattari</i>	g
<i>Gregory Bateson</i>	gb
<i>Glauber Rocha</i>	gr
<i>Gabriel Tarde</i>	gt
<i>D. H. Lawrence</i>	hl

<i>Henri Bergson</i>	hb
<i>Haroldo de Campos</i>	hc
<i>Henry Miller</i>	hm
<i>Ilya Prigogine</i>	ip
<i>Isabelle Stengers</i>	is
<i>Jean-Claude Bernardet</i>	jcb
<i>Joyce MacDougall</i>	jd
<i>Jurandir Freire Costa</i>	jfc
<i>Jean-Luc Godard</i>	lg
<i>Jack Kerouac</i>	jk
<i>John Lennon</i>	jl
<i>José Sarney</i>	js
<i>José Miguel Wisnik</i>	jw
<i>Lucrecio</i>	l
<i>Jacques Lacan</i>	la
<i>Luis Benedito Orlandi</i>	lbo
<i>Laymert Garcia dos Santos</i>	lg
<i>Luis Roberto Salinas Fortes</i>	lrs
<i>Marco</i>	m
<i>Mauro de Almeida</i>	ma
<i>Marshall Berman</i>	mb
<i>Mikhail Bakhtin</i>	mba
<i>Miriam Chnaiderman</i>	mc
<i>Michel Foucault</i>	mf
<i>Maria Lucia Santaella</i>	mls
<i>Maria Rita Kehl</i>	mrk
<i>Mara Selaibe</i>	ms
<i>Marcel Proust</i>	mp
<i>Nelson Brissac</i>	nb
<i>Néstor Perlongher</i>	np
<i>Oswald de Andrade</i>	oa
<i>Oswaldo Costa</i>	oc
<i>Orna Messer</i>	om
<i>Claire Parnet</i>	p
<i>Pierre Duhem</i>	pd
<i>Pascal Bruckner</i>	pb
<i>Paul Veyne</i>	pv
<i>Roberto Carlos</i>	r

Rogério da Costa	rc
Regina Favre	rf
Renato Janine Ribeiro	rj
Roberto Loeb	rl
Roberto da Matta	rm
Rosana de Oliveira	ro
René Thom	rt
Baruch Spinoza	s
Sigmund Freud	sf
Sonia Junqueira	sj
Maria Silvia Pinto	sp
Severo Sarduy	s
Tom Jobim	tj
Toni Negri	tn
Torquato Neto	t
Cláudio Ulpiano	u
Victor Goldsmith	vg
Virginia Woolf	vw
Waly Salomão	ws
Xina Smith Vasconcelos	wv

DUPLAS

Gilles Deleuze e Félix Guattari	d/g
Gilles Deleuze e Claire Parnet	d/p
Alain Finkielkraut e Pascal Bruckner	f/pb
Félix Guattari e Suely Rolnik	g/s
Gilberto Gil e Torquato Neto	gg/t
Laymert G. dos Santos e Suely Rolnik	l/s
Ilya Prigogine e Isabelle Stengers	ip/is
Roberto Carlos e Erasmo Carlos	r/e
Rosana de Oliveira e Maria Silvia Pinto	ro/sp
Xina Smith Vasconcelos e Suely Rolnik	x/s

TRIOS

Gilberto Gil, Torquato Neto e Capinam	g/t/cp
---------------------------------------	--------

ESTRANGEIROS QUE HAVIAM DEVORADO OUTROS

a) Solitários

• Devorados por Gilles Deleuze:	
Isaac Bashevis Singer	d-bs
Scott Fitzgerald	d-f
Friedrich Nietzsche	d-fn
Michel Foucault	d-mf
Pierre Duhem	d-pd
Baruch Spinoza	d-s
• Devorado por Gilberto Gil:	
John Lennon	gg-jl
• Devorados por Haroldo de Campos:	
Boccioni, Carrà, Russolo, Balla e Severine	hc-b/c/r/b/s
• Devorado por Laymert Garcia dos Santos:	
Roberto da Matta	lg-rm
• Devorado por Mara Selaibe:	
Virginia Woolf	ms-vw
• Devorados por Oswald de Andrade:	
Nietzsche	o-fn
Freud	o-sf
• Devorado por Paul Veyne:	
Michel Foucault	pv-mf
• Devorado por Rogério da Costa:	
Henti Bergson	rc-hb
• Devorados por Cláudio Ulpiano:	
Emile Brehier, Victor Goldsmith	u-eb/vg
Gabriel Tarde	u-gt
Baruch Spinoza	u-s

Rene Thom u-rt
Victor Goldsmith u-vg

b) Duplas

• Devorados pela dupla *Gilles Deleuze/Félix Guattari*:
Antonin Artaud d/g-aa
Gregory Bateson d/g-gb
Michel Foucault d/g-mf

ESTRANGEIROS QUE HAVIAM DEVORADO OUTROS, QUE,
POR SUA VEZ, HAVIAM DEVORADO OUTROS AINDA...

a) Solitários

• *Gilles Deleuze*:
que devorou *Michel Foucault*
que devorou *Friedrich Nietzsche* d-mf-fn

• *Cláudio Ulpiano*
que devorou *Gilles Deleuze*
que devorou *Baruch Spinoza* u-d-s
que devorou *Gabriel Tarde*
que devorou *Baruch Spinoza* u-gt-s

b) Duplas

• *Gilles Deleuze/Félix Guattari*:
que devoraram *Friedrich Nietzsche*
que devorou *Baruch Spinoza* d/g-fn-s
que devoraram *Baruch Spinoza*
que devorou *Lucrecio* dg-s-l

8 EQUIPAMENTOS E SEUS USOS

EQUIPAMENTOS BÁSICOS

• Câmara e projetor
Para acompanhar as noivinhas em seus movimentos visíveis
de desejo.

• Fator de a(fe)tivação variável
Para acompanhar as noivinhas em seus movimentos invisíveis
de desejo.
• Diário de bordo
Para registrar as cartografias que vão sendo descobertas/
inventadas ao longo da expedição. É o que permite ao
cartógrafo prosseguir viagem.
• Manual do cartógrafo

a) Critério

Grau de intimidade que cada um se permite, a cada
momento, com o caráter finito ilimitado da condição
humana desejante.

b) Princípio

Princípio extramoral: a expansão da vida. Espécie de
antiprincípio.

c) Regra

Nunca esquecer que há um limiar de desterritorialização
possível a cada momento de cada existência.

d) Roteiro de indagações usado na presente expedição:

1º) Que linhas do desejo predominam na existência que
está sendo cartografada? Qual a relação entre as linhas?

2º) Com que estratégias o desejo, aqui, se enrola contra si
mesmo, criando emboscadas contra o livre movimento de
uma ou duas de suas linhas? Com que estratégias o desejo
transmuta força ativa em força reativa contra seu próprio
movimento de expansão? Com que estratégias, por exemplo,
se neutraliza aqui o corpo vibrátil fazendo com que o fluxo
dos dois primeiros movimentos do desejo sejam inteiramente
ignorados?

3º) A que principais perigos tais estratégias expõem esta
vida? E as que lhe são próximas?

4º) O quanto esta vida se angustia com as estratégias de sabotagem que ela própria cria? Quanto ela quer, realmente, desfazer-se disto?

5º) Se ela realmente o quer, como ajudá-la a frustrar, despistar tais estratégias?

6º) A quantas anda a primeira linha desta vida? O quanto ela acolhe seus outros – corpos, não só humanos – que vai encontrando pelo caminho, portadores prováveis de sua desterritorialização? O quanto ela é cordial? Em outras palavras, quanto esta vida se mistura, se é que se mistura? O quanto ela faz agenciamentos e de que tipo? **De que afetos ela é capaz?**

7º) Que encontros a entristecem, ameaçando sua potência, e que outros a confirmam? **Quais são os seus alimentos e quais os seus venenos?** (nunca esquecer que aquilo que funciona como alimento para um aspecto daquele corpo pode ser veneno para outro, e vice-versa).

8º) Que intensidades estão pedindo sentido, que rupturas pedindo língua para a criação de territórios? Ou seja, quais os **índices de suas desterritorializações atuais?**

9º) **Que saídas dá para inventar** neste contexto? De que elementos se dispõe aqui para criar uma cartografia e dar sentido para as intensidades que estão pedindo passagem? Ou seja, como ajudá-las a construir, para seus afetos, um plano de consistência no qual eles possam tomar corpo, se efetuar?

10º) E se isso é possível, qual o preço dessa mudança para si mesmo? E para as vidas que lhe são próximas? O quanto dá para esta vida se desterritorializar nesse momento, sem que corra o risco de se ver demasiadamente fragilizada?

11º) Que relação há nesta existência com o finito ilimitado? O quanto ela se permite esse tipo de intimidade com a vida? Ela sonha ficar mais íntima desse seu inexorável movimento?

12º) E se sonha, como pode conseguir realizar esse sonho sem que, contudo, sua integridade se veja ameaçada?

13º) Esta existência apresenta ou não a síndrome de carência-e-captura? Se a resposta é positiva, como se define, neste caso, a carência e quais são as representações de completude que, uma vez investidas, propiciam a captura? Que cenas imaginárias impedem, aqui, a expansão dos afetos na formação de novas cenas que permitam sua real efetuação?

14º) Em que este modo de produção do desejo e os universos que ele cria se inserem em movimentos coletivos de desterritorialização e territorialização da atualidade? Que pistas tal modo nos dá de correntes atuais de sensibilidade? Em que outros campos sua transversalidade pode gerar sentido?

EQUIPAMENTOS ADICIONAIS

- Discos e fitas
- Filmes e vídeos
- Livros, revistas e jornais
- Conversas gravadas na memória ou em fitas cassete

Notas de Encerramento

*Não há senão palavras inexatas,
para designar algo exatamente.*

Gilles Deleuze e
Clarice Parnet,
Dialogue

I PANORÂMICA (OU MAPA)

Este texto se divide em duas partes. Dois livros, independentes e interdependentes. Duas temperaturas, dois movimentos, duas sintonias. Dois estilos.

LIVRO UM

Na primeira parte o que quero é **compor uma concepção de desejo.**

Desejo como processo de produção de universos psicossociais; o próprio movimento de produção desses universos. Desejo como movimento de atualização de novas práticas e novos discursos e desatualização de outros, obsoletos. Atualização e desatualização de territórios com suas cartografias. Diferentes estratégias de tais movimentos.

Desejo como dimensão do poder (distinta e tão importante quanto a das relações de dominação): refiro-me às **técnicas de subjetivação**. Diferentes estratégias do movimento de atualização e desatualização de universos psicossociais, diferentes técnicas de subjetivação: **micropolítica**.

O que quero, ainda, neste Livro Um, é desenhar o perfil de um cartógrafo para a atualidade. Perfil que vai se esboçando ao mesmo tempo que se compõe uma concepção de desejo. **A temperatura deste primeiro livro é amena.** Tudo vai surgindo do encontro dos corpos de um homem e uma mulher. Embora o que está havendo seja um desencontro,

vamos acompanhando tudo, passo a passo, com a ajuda de uma câmara e, depois, de um fator de a(fe)tivação que você próprio escolhe. Vamos acompanhando as linhas de devir das “noivinhas” que se desmancharam. Vamos acompanhando.

O movimento é ritmado. Pode-se dizer que ele é sereno. É como se o cartógrafo e sua concepção de desejo estivessem “formados”. **A sintonia é teórica.** Embora os conceitos nasçam do que se engendra no encontro dos corpos que nosso olho vibrátil acompanha, há uma espécie de mundo organizado de definições.

LIVRO DOIS

mp Na segunda parte, o cartógrafo, já formado, sai *em busca do tempo perdido*, tempo daquele desencontro que acompanhamos no primeiro livro e que, agora, ele quer cartografar em detalhe. **Tempo de desterritorialização das “noivinhas”.**

Retomando o destino daquele desencontro, ele cartografa desde o casal do tipo doméstico-familiar que, apesar de tudo, insiste, até as composições e recomposições das alianças amorosas entre homens e mulheres. Ele acompanha as noivinhas em todos os seus dramas e suas invenções. Durante sua expedição ele sofre acidentes. O golpe militar é um deles. Ele acompanha também a “reparação” dos estragos e a reconquista da potência; conhece feridas e cicatrizes. Inevitável.

Por isso **a temperatura deste segundo livro é instável.** Há momentos de calores intensos, de tempestades e até de dilúvios. Outros, de muito frio. Mas há também momentos de frescor e alegria.

O movimento é convulsionado. É que se trata de intensidade em estado puro ou bruto. Palavras que nascem diretamente dos afetos revisitados – ou visitados pela primeira vez, em se tratando de fisgá-los com palavras. É um *rough draft*, um rascunho rústico do tempo. **Não há por que limpar as marcas.** Não há por que esconder o desatino, o desespero e deixar apenas os sinais de calma e esperança.

A sintonia é teórico-pragmático-poética. Sintonia cartográfica. É que se trata da biografia de uma “geração”: a que teve sua primeira experiência coletiva intensa nos anos 60. Não a visão dos fatos, estes mais do que passados e repassados. Mas a audição das intensidades, a vibração dos fluxos: no corpo. Registro daquilo que se passou no invisível – o que não é feito de imagens, que não pode ter testemunha ocular – e que nem por isso é menos presente e violento do que o que se passou no visível. Uma outra espécie de presença e de violência. Presença e violência do corpo vibrátil da noivinha-em-mim, em tantos amigos e conhecidos e em outros tantos desconhecidos. História invisível, ou melhor, geografia. Melhor ainda: uma **cartografia sentimental.** (É bom lembrar que “sentimental” aqui não tem a ver com sentimento e muito menos com sentimentalismo, embora tanto o cartógrafo quanto suas amigas noivinhas, ao longo da expedição, tenham resvalado muitas vezes para uma indisfarçável pieguice. *Faz parte de seu show*, do *show* de seu personagem de dramalhão latino, a cada vez que este põe as mangas de fora e tenta roubar a cena. **O “sentimental” aqui tem mais a ver com afeto:** cartografia do afetar e do ser afetado dos corpos vibráteis de uma geração. Devir desses corpos.)

O estilo é narrativo. Trata-se de um roteiro, inventado ao mesmo tempo que os territórios, as pontes e as paisagens que foram sendo percorridos; ao mesmo tempo que as **personagens, fictícias e mais do que reais;** ao mesmo tempo. Por se tratar de um mergulho nas intensidades do passado para ressignificá-las no presente, é impossível falar disso tudo impassível e comportadamente. É assim; pelo menos por ora.

II DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES

1 O que quer o cartógrafo?

O que o cartógrafo quer é se envolver com a constituição de amálgamas de corpo-e-língua. Constituição de realidade.

2 Como faz o Cartógrafo?

Para realizar sua intenção, o cartógrafo papa matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Nesta expedição, por exemplo, para traçar suas cartografias, foi se aproximando de tudo o que encontrava pelo caminho, assim como também daquilo de que se lembrava. No livro *Um*, roubou muito de Deleuze e Guattari, mas não só deles. Aliás, através deles mesmos, roubou muitos outros. Além do que, os tratou como lhe parece que gostam: devorando-os, miscigenando-os, antropofagicamente, a outros (não só textos e nem só teóricos). Já no Livro *Dois*, eles estão tão digeridos e o cartógrafo tão tomado por outras correntes, que novas misturas se fazem e se *liberam novas linhas*, novas direções. O cartógrafo é, de fato, um antropófago-em-nós (ou pelo menos é o que ele tenta ser).

Obedecendo aos procedimentos e aos princípios básicos do cartografar, o estilo procura realizar a vontade de expandir os afetos, de navegar com o movimento e de devorar os estrangeiros para, através das misturas, compor as cartografias que se fazem necessárias.

3 Por que “noivinhas”?

Do começo ao fim, atravessando os livros *Um* e *Dois*, encontram-se presentes as “noivinhas”, vivendo novas aventuras a cada passagem do texto. Não é por acaso. É que se trata dos processos de desterritorialização da subjetividade (e, indissociavelmente, das práticas e discursos) que ganharam, a partir de um certo momento (em torno da instalação da mídia e, mais ainda, da informatização do planeta), uma velocidade nunca antes conhecida e que se acelera cada vez mais. E nisso tudo as mulheres são das que mais se desterritorializam. Seriam de duas ordens as possíveis explicações para esse fato. A primeira é que o **feminino-em-nós, homens e mulheres, é a desterritorialização por excelência**, e a introdução do modo de

produção do desejo vigente veio intensificar ainda mais essa deriva, intensificar a **sensação de terremoto que daí advém e que frequentemente abala os territórios da alma**. A segunda é que as mulheres, estas concretas, passaram não só, como os homens, para a condição de trabalhadoras livres, mas, ainda por cima, para a condição de trabalhadoras fora de casa, na vida pública, situação que desconheciam. **Não há mulher alguma no planeta, hoje, que não saiba da euforia mas também da dor dessa mutação**.

“Noivinhas”, por fim, porque, com essas mutações, as relações amorosas entre homens e mulheres, especialmente, sofreram e ainda sofrem grandes abalos. Todas as cartografias estão ultrapassadas: a noivinha aqui é figura emblemática deste processo. Novos territórios vão se criando, múltiplos e desconhecidos; aos poucos esta criação surge não mais da oposição entre homens e mulheres, mas de tentativas de uma nova cumplicidade, em construção contínua.

Estas são, basicamente, as razões da presença marcante das noivinhas: é uma questão de prioridades e urgências da problemática da subjetividade sentidas no corpo vibrátil da noivinha-que-gora-em-mim – noivinha-que-gora-em-nós, homens e mulheres.

Referências bibliográficas dos estrangeiros

LIVROS

- ANDRADE, Oswald de. Memórias sentimentais de João Miramar/ Serafim Ponte Grande. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1972, v. 2.
- ANDRADE, Oswald de. *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, v.6.
- ANDRADE, Oswald de. *Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- ANDRADE, Oswald de. Artigos na Revista de Antropofagia, reedição da *Revista Literária* publicada em São Paulo, 1ª e 2ª "dentições" (1928-29). São Paulo: Abril/Metal Leve, 1975.
- ANDRÉAS-SALOMÉ, Lou. *Frédéric Nietzsche*. Paris: Gordon & Breach, 1970.
- ARIES, Philipe. *Historia social da criação e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.
- ARIES, Philipe & BÉJIN, André, [org]. *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- AULAGNIER, Piera. *La violence de l'interprétation*. Paris: PUF, 1975.
- AULAGNIER, Piera. *Os destinos do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Seuil, 1975.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. *La femme rompue*. Paris: Gallimard, 1967.
- BEZERRA, Paulo. O carnaval na literatura, *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 04 mar. 1984. Folhetim.
- BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.
- BLANCHOT, Maurice. *L'amitié*. Paris: Gallimard, 1971.
- BOONS, Marie-Claire. *De la seduction entre les hommes et les femmes: une approche lacanienne*. Paris: 1986 (inédito).
- BOONS, Marie-Claire; BRISAC, Tessa; KERHERVÉ, Annick; ROUSSEL, Marie-Jo; VIENNOT, Eliane. *C'est terrible, quand on y pense*. Paris: Galilée, 1983.

BOSI, Alfredo [org]. *Cultura brasileira* – Temas e situações. São Paulo: Ática, 1987 (Fundamentos).

BRISSAC Peixoto, Nelson. *Cenários em ruínas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAMPOS, Augusto de. Resvistas re-vistas: os Antropófagos. Intr. à ed. Fac-similada da *Revista de Antropofagia*, São Paulo: Abril/Metal Leve, 1975.

CAMPOS, Augusto de. Prolifograma: dp. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 30 out. 1987. Folhetim.

CAMPOS, Haroldo de. “Miramar na mira”. Intr. crít. a Memórias sentimentais de João Miramar. In: ANDRADE Oswald de. *Obras completas*, v. 2, op. cit.

CAMPOS, Haroldo de. Serafim: um grande não-livro. Intr. crít. a Serafim Ponte Grande. In: ANDRADE Oswald de. *Obras completas*, v. 2, op. cit.

CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. *Boletim Bibliográfico*. São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, 44(1-4), jan.-dez., 1983.

CAMPOS, Haroldo de. O vôo da razão sensível de Hélio Oiticica, *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 26 jul. 1987. Ilustrada.

CÂNDIDO, Antonio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CÂNDIDO, Antonio. *Carnavalescos* – Folheto de apresentação da exposição/instalação Carnavalescos. São Paulo: MAC, jun.-jul., 1987.

CARDOSO, Sérgio [et al.]. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Bernardo de. MAC promove mudanças na forma de atuação, *Folha de S. Paulo*, São Paulo: Ilustrada.

CASTAÑEDA, Carlos. *O segundo círculo de poder*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CASTEL, Robert. *La gestion des risques*. Paris: Minuit, 1981.

CHNAIDERMAN, Miriam. *Hiato convexo-literatura e psicanálise*. Dissertação de mestrado. PUC-SP, 1987.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência*. Ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DA MATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DA MATTA, Roberto. Conjugando o carnaval, *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 4 mar. 1984. Folhetim.

DANEY, Serge. *Ciné journal*. Paris: Ed. Cahiers du Cinéma, 1986.

DA POIAN, Carmem, [org]. *Homem/Mulher* – abordagens sociais e psicanalíticas. Rio de Janeiro: Tauros, 1987.

DELEUZE, Gilles. *Empirisme et subjectivité: essai sur la nature humaine selon Hume*. Paris: PUF, 1953.

DELEUZE, Gilles. *Le bergsonisme*. Paris: PUF, 1966.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 1968.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Semeion, 1976.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza – philosophie pratique*. Paris: Minuit, 1981.

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon, logique de la sensation*. Paris: Ed. De la Différence, 1981.

DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Tauros, 1983.

DELEUZE, Gilles. *Cinéma I – L'image-mouvement*. Paris: Minuit, 1983.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

DELEUZE, Gilles. *Cinéma II – L'image-temps*. Paris: Minuit, 1985.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Paris: Minuit, 1986.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DELEUZE, Gilles. Un nouvel archiviste, Michel Foucault. *Critique, revue générale des publications françaises et étrangères*. Paris: Minuit, 1970.

DELEUZE, Gilles. Capitalisme et schizophrénie, *L'Arc*, Deleuze. Paris, (49), 2. trim., 1972.

DELEUZE, Gilles. L'interprétation des énoncés, *Politique et psychanalyse*, Paris: Bibl. Des Mots Perdus, s. d. Edição artesanal.

DELEUZE, Gilles. Ecrivain non: un nouveau cartographe. *Critique, revue générale des publications françaises et étrangères*, Paris: (343), dez., 1975.

DELEUZE, Gilles. Artigos, cartas e conferências. In: CARRILHO Manoel Maria, [org]. *Capitalismo e esquizofrenia – dossier Anti-Édipo*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1976 (Cadernos Peninsulares/ nova série, ensaios 20).

DELEUZE, Gilles. Quatro proposições a respeito da psicanálise. In: KATZ, Chaim S., (org.) *Psicanálise, poder e desejo*. Rio de Janeiro: IBRAPSI, 1979.

DELEUZE, Gilles. Prefácio. In: DONZELOT, Jacques. *Polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982 (Biblioteca de Filosofia e Ciências Humanas, dir. Roberto Machado, 7).

DELEUZE, Gilles. Retrato do filósofo como espectador. Entrevista a Hervé Guibert, do *Le Monde*, Folha de S. Paulo, São Paulo: 25. Fev. 1984. Ilustrada.

DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: MARTON, Scarlett [org]. *Nietzsche hoje?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. Entrevista a Antoine Delaure e Claire Parnet, *L'Autre Journal*, Paris: agosto 1986.

DELEUZE, Gilles. Foucault por Deleuze. Entrevista a Robert Maggiori do *Libération*, Folha de S. Paulo, São Paulo: 20 set. 1986. Ilustrada.

DELEUZE, Gilles & DELEUZE, Fanny. Prefácio. In: LAWRENCE, D. H. *Apocalypse*. Paris: Balland/France-Adel, 1978.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 14 mai 1914. Un seul on plusieurs loups? Minuit, Revue périodique, Paris: *Minuit*, (5) sept. 1973.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 28 novembre 1947 – Comment se faire un corps sans organes?. *Minuit*, Paris: (10), set. 1974.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Le nouvel arpenteur: intensités et blocs d'enfance dans Le château. *Critique*, Paris: (318), nov. 1973.

DELEUZE, Gilles & PARNET Claire. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1977.

DURAS, Marguerite. *L'amant*. Paris: Munit, 1984.

ESPINOZA, Baruch. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

FINKIELKRAUT, Alain. *La Sagesse de l'amour*. Paris: Gallimard, 1984.

FINKIELKRAUT, Alain & BRUNCKNER, Pascal. *Lanouveau désordre amoureux*. Paris: Seuil, 1977.

FITZGERALD, S. *La fêlure*. Paris: Gallimard, 1984.

FONSECA, Rubem. *Bufo & Spallanzani*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: jun. 1974; (Letras e Artes); (mimeo).

FOUCAULT, Michel. *Theatrum filosoficum*. Porto: Anagrama, 1975.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Grassl, 1982 (Biblioteca de Filosofia e Ciências Humanas, dir. Roberto Machado, 7).

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, v.1 (1982), 2 (1984) e 3(1985).

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, Freud e Marx". In: NIETZSCHE, Paris: Minuit, 1967 (*Cahiers de Royaumont – Philosophie*, 6).

FOUCAULT, Michel. "Pourquoi étudier le pouvoir: la question du sujet". In: DREYFUS, H. & RABINOV, P. *Michel Foucault – Un parcours philosophique*. Paris: Gallimard, 1984.

FREIRE COSTA, Jurandir. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE COSTA, Jurandir. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. "Deuil et mélancolie". In: _____. *Métapsychologie*. Paris: Gallimard, 1976 (Idées).

FREUD, Sigmund. Analyse terminée et analyse interminable. *Revue Française de Psychanalyse*, 39, Paris: PUF, mai-juin, 1975.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. *Desregulagens*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. *Alienação e capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Vãos)

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. Entre a logística e a política. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 16 abr. 1984. Tendências e Debates.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. Lautréamont e a agonia do leitor. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 1 maio 1983. Folhetim.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. O Estado Suicida I. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 29 jun. 1983.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. O Estado Suicida II. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 30 de jun. 1983.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. O veículo e a máquina de morar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 25 set. 1987. Folhetim.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. Reprise. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 4 mar. 1984.

GODARD, Jean-Luc. *Jean-Luc Godard par Jean-Luc Godard*. Paris: Ed. Cahiers du Cinéma, 1985.

GODARD, Jean-Luc. Le cinéma, l'enfance, la vie. *L'Autre Journal*, Paris: (2), jan. 1985.

GUATTARI, Félix. *Psychoanalyse et transversalité*. Paris: François Maspero, 1972.

GUATTARI, Félix. *La révolution moléculaire*. Fontenay-Sous-Bois: Recherches, 1977.

GUATTARI, Félix. *La révolution moléculaire*. Paris: U.G.E., 1977 (10/18) (reed. transformada).

GUATTARI, Félix. *L'inconscient machinique, essais de schizo-analyse*. Paris: Recherches, Encre, 1979.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Org., apres., trad. e notas Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix. *Les années d'hiver, 1980-1985*. Paris: Bernard Bataille, 1986.

GUATTARI, Félix. Micro-politique du désir. In: VERDIGLIONE, Armando, (org.). *Psychoanalyse et politique*. Paris: Seuil, 1974.

GUATTARI, Félix. Entrevista. In: *L'intervention institutionnelle*. Paris: Payot, s/d (Petite Bibliothèque Payot, 382).

GUATTARI, Félix. Semiologies et sémiotiques a-signifiantes. In: VERDIGLIONE, Armando (org.). *Psychoanalyse et politique*, Acts du Colloque de Milan. Paris: U.G.E., 1975 (10/18).

GUATTARI, Félix. Revolución molecular y lucha de clases. In: MARCOS, Sylvia (org.). *Antipsiquiatria y política*. México: Extemporáneos, 1980.

GUATTARI, Félix. Note concernant un projet de Fondation pour les initiatives locales, les innovations institutionnelles, le recherche active en science sociale, l'animation et la recherche culturelle. *Opus International*, Paris: (85), été 1982.

GUATTARI, Félix. Revolution molecular. In: MARCOS, Sylvia (org.). *Manicomios y prisiones*. México: Red, 1983.

GUATTARI, Félix. Les énergétiques sémiotiques. Conferência proferida no *Colóquio de Cerisy*, Temps et devenir à partir de l'oeuvre de Ilya Prigogine, jun. 1983 (inédito).

GUATTARI, Félix. Soixante cinq rêves de Kafka. Paris: jul. 1984 (inédito).

GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. In: *Espaço & Debates*, Revista de estudos regionais e urbanos, São Paulo: 5 (16), 1985.

GUATTARI, Félix. Entrevista a Michel Butel e Antoine Dalaure. *L'Autre Journal*, (5), mai. 1985.

GUATTARI, Félix. Debate com Ilya Prigione e Mony Elkaïm. *Cabiers critiques de thérapie familiale et de pratiques de réseaux, Réseaux-systèmes-agencements*, Bruxelles, Gamma, s/d.

GUATTARI, Félix. Prefácio. In: MACHADO, A., MAGRI, C., MANZAGÃO, M. *Rádios livres - a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUATTARI, Félix. Impasse pós-moderno e transição pós-mídia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 13 abr. 1986. Folhetim.

GUATTARI, Félix. As novas alianças: movimentos sociais e movimentos alternativos. *Desvios*. São Paulo: Paz e Terra, mar. 1986.

GUATTARI, Félix. La production de subjectivité. Paris: juin 1986 (inédito).

GUATTARI, Félix. Genet retrouvé. Paris: août 1986 (inédito).

GUATTARI, Félix & NEGRI, Toni. *Les Nouveaux espaces de liberté*. Paris: Dominique Badou, 1985.

GUATTARI, Félix & Rolnik, Suely. *Micropolítica - cartografias de desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUGGENBUHL-GRAIG, Adolf. *O casamento está morto*. Viva o casamento. São Paulo: Símbolo, 1980.

HAYMAN, David. Um passo além de Bakhtine: por uma mecânica dos modos. In: *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: (62), jul-set, 1980.

HITCHCOCK, Alfred. *Hitchcock, Truffaut - entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JAKOBSON, Roman. Prefácio. In: BAKHTINE, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

KAFKA, Franz. *La muraille de chine et autres récits*. Paris: Gallimard, 1975 (Folio).

KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

KAFKA, Franz. *A colônia penal*. São Paulo: Nova Época, s/d.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KIERKEGARD, Soeren. *Le journal du séducteur*. Paris: Gallimard, 1943.

KIERKEGARD, Soeren. *In vino veritas/La repetición*. Madrid: Guadarrama, 1976.

KIERKEGARD, Soeren. *Crante et tremblement*. Paris: Aubier, 1984.

KLINK, Amyr. *Cem dias entre céu e mar*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LAWREWNCE, D. H. *Homme d'abord*. Paris: U.G.E., 1968 (10/18).

LAWREWNCE, D. H. *Eros et les chiens*. Paris: Bourgois, 1969.

LAWREWNCE, D. H. *El oficial pruciano y otras historias*. Barcelona: Bruquera, 1980.

LAWREWNCE, D. H. O Homem que morreu. In: *O amor no feno*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1982.

LAWRENCE, D. H. *La nouvelle Eve et viel Adam*. Paris: Presses Pocket, 1984.

LES CAHIERS DU GRIF. *La dépendance amoureuse*. Paris: Tierce, 1985.

LES CAHIERS DU GRIF. *L'indépendance amoureuse*. Paris: Tierce, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1976.

LYOTARD, Jean François. *Dérive à partir de Marx et Freud*. Paris: U.G.E., 1973 (10/18).

LYOTARD, Jean François. *Économie libidinale*. Paris: Minuit, 1974.

MCDOUGALL, Joyce. *Plaidoyer pour certaine anormalité*. Paris: Gallimard, 1978.

MCDOUGALL, Joyce. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Destins du canibalisme (6), automne 1972; Bissexualité et différence des sexes (7), printemps 1973; La passion, printemps (27), 1980, Paris.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MATOS, Olgária. Reflexões sobre o amor e a mercadoria. In: *Discurso*, São Paulo: (13), 1983.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MILLER, Henry. *A sabedoria do coração*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

MORSE, M. Richard. Expressão e pensamento na América Latina. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 11 jul. 1987, Ilustrada.

NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*. São Paulo: Cultura, 1978.

NELLI, René. *L'érotique des trubadours*. Toulouse: Privat, 1963.

NIETZSCHE, Friedrich. *Par-delà le bien et le mal/ La généalogie de la morale*. Paris: Gallimard, 1971.

NIETZSCHE, Friedrich. *Écrits posthumes* (Verité et mensonge au sens extra-moral). Paris: Gallimard, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. *La naissance de la tragédie*. Paris: Gallimard, 1977.

NIN, Anaïs. *Cahiers secrets* (Henry et June). Paris, Stock, 1986.

NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Mic/1972, v.6.

OLIVER, Christiane. *Os filhos de Jocasta - A marca da Mãe*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

ORLANDI, Luis B. L. Agüição da dissertação de mestrado *Identidade: formação e uso - Um ensaio a partir da produção de subjetividade capitalística e dos processos de singularização*, de SELAIBE, Mara, Pós Graduação de Psicologia Social - PUC/SP, 1987.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê - a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Néstor. *O que é Aids*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Néstor. Os devires minoritários. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 29 jun. 1986. Folhetim.

PERRIER, François. *La chaussée d'Antin/Antienne*. Paris: U.G.E., 1978 (10/18).

PERRIER, François. *La chaussée d'Antin/2*. Paris: U.G.E., 1978 (10/18).

PROUST, Marcel. Sodome et Gomorrhe. In: *A la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1954. v. 2.

REICH, Wilhelm. *La psicologia de masse du fascisme*. Paris: Payot, 1972.

RODRIGUEZ MONEGAL, Emir. Carnaval/antropofagia/paródia, *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: (62), jul-set. 1980.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro Completo* (org. Sábado Magaldi). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROLNIK, Suely. La mémoire du corps Mémoire de Diplôme d'Etudes Supérieures Spécialisés (D.E.S.S.), U.F.R. de Sciences Humaines Cliniques, Université de Paris VII, 1978.

ROLNIK, Suely. As novas espécies de aliança. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 03 jun. 1986. Folhetim

ROLNIK, Suely. Entrevista. *Fala Galba*, Belo Horizonte: jan-fev. 1987.

ROLNIK, Suely. Introdução a *Impasse pós-moderno e transição pós-mídia*, de Félix Guatarri, *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 13 abr. 1986.

ROLNIK, Suely. O "homem da linha" encontra a "femme fatale". *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 5 jan. 1989. Ilustrada.

ROLNIK, Suely. Asas do desejo, o cinema-vôo. *Folha de S. Paulo*: São Paulo, 11 mar. 1989. Folhetim.

ROLNIK, Suely & CLARK, Lygia. Objeto relacional. In: MEC-FUNARTE. *Lygia Clark*. Rio de Janeiro: 1980 (Arte Brasileira Contemporânea).

ROUGEMONT, Denis de. L'amour et l'occident. Paris: U.G.E., 1972 (10/18).

SALOMÃO, Wally. Praia de Tropicália; o movimento faz 20 anos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 12 de out. 1987. Ilustrada.

SARDUY, Severo. Sarduy volta para Cuba depois de 27 anos. Entrevista a Caio Túlio Costa. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 16 de out. 1987. Ilustrada.

SELAIBE, Mara. *Identidade: formação e uso - um estudo a partir da produção de subjetividade capitalística e dos processos de*

singularização. Dissertação de mestrado, Pós-Graduação de Psicologia Social – PUC/SP, 1987.

SILVA BRITTO, Mário da. Perfil de Oswald de Andrade. In: ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Global, 1987 (Múltipla).

SINGER, Isaac Beschevis. *Inimigos* – uma história de amor. Porto Alegre: L&PM, 1983.

VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo* – Carta de viagens e descobertas, a visão do paraíso. Org., trad. e introd. de Luiz Renato Martins. Porto Alegre: L&PM, 1984.

VEYNE, Paul. Foucault revolutionne l'histoire. In: *Comment on écrit l'histoire*. Paris: Seuil, 1973.

VIRILIO, Paul & LOTRINGER, Sylvère. *Guerre pura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Y KING: *Le livre des transformations*. Paris: Médicis, 1973.

WINNICOTT, D. W. *Jeu et réalité* – L'espace potentiel. Paris: Gallimard, 1971.

REVISTAS

Change International, revue trimestriestrielle de la Fondation Transculturale Internationale, Paris, (1), automne 1983; (2) mai, 1984.

Chimères, revue des schizoanalyses, Paris, (1), printemps 1987; (2), até 1987; (3), automne 1987.

Internationale situationniste. Paris, Champs-Libre, 1975.

Recherches, revue de la Fédération des Groupes d'Études et de Recherches Instituitinelles (F. G. E.R.I.) 1966-69.

Traverses, "Le simulacre", Paris, n.10, fév. 1978.

FILMOGRAFIA

CHNAIDERMAN, Miriam. *Estranho corpo estranho*, Super-8. São Paulo, 1981.

GODARD, Jean-Luc. *Je vous salue Marie*. França, 1985.

HITCHCOCK, Alfred. *North by Northwest* [Intriga Internacional]. EUA, 1958.

HITCHCOCK, Alfred. *Vertigo* [Um corpo que cai]. EUA, 1958.

RENAIS, Alain. *Melo*. França, 1986.

DISCOGRAFIA

CARLOS, Roberto e Erasmo. "Fera Ferida", LP Caetano. Rio de Janeiro: Polygram Discs, Phonobrás distr., 1987.

GIL, Gilberto. "O sonho acabou", LP *Temporada de verão*. Rio de Janeiro: Phillips, Phonogram distr., 1974.

GIL, Gilberto e NETO, Torquato. "Geléia geral", LP *A arte de Gilberto Gil*. Rio de Janeiro: Fontana, Phonogram distr., 1975.

GIL, Gilberto e NETO, Torquato; CAPINAM. "Soy loco por tí América", LP *A arte de Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Fontana, Phonogram distr., 1975.

VELOSO, Caetano. "Alegria, alegria", LP *A arte de Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Fontana, Phonogram distr., 1975.

VELOSO, Caetano. "José", LP *Caetano*, idem.

VELOSO, Caetano. "Língua", LP *Velô*. Rio de Janeiro: Phillips, 1971.

VELOSO, Caetano. "London, London", LP *Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Phillips, 1971.

VELOSO, Caetano. "Muito romântico", LP *Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Phillips, 1971.

VELOSO, Caetano. "Sampa", LP "Muito" (Dentro da estrela azulada). Rio de Janeiro: Phillips, 1978.

VELOSO, Caetano. "Superbacana", LP *A arte de Caetano Veloso*, op. cit.

VELOSO, Caetano. "Tempo", LP *Cinema transcendental*. Rio de Janeiro: Polygram, 1979.

EXPOSIÇÕES

Carnavalescos – exposição/instalação realizada no Museu de Arte Contemporânea (MAC) de São Paulo, em jun.-jul. 1987. Curadores: Ana Mae Barbosa, Luisa Olivetto e Roberto Loeb.

IMPrensa

Breve pesquisa de imagens e discursos acerca da *hippie-em-nós* e da *militante-em-nós*, entre 1969-70:

- *Jornal Folha de S. Paulo*
- *Jornal Notícias Populares*
- *Revista Manchete*

SEMINÁRIOS

ULPIANO, Claudio. Seminários de Filosofia. São Paulo, maio-jun. 1986.
DA COSTA, Rogerio. Seminários de Filosofia. São Paulo, 1988-89.

ENTREVISTAS

Entrevista com Robert CASTEL, São Paulo, 29 abr. 1987.

GRUPOS DE DISCUSSÃO

- Reuniões de trabalho a cerca de temas da tese:
"Micropolítica das relações amorosas"
"Simulação"
"Contracultura"
"Produção de subjetividade na era da cultura industrial/ eletrônica"
"Cartografia"
- Grupo de Trabalho sobre "A amizade entre as mulheres, hoje: para além do ressentimento"

CORRESPONDÊNCIA

Com Eliane George (desde 1979)

Com Félix Guattari (desde 1979)

*Il ne faut rien comprendre.
Il faut prendre. Prends moi
Jean-Luc Godard,
Passion*

COLEÇÃO CARTOGRAFIAS

Coordenação: Tania Mara Galli Fonseca

A Coleção Cartografias publica obras consideradas transdisciplinares, nas quais se cruzam saberes provindos das Ciências, das Artes e da Filosofia. Sustenta-se em proposições conceituais e metodológicas do espírito construcionista do paradigma ético-estético proposto pela Filosofia da Diferença.

Títulos Publicados

A face oculta da organização. A microfísica do Poder na gestão do trabalho

José Mário Neves

Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo.

Suely Rolnik

Grupo: a afirmação de um simulacro

Regina Benevides de Barros

Trabalho e loucura: por uma biopolítica dos afetos

Selda Engelman

Rizomas da Reforma Psiquiátrica: a difícil reconciliação

Tania Mara Galli Fonseca, Selda Engelman e Cláudia Maria Perrone

O impensável na clínica: virtualidade nos encontros clínicos

Luis Eduardo P. Aragon

Os cantos de Fouror: esrileitura em filosofia-educação
Sandra Mara Corazza

Rumores Discretos da Subjetividade: sujeito e escritura em processo

Rosane Preciosa

Três esquizos literários: Antonin Artaud, Raymond Roussel e Jean-Pierre Brisset

Marcos Eduardo Rocha Lima

À Flor da Pele - Subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo

Leila Domingues